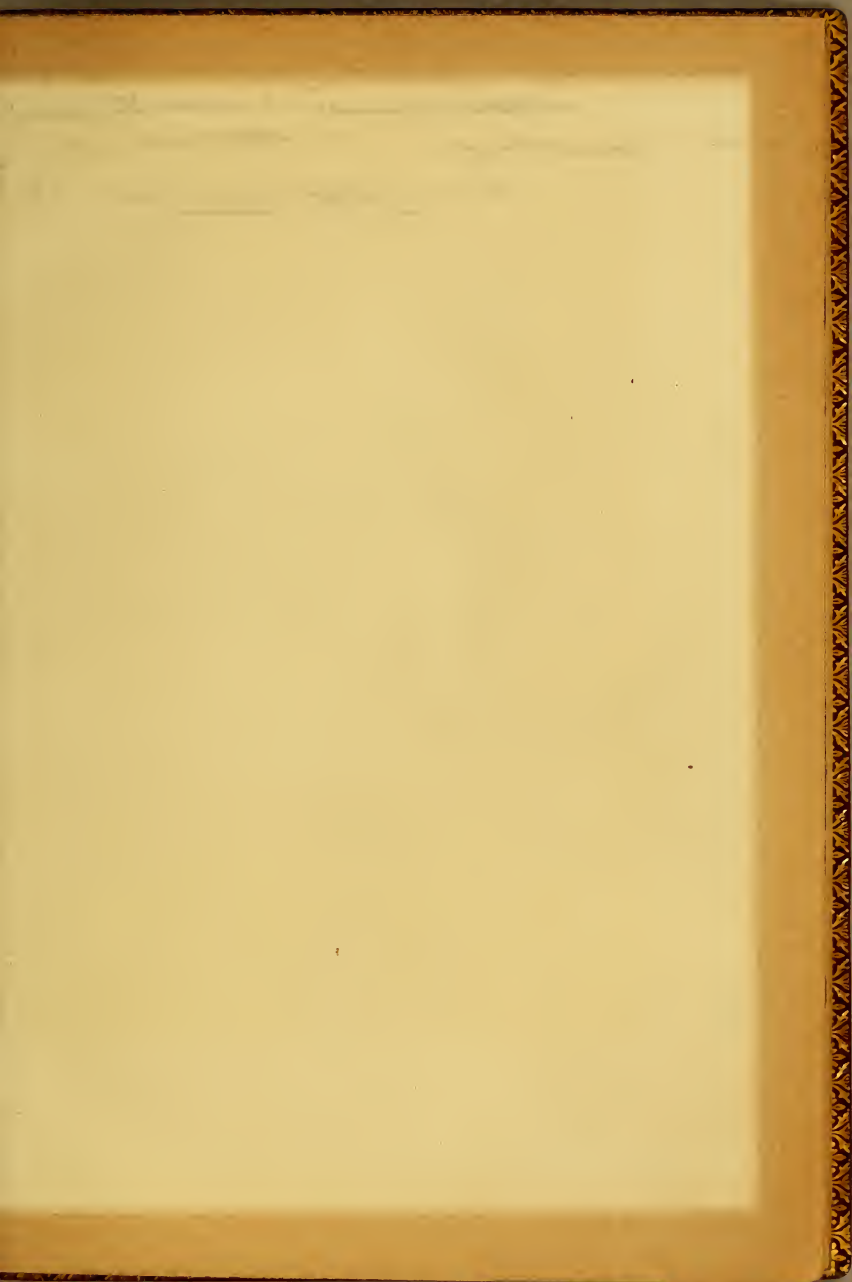
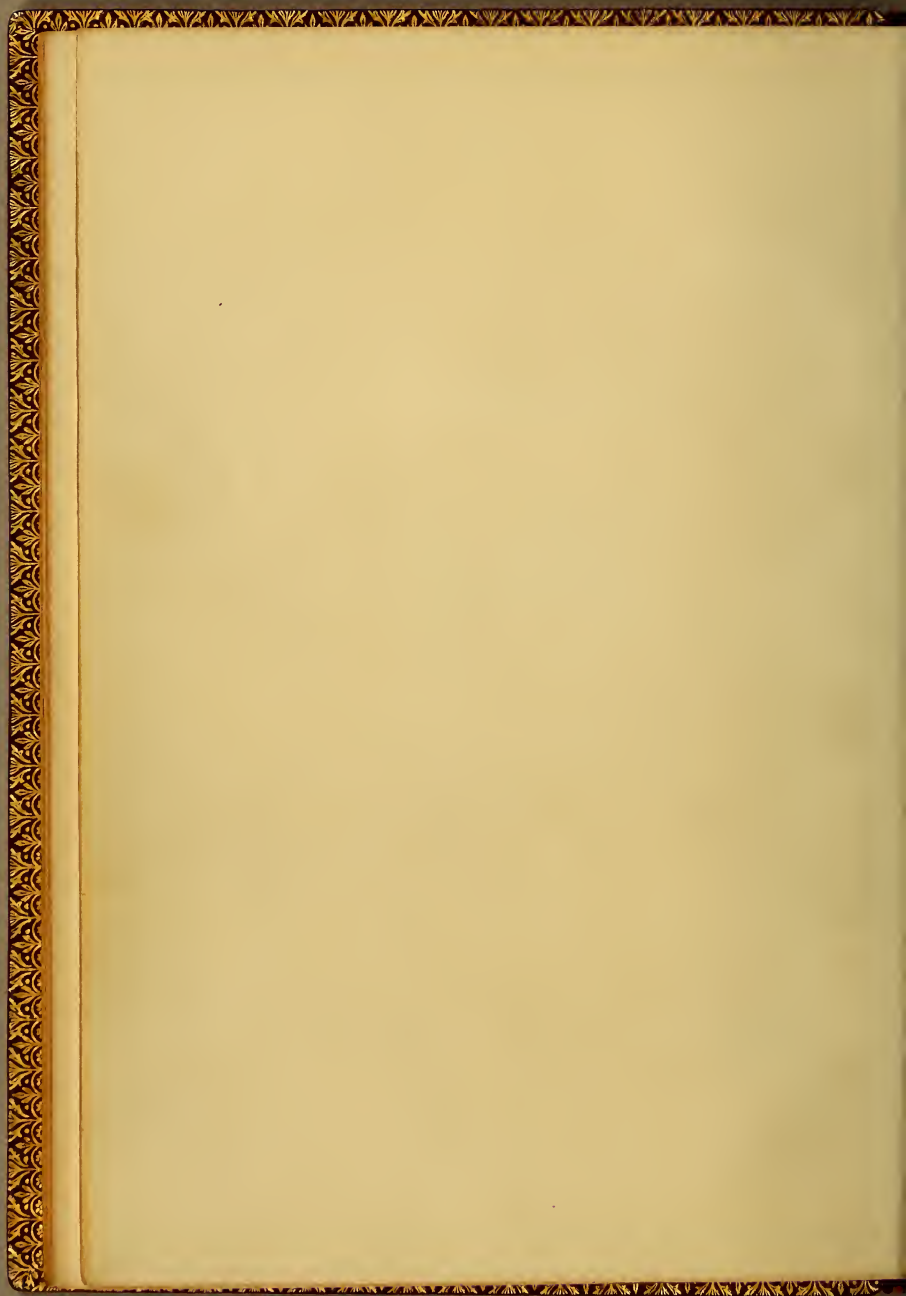





John Carter Brown  
Library  
Brown University








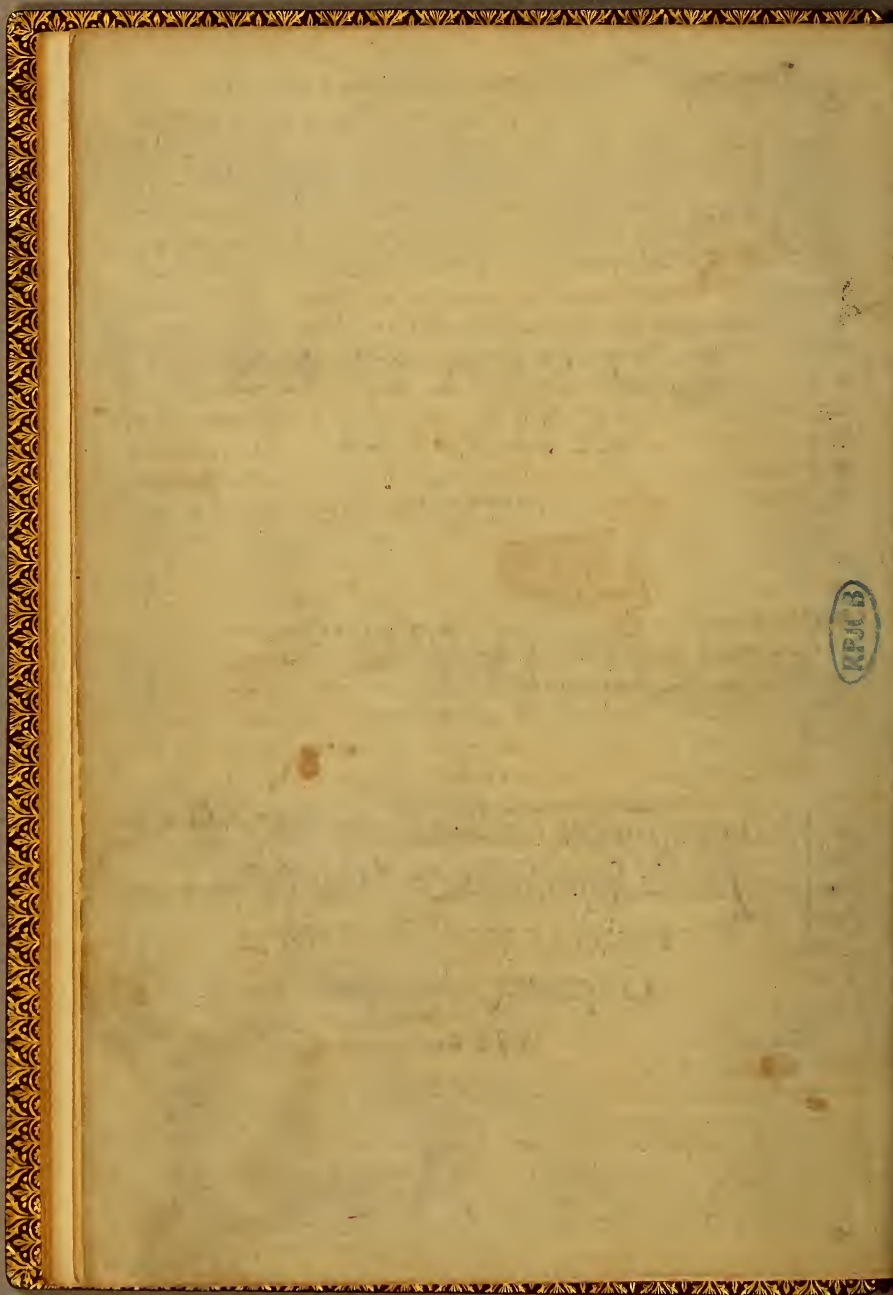
OS  
LUSIADAS  
de Luis de Ca-  
moës.

COM PRIVILEGIO  
REAL.

*Impressos em Lisboa, com licença da  
sancta Inquisição, & do Ordina-  
rio: em casa de Antonio  
Gõçalvez Impressor.*

1572.





RPL B



Vel Rey faço saber aos que este Aluara viré que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camões pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Oçtaua rima chamada Os Lusíadas, que cõ tem dez cãtos perfeitos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portugueses nas partes da India depois q̃ se descobrio a nauegação pera ellas por mádado del Rey dom Manoel meu visauo q̃ sancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tẽpo de dez annos que se começarão do dia q̃ se a dita obra acabar de imprimir em diãte, se não possa imprimir né vender em meus reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, né leuar aas ditas partes da India pera se vèder sem licẽça do dito Luis de Camões ou da pessoa que pera isso seu poder tiuer, sobpena de quẽ o contrario fizer pagar cincoõta cruzados & perder os volumes que imprimir, ou vender, ametade pera o dito Luis de Camões, & a outra metade pera quem os acusar. E antes de se a dita obra vender lhe sera polto o preço na mesa do despacho dos meus Desembargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na primeira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geeral do sancto officio da Inquisiçam, pera com sua licença se auer de imprimir, & se o dito Luis de Camões tiuer acrescentados mais algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença do sancto officio, como acima he dito. E este meu Aluara se imprimirá outrossi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feyta em meu nome, per mim asinada, & passada por minha Chancelaria, sem embargo da Ordenaçam do segundo liuro. titulo xx. que diz que as coufas cujo effeito ouuer de durar mais que hum anno passem per cartas, & passando per aluaras não valham. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a vinte & quatro dias do mes de Setembro, de M. D. LXXI. Iorge da Costa o fiz escreuer.

**V**I por mandado da sancta & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia, & Europa, & não achey nelles cousa algũa escandalosa, nem contraria á fee & bõs costumes, somente me pareceo que era necessario aduertir os Lectores que o Author pera encarecer a difficuldade da nauegaçam & entrada dos Portugueses na India, vsa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retractações se retrakte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deosfas. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estillo Poetico, não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendoa per tal, & ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fee, que todos os Deoses dos Gentios sam Demonios. E por isso me pareceo o Liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho, & muita erudição nas sciencias humanas. Em fe do qual a siney aqui.

Frey Bertholameu  
Ferreira.



**OS LUSIADAS**  
**DE LVIS DE**  
**CAMÕES.**

**Canto Primeiro.**



**A** Sarmas, & os ba-  
rões aſſinalados,  
Que da Occidental praya Luſi-  
tana,  
Por mares, nunca de antes na-  
uegados,  
Paſſaram, ainda alem da Taprobana,  
Em perigos, & guerras eſforçados,  
Mais do que prometia a força humana,  
Entre gente remota edificáram  
Nouo Reino, que tanto ſublimáram:

E tambem as memorias glorioſas  
Daquelles Reis, que foram dilatando  
A Fee, o Imperio, & as terras vicioſas  
De Africa, & de Aſia, andaram deuaſtãdo  
E aquelles que por obras valeroſas  
Se vão da ley da Morte libertando.  
Cantando eſpalharey por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

**A** Ceſſemo

OS LUSIADAS DE L. DE CA!

Cessem do sabio Grego, & do Troyano,  
As nauegações grandes que fizeram:  
Callese de Alexandro, & de Trajano  
A fama das victorias que tiueram,  
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,  
A quem Neptuno, & Marte obedeceram:  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vos Tagides minhas, pois criado  
Ten les em my hum nouo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde celebrado,  
Foy de my vosso rio alegren ente,  
Dai me agora hum som alto, & sublimado,  
Hum estillo grandiloco, & corrente:  
Porque de vossas agoas Phebo ordene,  
Que nam tenham enueja ás de Hypocrene.

Dai me hũa furia grande & sonora,  
E nam de agreste a vena, ou frauta ruda:  
Mas de tuba canora & belicosa,  
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:  
Dai me igoal canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:  
Que se espalhe & se cante no vniuerso,  
Se tam sublime prego cabe em verso.

E vos

CANTO PRIMEIRO.

E vos ò bem nascida segurança  
Da Lusitana antiga liberdade,  
Enão menos certissima esperança,  
De aumento da pequena Christandade:  
Vos ò nouo temor da Maura lança,  
Marauilha fatal da nossa idade:  
Dada ao mundo por Deos que todo o mande,  
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenro, & nouo ramo florecente,  
De bũa arvore de Christo mais amada  
Que nenhũa n' scida no Occidente,  
(faria, ou Christianissima chamada:  
Vedeo no vosso escudo, que presente  
Vos amostra a victoria ja passada.  
Na qual vos deu por armas, & deixou  
As que elle pera sina Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,  
O Sol logo em nascendo ve primeiro:  
Veo tambem no meyo do Hemispherio,  
E quando dece o deixa derradeiro.  
Vos que esperamos jugo & vituperio,  
Do torpe Ismaelita caualleiro:  
Do Turco Oriental, & do Gentio,  
Que inda bebe o licor do sancto Rio.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Inclinay por hum pouco a magestade,  
Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que ja se mostra qual na inteira idade,  
Quando sobindo yreis ao eterno templo,  
Os olhos da real benignidade  
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,  
De amor, dos patrios feitos valerosos,  
Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, nam mouido  
De premio vil: mas alto, & quasi eterno,  
Que nam he premio vil ser conhecido,  
Por hum pregam do ninho meu paterno.  
Oui vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem sois senhor superno:  
E julgareis qual he mais excellente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Oui, que nam vereis com vãs façanhas,  
Fantásticas, fingidas, mentirozas,  
Louuar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer se desejosas:  
As verdadeiras vossas sam tamanhas,  
Que excedem as sonhadas fabulosas:  
Que excedem Rodamôte, & o vão Rugeiro,  
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por

CANTO PRIMEIRO. 3

Por estes vos darey hum Nuno fero,  
 Que fez ao Rei, & ao Reino tal serviço,  
 Hum Egas, & hũ dom Fuas, q̃ de Homero  
 A Citera pãrelles fo cobico:  
 Pois polos doze Pares daruos quero,  
 Os doze de Inglaterra, & o seu Magrico:  
 Douuos tambem aquelle illustre Gama  
 Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,  
 Ou de Cesar, quereis igual memoria,  
 Vede o primeiro Afonso, cuja lanca  
 Escura faz qualquer estranha gloria:  
 E aquelle que a seu Reino a seguranca  
 Deixou, com a grande & prospera victoria:  
 Outro Ioanne, inuicto caualleiro,  
 O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,  
 Aquelles que nos Reinos la da Aurora,  
 Se fizeram por armas tam subidos,  
 Vossa bandeira sempre vencedora.  
 Hum Pacheco fortissimo, & os temidos  
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:  
 Albuquerque terribil, Castro forte,  
 E outros em quem poder não teue a morte.

OS LVSIADAS DE L. DE CAJ

Em quanto eu estes canto, & a vos nam posso  
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,  
Tomay as redeas vos do Reino vosso,  
Dareis materia a nunca ouuido canto:  
Comecem a sentir o peso grosso,  
(Que polo mundo todo faça espanto,)  
De exercitos, & feitos singulares,  
De Africa as terras, & do Oriete os mares.

Em vòs os olhos tem o Mouro frio,  
Em quem vè seu exicio afigurado,  
So com vos ver o barbaro Gentio,  
Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado,  
Thetis todo o ceruleo senhorio,  
Tem pera vòs por dote aparelhado:  
Que afeiçoada ao gesto bello, & tenro,  
Deseja de compraruos pera genro.

Em vòs se vem da Olimpica morada,  
Dos dous auòs, as almas ca famosas,  
Hũa na paz Angelica dourada,  
Outra polas batalhas sanguinosas:  
Em vòs esperam, ver se renouada  
Sua memoria, & obras valerosas.  
E la vos tem lugar no fim da idade,  
No templo da suprema eternidade.

ACANTO PRIMEIRO.

Mas em quanto este tempo passa lento,  
 De regerdes os pouos, que o desejam:  
 Day vos fauor ao nouo atreuimento,  
 Pera que estes meus versos vossos sejam.  
 E vereis ir cortando o falso argento:  
 Os vossos Argonautas, porque vejam,  
 Que sam vistos de vos no mar yrado,  
 E costumaiuos ja a ser innocado.

Ja no largo Oceano nauegauam,  
 As inquietas ondas apartando,  
 Os ventos brandamente respirauam,  
 Das naos as vellas concauas inchando:  
 Da branca escuma, os mares se mostrauão  
 Cubertos, onde as proas vam cortando,  
 As maritimas agoas consagradas,  
 Que do gado de Proteo sam cortadas.

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,  
 Onde o gouerno está da humana gente,  
 Se ajuntam em consilio glorioso,  
 Sobre as cousas futuras do Oriente:  
 Pisando o cristalino Ceo fermoso,  
 Vem pela via Lactea, juntamente,  
 Conuocados da parte de Tonante,  
 Pelo Neto gentil do velho Atlante.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Deixam dos sete Ceos o regimento,  
Que do poder mais alto lhe foy dado,  
Alto poder, que so co pensamento  
Gouerna o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:  
Ali se acharam juntos num momento,  
Os que habitam o Arcturo congelado.  
E os que o Austro tem, & as partes onde  
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

Estaua o Padre ali sublime & dino,  
Que vibra os feros rayos de Vulcano,  
Num assento de estrellas cristalino,  
Com gesto alto, seueros, & soberano,  
Do rosto respiraua hum ar diuino,  
Que diuino tornâra hum corpo humano:  
Com hũa coroa, & ceptro rutilante,  
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos marchetados  
De ouro, & de perlas, mais abaixo estauão  
Os outros Deoses todos assentados,  
Como a Razam, & a Ordem concertauam:  
Precedem os antigos mais honrados,  
Mais abaixo os menores se assentauam:  
Quando Iupiter alto assi dizendo,  
Cum tom de voz começa, graue & borendo.  
Eternos



CANTO PRIMEIRO. 5

Eternos moradores do luzente

Estelifero polo, & claro assento,  
 Se do grande valor da forte gente,  
 Do Luso, nam perdeis o pensamento,  
 Deueis de ter sabido claramente  
 Como he dos fados grandes, certo intento,  
 Que por ella sesqueçam os humanos,  
 De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

Ia lhe foy (bem o vistes) concedido

Cum poder tam singelo, & tam pequeno,  
 Tomar ao Mourro forte & guarnecido,  
 Toda a terra que rega o Tejo ameno:  
 Pois contra o Castelbano tam temido,  
 Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.  
 Assim que sempre em fim com fama & gloria  
 Teue os tropheos pendentes da victoria.

Deixo Deoses atras a fama antiga,

Que co a gente de Romulo alcançaram,  
 Quando com Variato, na inimiga  
 Guerra Romana tanto se affamaram.  
 Tambem deixo a memoria que os obriga  
 A grande nome, quando aleuantaram  
 Hum por seu capitam, que peregrino  
 Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Agora vedes bem, que cometendo,  
O diuidoso mar, num lenho leue  
Por vias nunca vsadas, nam temendo  
De Africo & Noto a força a mais satreue:  
Que auendo tanto ja que as partes vendo,  
Onde o dia he comprido, & onde breue.  
Inclinam seu proposito, & persia  
A ver os berços, onde nasce o dia.

Prometido lhe está do fado eterno,  
Cuja alta ley nam pode ser quebrada,  
Que tenham longos tempos o gouerno  
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:  
Nas agoas tem passado o duro Inuerno,  
A gente vem perdida & trabalhada.  
La parece bem feito, que lhe seja  
Mostrada a noua terra que deseja.

E porque, como vistes, tem passados  
Na viagem, tam asperos perigos,  
Tantos climas, & ceos experimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos  
Que sejam, determino, agasalhados  
Nesta costa Africana, como amigos:  
E tendo guarnecida a lassa frota,  
Começaram a seguir sua longa rota.

Estas

CANTO PRIMEIRO: 6

Estas palauras Iupiter dezia,  
 Quando os Deoses per ordem respondendo,  
 Na sentença hum do outro difiria,  
 Razões diuersas dando & recebendo:  
 O padre Baco, ali nam consentia  
 No que Iupiter disse, conhecendo  
 Que esqueceram seus feitos no Oriente,  
 Se la passar a Lusitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria  
 Hũa gente fortissima de Hespanha  
 Pelo mar alto, a qual sujeitaria  
 Da India, tudo quanto Doris banha,  
 E com nouas victorias venceria  
 A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.  
 Altamente lhe doe perder a gloria,  
 De que Nisa celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o Indo sojugado,  
 E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,  
 Por vencedor da India ser cantado,  
 De quantos bebem a agoa de Parnaso:  
 Teme agora que seja sepultado  
 Seu tam celebre nome, em negro vaso,  
 Dagoa do esquecimento, se la cbegam  
 Os fortes Portugueses, que nauegam.

Sustentaria

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Sustentava contra elle Venus bella,  
Afeiçãoada aa gente Lusitana,  
Por quantas qualidades via nella,  
Da antiga tam amada sua Romana,  
Nos fortes corações, na grande estrella,  
Que mostráram na terra Tingitana:  
E na lingoa, na qual, quando imagina,  
Com pouca corrupçam cre que he a Latina.

Estas causas mouiam Cythera,  
E mais, porque das Parcas claro entende.  
Que ha de ser celebrada a clara Dea,  
Onde a gente beligerá se estende.  
Assi que hum pela infamia que arrecea  
E o outro pelas honras que pretende,  
Debatem, & na perfia permanecem,  
A qualquer seus amigos fauorecem,

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,  
De siluestre aruoredo abastecida,  
Rompendo os ramos vão da mata escura,  
Com impito & braueza desmedida:  
Bramia toda montanha, o som murmura,  
Rompense as folbas, ferue a serra erguida.  
Tal andara o tumulto leuantado,  
Entre os Deoses no Olimpo consagrado,

Mas

Mas Marte que da Deosa sustentava  
 Entre todos as partes em porfia,  
 Ou porque o amor antigo o obrigava,  
 Ou por que a gente forte o merecia,  
 De antre os Deoses em pee se leuantava,  
 Merencorio no gesto parecia:  
 O forte escudo ao collo pendurado,  
 Deitando pera tras medonho, & yrado.

A viseira do elmo de Diamante,  
 Aleuantando hum pouco, muy seguro,  
 Por dar seu parecer se pos diante  
 De Iupiter, armado, forte & duro:  
 E dando hũa pancada penetrante,  
 Co conto do bastão, no folio puro:  
 O ceo tremeo, & Apolo de toruado,  
 Hum pouco a luz perdeu, como infiado.

E disse assi, ò Padre a cujo imperio,  
 Tudo aquillo obedece, que criaste,  
 Se esta gente que busca outro Emispherio,  
 Cuja valia, & obras tanto amaste:  
 Nam queiras que padeçam vituperio,  
 Como ha ja tanto tempo que ordenaste.  
 Nam oucas mais, pois es juiz direito,  
 Razões de quem parece que he suspeito.

Que

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Que se aqui a rrazar se nam n'osirasse,  
Vencida do tenor demasiado,  
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,  
Pois que de Luso vem, seu tam privado:  
Mas esta tençam sua, agora passe,  
Porque em fim vem de estamago danado.  
Que nunca tirará albea enueja,  
O bem que outrem merece, & o ceo deseja.

E tu Padre de grande fortaleza,  
Da determinaçam que tês tomada,  
Nam torres por detras, pois he fraqueza  
Desfistir se da cousa começada.  
Mercurio pois excede em ligeireza  
Ao vento leue, & aa seta bem talhada,  
Lhe va mostrar a terra, onde se informe  
Da India, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,  
A cabeça inclinando, consentio  
No que disse Mauorte valeroso,  
E Nectar sobre todos esparzio:  
Pelo caminho Lacteo glorioso,  
Logo cada hum dos Deoses se partio.  
Fazendo seus reaes acatamentos,  
Pera os determinados apouentos.

CANTO PRIMEIRO. 6

Em quanto isto se passa, na fermosa  
 Casa Eterea do Olimpo omnipotente,  
 Cortaua o mar a gente belicosa:  
 Ia lá da banda do Austro, & do Oriente,  
 Entre a costa Ethiopica, & a famosa  
 Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente  
 Queimaua entam os Deuses, que Tifeo  
 Co temor grande em peixes conuerteo.

Tam brandamente os ventos os leuauam,  
 Como quem o ceo tinha por amigo:  
 Sereno o ar, & os tempos se mostrauam  
 Sem nuuës, sem receyo de perigo:  
 O promontorio prasso ja passauam,  
 Na costa de Ethiopia, nome antigo:  
 Quando o mar descobrindo lhe mostraua,  
 Nouas ilhas que em torno cerca, & laua,

Vasco da Gama, o forte Capitão,  
 Que a tamanhas empresas se offerece,  
 De soberbo, & de altiuo coraçam,  
 A quem fortuna sempre fauorece,  
 Pera se aqui deter nam ve razam,  
 Que inhabitada a terra lhe parece:  
 Por diante passar determinaua:  
 Mas nam lhe soccedeo como cuidaua.

Eis

Eis aparecem logo em companhia,  
 Hús pequenos bateis, que vem daquella  
 Que mais chegada à terra parecia,  
 Cortando o longo mar com larga vella:  
 A gente se aluoroça, & de alegria  
 Nam sabe mais que olhar a causa della:  
 Que gente sera esta, em si deziam,  
 Que costumes, que ley, que Rei teriam?

As embarcações eram, na maneira  
 Muy veloces, estreitas, & compridas,  
 As vellas com que vem eram de esteira,  
 Dñas folhas de Palma bem tecidas:  
 A gente da cor era verdadeira,  
 Que Phæton, nas terras acendidas  
 Ao mundo deu, de ousado, & nam prudente,  
 O Pado o sibe, & Lampetusa o sente.

De panos de algodam vinham vestidos,  
 De varias cores, brancos, & listrados,  
 Hús trazem derredor de si cingidos,  
 Outros em modo ayroso sobraçados:  
 Da cinta pera cima vem despidos,  
 Por armas tem adagas & tarçados:  
 Com toucas na cabeça, & nauegando,  
 Anafis sonorosos vão tocando.



II. CANTO PRIMEIRO. 125

Cos panos, & cos braços acenauam,  
 Aas gentes Lusitanas, que esperassem:  
 Mas ja as proas ligeiras se inclinauam  
 Pera que junto aas lhas amainassem:  
 A gente, & marinheiros trabalhauam,  
 Como se aqui os trabalhos sacabassem:  
 Tomão vellas, amainase a verga alta,  
 Da ancora o mar ferido, encima salta.

Namerão ancorados, quando a gente  
 Estranha, polas cordas ja sobia,  
 No gesto ledos vem, & humanamente,  
 O Capitão sublime os recebia.  
 As mesas manda por em continente,  
 Do licor que Lieo prantado auia:  
 Enchem vasos de vidro, & do que deitão,  
 Os de Phaetom queimados nada engeitam.

Comendo alegremente perguntauam,  
 Pela Arabica lingoa, donde vinham,  
 Quem eram, de que terra, que buscavão,  
 Ou que partes do mar corrido tinham?  
 Os fortes Lusitanos lhe tornauam,  
 As discretas repostas que conuinham:  
 Os Portugueses somos do Occidente,  
 Himos buscando as terras do Oriente:

Do mar temos corrido, & nauegado  
 Toda a parte do Antartico, & Calisto;  
 Toda a costa Africana rodeado,  
 Diuersos Ceos, & Terras temos visto:  
 Dum Rei potente somos, tam amado,  
 Tam querido de todos, & bem quisto:  
 Que nam no largo Mar, com leda fronte:  
 Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado seu, buscando andamos  
 A terra Oriental, que o Indo rega,  
 Por elle o Mar remoto nauegamos,  
 Que so dos feos Focas se nauega:  
 Mas ja razam parece que saibamos,  
 Se entre vòs a verdade nam se nega:  
 Quem sois, que terra he esta que habitais?  
 Ou se tendes da India algũs sinais?

Somos, hum dos das Ilhas, lbe tornou,  
 Estrangeiros na terra, Lei, & nação  
 Que os proprios, sam aquelles que criou  
 A Natura sem Lei, & sem Razão:  
 Nos temos a Lei certa que ensinou,  
 O claro descendente de Abrahão:  
 Que agora tem do Mundo o senhorio,  
 A mãy Hebreá teue, & o pay Gentio.

CANTO PRIMEIRO: 17

Esta Ilha pequena que habitamos,  
 He em toda esta terra certa escala,  
 De todos os que as Ondas nauegamos,  
 De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:  
 E por ser necessaria, procuramos,  
 Como proprios da terra, de habitala:  
 E porque tudo em fim vos notifique,  
 Chama-se a pequena Ilha Moçambique,

E já que de tam longe nauegais,  
 Buscando o Indo lhaspe, & terra ardente,  
 Piloto aqui tereis, por quem sejais  
 Guiados pelas ondas sabiamente.  
 Tambem sera bem feito que tenhais,  
 Da terra algum refresco, & que o Regente  
 Que esta terra gouerna, que vos veja,  
 E do mais necessario vos prouēja.

Isto dizendo, o Mouro se tornou  
 A seus bateis com toda a companhia,  
 Do Capitão & gente se apartou,  
 Com mostras de deuida cortesia:  
 Nisto Febo nas agoas encerrou,  
 Co carro de Christal, o claro dia:  
 Dando cargo aa Irmaã que alumiasse,  
 O largo Mundo, em quanto repoufasse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

A noyte se passou na lassa frota,  
Com estranha alegria, & não cuydada,  
Por acharem da terrã tam remota,  
Nova de tanto tempo desejada:  
Qualquer entam consigo cuyda, & nota  
Na gente, & na maneira desusada.  
E como os que na errada Seita crerão,  
Tanto por todo o mundo se estenderam.

Da Lũa os claros rayos rutilauão,  
Polas argenteas ondas Neptuninas,  
As Estrellas os Ceos acompanhauão.  
Qual campo reuestido de boninas,  
Os furiosos ventos repousauão,  
Polas couas escuras peregrinas.  
Porem da armada a gente vigiaua,  
Como por longo tempo costumaua.

Mas asy como a Aurora marchetada,  
Os fermosos cabellos espalhou,  
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,  
Ao claro Hiperionio que acordou,  
Começa a embandeirar se toda a armada,  
E de toldos alegres se adornou:  
Por receber com festas, & alegria,  
O Regedor das Ilhas que partia.

Partia alegremente nauegando,  
 A ver as naos ligeiras Lusitanas,  
 Com refresco da terra, em si cuidando,  
 Que sam aquellas gentes inhumanas:  
 Que os apouentos Caspios habitando.  
 A conquistar as terras Asianas  
 Vierão: & por ordem do destino,  
 O Imperio tomáram a Costantino.

Recebe o Capitão alegremente,  
 O Mouro, & toda sua companhia,  
 Dalhe de ricas peças hum presente,  
 Que so pera este effeito ja trazia:  
 Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente  
 Nam usado licor que dá alegria.  
 Tudo o Mouro contente bem recebe,  
 E muito mais contente come, & bebe.

Está a gente maritima de Luso,  
 Subida pela exarcia, de admirada,  
 Notando o estrangeiro modo, & uso,  
 E a lingoagem tam barbara, & enleada.  
 Tambem o Mouro astuto está confuso,  
 Olhando a cor, o trajo, & a forte armada.  
 E perguntando tudo lhe dezia,  
 Se porventura vinham de Turquia.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja  
 Os liuros de sua ley, preceito, ou se,  
 Pera ver se conforme à sua seja,  
 Ou se sam dos de Christo, como cre:  
 E porque tudo note, & tudo veja,  
 Ao Capitão pedia, que lhe dè,  
 Mostra das fortes armas de que vsauão,  
 Quando cos inimigos pelejauão.

Respondeo ò valeroso Capitão,  
 Por hum que a lingua escura bem sabia:  
 Darte ey Senhor illustre relação  
 De my, da ley, das armas que trazia:  
 Nem sou da terra, nem da geraçam,  
 Das gentes enojosas de Turquia:  
 Mas sou da forte Europa belicosa,  
 Busco as terras da India tam famosa.

A ley tenho daquelle, a cujo imperio  
 Obedece o visibil, & inuisibil,  
 Aquelle que criou todo o Emispherio,  
 Tudo o que sente, & todo o insensibil  
 Que padeceo deshonra, & vituperio,  
 Sofrendo morte injusta, & infufribil:  
 E que do ceo aa terra em fim deceo,  
 Por sobir os mortais da terra ao ceo.

## CANTO PRIMEIRO:

11

Deste Deos homem, alto, & infinito,  
 Os liuros que tu pedes nam trazia,  
 Que bem posso escusar trazer escripto  
 Em papel, o que na alma andar deuia.  
 Se as armas queres ver, como tês dito,  
 Comprido esse desejo te seria:  
 Como amigo as veras, porque eu me obrigo,  
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

Isto dizendo, manda os diligentes  
 Ministros, amosstrar as armaduras,  
 Vem arneses, & peitos reluzentes,  
 Malhas finas, & laminas seguras,  
 Escudos de pinturas diferentes,  
 Pilouros, espingardas de aço puras,  
 Arcos, & sagittiferas aljauas,  
 Partasanas agudas, chuças brauas,

As bombas vem de fogo, & juntamente  
 As panellas sulfuneas, tam danosas,  
 Porem aos de Vulcano nam consente  
 Que dem fogo aas bombardas temerosas:  
 Porque o generoso animo, & valente,  
 Entre gentes tam poucas, & medrosas,  
 Não mostra quanto pode, & com razão,  
 Que he fraqueza entre ouelhas ser lião.

Porem disto que o Mouro aqui notou,  
 E de tudo o que vio, com olho atento,  
 Hum odio certo na alma lhe ficou,  
 Hũa vontade má de pensamento.  
 Nas mostras, & no gesto o não mostrou:  
 Mas com risonho, & ledo fingimento,  
 Tratallos brandamente determina,  
 Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,  
 Por quem podesse aa India ser leuado,  
 Dizlhe, que o largo premio leuarão,  
 Do trabalho que nisso for tomado.  
 Prometellos o Mouro, com tenção  
 De peito venenoso, & tam danado:  
 Que a morte se podesse neste dia,  
 Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a má vontade,  
 Que aos estrangeiros supito tomou,  
 Sabendo ser sequaces da verdade,  
 Que o filho de Danid nos ensinou,  
 Os segredos daquella Eternidade,  
 A quem juyzo algum nam alcançou.  
 Que nunca falte hum perfido inimigo,  
 A aquelles de quem foste tanto amigo?

Partiose



Partiose nisto em fim co a companhia,  
 Das naos o falso Mouro despedido,  
 Com enganosa & grande cortesia,  
 Com gesto ledo a todos, & fingido:  
 Cortaram os bateis a curta via  
 Das agoas de Neptuno, & recebido  
 Na terra do obsequente ajuntamento,  
 Se foy o Mouro ao cognito aposento.

Do claro assento Etereo, o gram Tebano,  
 Que da paternal coxa foy nascido,  
 Olhando o ajuntamento Lusitano,  
 Ao Mouro ser molesto, & auorrecido:  
 No pensamento cuyda hum falso engano  
 Com que seja de todo destruydo,  
 E em quanto isto so na alma imaginava  
 Configo estas palauras praticava.

Esta do fado ja determinado,  
 Que tamanhas victorias tam famosas,  
 Ajam os Portugueses alcançado,  
 Das Indianas gentes belicosas.  
 E eu so filho do Padre sublimado,  
 Com tantas qualidades generosas:  
 Ey de sofrer que o Fado fauoreça  
 Outrem, por quem meu nome se escureça?  
 la quiserão

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

La quizeram os Deoses que tiuesse,  
O filbo de Filipo nesta parte,  
Tanto poder, que tudo sometesse  
Debaixo de seu jugo, o fero Martes  
Mas asse de soffrer que o Fado desse,  
A tam poucos tamianho esforço, & arte  
Quen co gram Macedonio, & Romano,  
Demos lugar ao nome Lusitano?

Não sera assy, porque antes que chegado  
Seja este Capitão, astutamente  
Lhe sera tanto engano fabricado,  
Que nunca veja as partes do Oriente:  
Eu decerey aa terra, & o indignado  
Peito, reuoluerey da Maura gente,  
Porque sempre por via yra direita,  
Quem do oportuno tempo se aproueita:

Isto dizendo yrado, & quasi insano,  
Sobre a terra Affricana descendeo,  
Onde vestindo a forma & gesto humano,  
Pera o Prasso sabido se moueo.  
E por milhor tecer o astuto engano,  
No gesto natural se conuerteo,  
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,  
Velho, sabio, & co Xequé muy valido.

E entrando

Entrando assy a falarlhe, a tempo & horas,  
 A sua falsidade acomodadas,  
 Lhe diz como erão gentes roubadoras,  
 Estas que ora de nouo sam chegadas:  
 Que das nações na costa moradoras,  
 Correndo a fama veio, que roubadas  
 Forão por estes homês que passauam,  
 Que com pactos de paz sempre ancorauam.

E sabe mais, lhe diz, como entendido  
 Tenho destes Christãos sanguinolentos,  
 Que quasi todo o mar tem destruido,  
 Com roubos, com incendios violentos:  
 E trazem ja de longe engano vrdido,  
 Contra nós, & que todos seus intentos  
 Sam pera nos matarem, & roubarem,  
 E molheres & filhos captiuarem.

E tambem sey que tem determinado,  
 De vir por agoa a terra muito cedo,  
 O Capitão dos seus acompanhado,  
 Que da tençam danada nasce o medo:  
 Tu deues de yr tambem cos teus armado  
 Esperallo em cilado, occulto & quedo:  
 Porque saindo a gente descuydada,  
 Cairão facilmente na cilada.

E se inda

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se inda nam ficarem deste geito,  
Destruydos, ou mortos totalmente,  
Eu tenho imaginada no conceito,  
Outra manha & ardil que te contente:  
Mandalhe dar Piloto, que de geito  
Seja astuto no engano, & tam prudente,  
Que os leue aonde sejam destruydos,  
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,  
O Mouro nos taes casos, sabio & velho  
Os braços pelo collo lhe lançou,  
Agradecendo muito o tal conselho:  
E logo nesse instante concertou,  
Pera a guerra o beligeró aparelho:  
Pera que ao Portuguez se lhe tornasse,  
Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano,  
Mouro que por Piloto aa não lhe mande,  
Sagaz, astuto, & sabio em todo dano,  
De quem fiar se possa hum feito grande,  
Dizlhe que acompañando o Lusitano,  
Por tais costas, & mares co elle ande:  
Que se daqui escapar, que la diante  
Va cair onde nunca se aleanente.

CANTO PRIMEIRO. 13

Ia o rayo Apolineo visitaua,  
 Os Montes Nabatheos acendido,  
 Quando Gama cos seus determinau  
 De vir por agoa a terra apercebido:  
 A gente nos bateis se concertaua,  
 Como se fosse o engano ja sabido:  
 Mas pode sospeitar se facilmente,  
 Que o coraçãõ presago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,  
 De antes pelo Piloto necessario:  
 E foihe respondido em som de guerra,  
 Caso do que cuidaua muy contrario:  
 Por isto, & porque sabe quanto erra,  
 Quem se cre de seu perfido aduersario,  
 Apercebido vay como podia,  
 Em tres bateis somente que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,  
 Por lhe defender a agoa desejada,  
 Hum de escudo embarcado, & de azagaya,  
 Outro de arco encuruado, & seta eruada:  
 Esperão que a guerreira gente sayá,  
 Outros muytos ja postos em cillada.  
 E porque o caso leue selhe faça,  
 Poem hũs poucos diante por negaçã.

Andão

OS LUSIADAS DE L. DE CAE

Andão pela ribeira alua arenosa,  
Os belicosos Mouros acenando,  
Com a adarga, & co a astea perigosa,  
Os fortes Portugueses incitando:  
Nam soffre muito a gente generosa,  
Andarlhe os cães os dentes amostrando.  
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,  
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro sanguino, o ledo amante,  
Vendo a fermosa dama desejada,  
O Touro busca, & pondose diante,  
Salta, corre, sibila, acena, & brada:  
Mas o animal atroce nesse instante,  
Com a fronte cornigera inclinada,  
Bramando duro corre, & os olhos cerra,  
Derriba, fere, & mata & poem por terra.

Eis nos bateis fogo se leuanta,  
Na furiosa & dura artilheria,  
A plumbea pela mata, o brado espanta:  
Ferido o ar retumba, & affouia:  
O coraçam dos Mouros se quebranta,  
O temor grande o sangue lhe resfria:  
La foge o escondido de medroso,  
E morre o descuberto auenturoso.

Não se contenta a gente Portuguesa:  
 Mas seguindo a victoria estrue, & mata  
 A pouoaçam sem muro, & sem defesa,  
 Esbombardea, acende, & desbarata.  
 Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,  
 Que bem cuidou comprala mais barata:  
 Ia blasfema da guerra, & maldizia,  
 O velho Inerte, & a mãy que o filho cria.

Fugindo, a seta o Mouro vay tirando,  
 Sem força, de conarde, & de apressado,  
 A pedra, o pao, & o canto arremessando,  
 Dalhe armas o furor desatinado:  
 Ia a Ilha, & todo o mais, desemparrando,  
 Aa terra firme foge amedrontado.  
 Passa, & corta do mar o estreito braço,  
 Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

Hũs vão nas almàdias carregadas,  
 Hum corta o mar a nado diligente,  
 Quem se affoga nas ondas encuruadas,  
 Quem bebe o mar, & o deita juntamente:  
 Arrombão as meudas bombardadas  
 Os Pangaios sotis da bruta gente.  
 Desta arte o Portugues em fim castiga,  
 A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornãe

Tornam victoriosos pera a armada,  
 Co despojo da guerra, & rica presa,  
 E vão a seu prazer fazer agoada,  
 Sem achar resistencia, nem defesa,  
 Ficava a Maura gente magoada,  
 No odio antigo, mais que nunca acesa,  
 E vendo sem vingança tanto dano,  
 Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,  
 O Regedor daquella inica terra,  
 Sem ser dos Lusitanos entendido,  
 Que em figura de paz lhe manda guerra:  
 Porque o Piloto falso prometido,  
 Que toda a má tençam no peito encerra,  
 Pera os guiar aa morte lhe mandava,  
 Como em sinal das pazes que tratava.

O Capitam, que ja lhe entam conuinha,  
 Tornar a seu caminho acostumado,  
 Que tempo concertado, & ventos tinha,  
 Pera yr buscar o Indo desejado.  
 Recebendo o Piloto que lhe vinha,  
 Foy delle ategremente agasalhado:  
 E respondendo ao mensageiro, atento  
 Aas vellas manda dar ao largo vento.



CANTO PRIMEIRO. V. 37

Desta arte despedida a forte armada,  
 As ondas de Anfitriã diuidia,  
 Das filhas de Nereu acompanhada,  
 Fiel, alegre, e doce companhia:  
 O Capitão, que nam cahia em nada,  
 Do enganoso ardil que o Mouro vrdia,  
 Delle muy largamente se informaua,  
 Da India toda, e costas que passaua.

Mas o Mouro instruído nos enganos,  
 Que o maléuolo Baco lhe ensinara,  
 De morte, ou captiueiro nouos danos,  
 Antes que aa India chegue, lhe prepara,  
 Dando razam dos portos Indianos,  
 Tambem tudo o que pede lhe declara,  
 Que auendo por verdade o que dizia,  
 De nada a forte gente se temia.

E dizlhe mais co falso pensamento,  
 Com que Synon os Phrigios enganou,  
 Que perto está hũa Ilha, cujo assento,  
 Pouo antigo Christão sempre abitou:  
 O Capitão que a tudo estaua a tento,  
 Tanto co estas nouas se alegrou,  
 Que com dadiuas grandes lhe rogaua,  
 Que o leue aa terra onde esta gente estaua.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Ho mesmo o falso Mouro determina,  
Que o seguro Christão lhe manda & pede,  
Que a Ilha he possuida da malina  
Gente, que segue o torpe Mahamede:  
Aqui o engano & morte lhe imagina,  
Porque em poder & forças muito excede  
Aa Moçambique, esta Ilha que se chama  
Quíloa, muy conbecida pola fama.

Pera lá se inclinava a leda frota:  
Mas a Deosa em Cythere celebrada,  
Vento como deixava a certa rota,  
Por yr buscar a morte não cuidada,  
Nam consente que em terra tam remota  
Se perca a gente della tanto amada.  
E com ventos contrairos a desuia,  
Donde o Piloto falso a leua, & guia.

Mas o maluado Mouro nam podendo,  
Tal determinaçam leuar a vante,  
Outra maldade inica cometendo,  
Ainda em seu proposito constante,  
Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,  
Os leuarão por força por diante,  
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,  
Eram Christãos com Mouros juntamente:

Tambem

CANTO PRIMEIRO

Tambem nestas palauras lhe mentia,  
 Como por regimento em fim leuaua,  
 Que aqui gente de Christo nam auia,  
 Mas a que a Mahamede celebraua,  
 O Capitam que em tudo o Mouro cria,  
 Virando as vellas, a Ilha demandaua,  
 Mas nam querendo a Deosa guardadora,  
 Nam entra pela barra, e surge fora.

Estaua a Ilha aa terra tam chegada,  
 Que hum estreito pequeno a diuidia,  
 Hũa cidade nella situada,  
 Que na frente do mar aparecia,  
 De nobres edifícios fabricada,  
 Como por fora, ao longe descobria,  
 Regida por hum Rei de antiqua idade,  
 Mombaça he o nome da Ilha, e da Cidade.

E sendo a ella o Capitam chegado,  
 Estranhamente ledo, porque espera  
 De poder ver o pouo baptizado,  
 Como o falso Piloto lhe dissera:  
 Eis vem bateis da terra com recado  
 Do Rei, que ja sabia a gente que era,  
 Que Baco muito de antes o auisara,  
 Na forma doutro Mouro que tomara.

OS LIVIADAS DE L. DE CA.

O recado que trazem he de amigos:  
Mas debaxo o veneno vem cuberto,  
Que os pensamentos eram de inimigos,  
Segun lo foij o engano descuberto.  
O grandes & grauíssimos perigos,  
O caminho de vida nunca certo.  
Que aonde a gente poem sua esperança,  
Tenha a vida tam pouca segurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida,  
Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade auorrecida:  
Onde pode acolber se hum fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida?  
Que não se arme & se indigne o ceo sereno,  
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim do Livro  
Deo...  
O...  
O...  
O...  
O...  
O...  
O...  
O...  
O...  
O...

**Canto Segundo.**



**N**A neste tempo o  
 lucido Planeta,  
 Que as horas vay do dia distina  
 guindo,

Chegava aa desejada, e lenta Meta,  
 A luz celeste aa gentes encobrimdo,  
 E da casa maritima secreta,  
 Lhe estava o Deos Nocturno a porta-abrido  
 Quando as fingidas gentes se chegarão  
 Aas naos, que pouco avia que ancorarão.

Dantre elles hum que traz encomendado,  
 O mortifero engano, assi dezia:  
 Capitam valeroso, que cortado  
 Tens de Neptuno o reyno, e salsa via,  
 O Rei que manda esta Ilha aluorogado  
 Da vinda tua tem tanta alegria,  
 Que nam deseja mais que agasalharte,  
 Verte, e do necessario reformarte.

E porque está em extremo desejoso  
 De te ver, como cousa nomeada,  
 Te roga que de nada receoso,  
 Entres a barra, tu com toda armada:  
 E porque do caminho trabalhoso,  
 Traras a gente debil, & cansada,  
 Diz que na terra podes reformala,  
 Que a natureza obriga a desejala.

E se buscando vas mercadoria,  
 Que produze o aurifero Levante,  
 Canella, Crauo, ardente especiaria,  
 Ou Droga saluifera, & prestante:  
 Ou se queres luzente pedraria,  
 O Rubi fino, o rigido diamante:  
 Daqui leuaras tudo tam sobejo,  
 Com que faças o fim a teu desejo:

Ao mensageiro o Capitam responde,  
 As palauras do Rei agradecendo,  
 E diz, que porque o Sol no mar se esconde,  
 Nam entra pèra dentro obedecendo,  
 Porem que como a luz mostrar por onde  
 Va sem perigo, a frota nam temendo,  
 Comprirà sem receio seu mandado,  
 Que a mais por tal senhor está obrigado.

Perguntalbe

Perguntalhe despois, se estam na terra  
 Christãos, como o Piloto lhe dezia,  
 O mensageiro astuto que nam erra,  
 Lhe diz, que a mais da gēte em Christo cri :  
 Desta sorte do peito lhe desterra  
 Toda a sospeita, e cauta fantasia:  
 Por onde o Capitam seguramente,  
 Se fia da infiel, e falsa gente.

E de algũs que trazia condenados,  
 Por culpas, e por feitos vergonhosos,  
 Porque podessem ser auenturados  
 Em casos desta sorte duuidosos:  
 Manda dous mais sagazes, ensaiados,  
 Porque notem dos Mouros enganosos,  
 A Cidade, e poder, e por que vejão,  
 Os que Christãos, que so tanto ver desejão.

E por estes ao Rei presentes manda,  
 Porque a boa vontade que mostraua,  
 Tenha firme, segura, limpa, e branda,  
 A qual bem ao contrario em tudo estaua:  
 Ia a companhia perfida, enefanda  
 Das naos se despedia, e o mar cortaua,  
 Foram com gestos ledos, e fingidos,  
 Os dous da frota em terra recebidos.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E despois que ao Rei apresentaram,   
Co recado os presentes que trazião,   
A Cidade correram, & notarão   
Muito menos daquillo que querião,   
Que os Mouros cautelosos se guardaram   
De lhe mostrarem tudo o que pedião.   
Que onde veina a malicia, está o receio   
Que a faz imaginar no peito albeio.

Mas aquelle que sempre a inocidade,   
Tem no rosto perpetua, & foy nascido   
De duas mãis: que urdia a falsidade,   
Por ver o nauegante destruydo:   
Estava n'ua casa da Cidade,   
Com rosto humano, & habito fingido,   
Mostrando se Christão, & fabricava   
Hum altar sumptuoso que adorava.

Ali tinha em retrato affigurada   
Do alto & Sancto Spirito a pintura,   
A candida Pombinha debuxada,   
Sobre a vnica Fenix Virgem pura,   
A companhia sancta está pintada,   
Dos doze tam toruados na figura,   
Como os que, so das lingoas que cayrão,   
De fogo, varias lingoas referirão.

Aqui



Aqui os dous companheiros conduzidos,  
 On le com este engano Baco estava,  
 Poem em terra os gíolhos, & os sentidos  
 Naquelle Deos, que o mundo governaua  
 Os cheiros excellentes produzidos,  
 Na Panchaia odorifera queimaua  
 O Thioneu, & assi por derradeiro  
 O falso Deos adora o Verdadeiro.

Aqui foram denoite agasalhados,  
 Com todo o bom, & honesto tratamento  
 Os dous Christãos, nam vendo que enganado  
 Os tinha o falso, & sancto fingimento:  
 Mas assi como os rayos espalhados  
 Do Sol foram no mundo, & num momento,  
 Apareceo no rubido Horizonte,  
 Na moça de Titão a roxa fronte.

Tornam da terra os Mouros co recado,  
 Do Rei, pera que entrassem, & consigo  
 Os dous que o Capitam tinha mandado,  
 A quem se o Rei mostrou sincero amigo:  
 E sendo o Portugues certificado,  
 De nam auer receyo de perigo.  
 E que gente de Christo em terra auia,  
 Dentro no falso rio entrar queria.

Dizem

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Dizem lbe os que mandou, que em terra virão,  
Sacras aras, & sacerdote sancto,  
Que ali se agasalhãrão, & dormirão,  
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:  
E que no Rei, & gentes nam sentirão  
Senam contentamento, & gosto tanto:  
Que nam podia certo auer sospeita.  
Nũa mostra tam clara, & tam perfeita.

Co isto o nobre Gama recebia  
Alegremente os Mouros que subiam,  
Que leuemente hum animo se fia,  
De mostras que tão certas pareciam:  
A nao da gente perfida se enchia,  
Deixando a bordo os barcos que traziam:  
Alegres vinhão todos, porque crem  
Que a presa desejada certa tem.

Na terra eautamente aparelhauam,  
Armas, & monições, que como vissem  
Que no Rio os nauios ancorauam  
Nelles ousadamente se sobissem:  
E nesta treição determinauam,  
Que os de Luso de todo destruissem:  
E que incautos pagassem deste geito  
O mal que em Moçambique tinham feito.

## CANTO SEGUNDO.

22

As ancoras tenaces vão leuando,  
 Com a nautica grita costumada,  
 Da proa as vellas sos ao vento dando,  
 Inclina[m] per a a barra abalisada:  
 Mas a linda Ericina, que guardando  
 Andaua sempre a gente assinalada:  
 Vendo a cilada grande, & tam secreta,  
 Voa do ceo ao mar como hũa seta.

Conuoca as aluas filhas de Nerèo,  
 Com toda a mais cerulea companhia,  
 Que porque no salgado mar nasceo,  
 Das agoas o poder lhe obedecia.  
 E propondo-lhe a causa a que deceo,  
 Com todos juntamente se partia:  
 Pera estoruar que a armada nam chegasse,  
 Aonde pera sempre se acabasse.

La na agoa erguendo vão com grande pressa,  
 Com as argenteas caudas branca escuma,  
 Cloto co peito corta, & atraueffa  
 Com mais furor o mar do que costuma.  
 Salta Nise, Nerine se arremessa,  
 Por cima da agoa crespa, em força sumo.  
 Abrem caminho as ondas encuruadas,  
 De temor das Nereidas apressadas.

Nos

Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso,  
 Vay a linda Dione furiosa,  
 Nam sente quem a leua o doce peso,  
 De soberbo, com carga tam fermosa:  
 Ia chegãõ perto donde o vento teso.  
 Enche as vellas da frota belicosa.  
 Repartense, & rodeãõ nesse instante,  
 As naos ligeiras que hiãõ por diante.

Poemse a Deosa com outras em direito  
 Da proa capitaina, & ali fechando,  
 O caminho da barra estãõ de geito,  
 Que em vão assopra o vento, a vella inchãdo:  
 Poem no madeiro duro o brando peito,  
 Pera detras a forte nao forçãdo.  
 Outras em derredor leuãdoa estãõ,  
 E da barra inimiga a desuiãõ.

Quaes pera a coua as prouidas formigas,  
 Leuãdo o peso grande acomodado,  
 As forças exercitam, de inimigas,  
 Do inimigo Inuerno congelado:  
 Ali sam seus trabalhos, & fadiga,  
 Ali mostram vigor nunca esperado.  
 Tais andãõ as Nymphas estorũando  
 Aa gente Portuguesa o fim nefãdo.

Torna pera detras a Nao forçada,  
 A pesar dos que leua, que gritando,  
 Mareão vellas, ferue a gente yrada,  
 O leme a hũ bordo, & a outro atraueffando,  
 O Mestre astuto em vão da popa brada,  
 Vendo como diante ameaçando  
 O est. ua hum maritimo penedo,  
 Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo.

A celeuma medonha se aleuanta,  
 No rudo Marinheiro que trabalha,  
 O grande estrondo a Maura gente espanta,  
 Como se vissem horrída batalha:  
 Nam sabem a razam de furia tanta,  
 Nam sabem nesta pressa quem lhe valha:  
 Cuydão que seus enganos sam sabidos,  
 E que ande ser por isso aqui punidos.

Eilos subitamente se lancauão,  
 A seus bateis veloces que trazião,  
 Outros encima o mar aleuantauão,  
 Saltando na goa a nado se acolhião:  
 De hum bordo & doutro subito saltauão,  
 Que o medo os compelia do que vião.  
 Que antes querem ao mar auenturar se,  
 Que nas mãos inimigas entregar se.

OS LUSIADAS DE I: DE CAI

Assi como em seluatica alagoa,  
As rãs no tempo antigo Lycia gente,  
Se sentem por ventura vir pessoa,  
Estando fora da agoa incantamente,  
Daqui, & dali saltando, o charco soa,  
Por fogir do perigo que se sente,  
E acolhendose ao couto que conhecem,  
Sos às cabeças na agoa lhe aparecem:

Assi fogem os Mouros, & o Piloto,  
Que ao perigo grande as naos guiara,  
Crendo que seu engano estaua noto,  
Tambem foge saltando na agoa amara:  
Mas por nam darem no penedo immoto,  
Onde percão a vida doce, & cara:  
A ancora solta logo a capitaina,  
Qualquer das outras junto della amaina:

Vendo o Gama, atentado a estranheza  
Dos Mouros, não cuidada, & juntamente,  
O Piloto fogir lhe com presteza,  
Entende o que ordenaua a bruta gente,  
E vendo sem contraste, & sem braueza  
Dos ventos, ou das agoas sem corrente,  
Que a Nao passar auante não podia,  
Auendo o por milagre assi dizia.

O caso grande, estranho, & não cuydado,  
 O milagre claríssimo, & euidente,  
 O descuberto engano inopinado,  
 O perfida inimiga, & falsa gente,  
 Quem poderà do mal aparelhado  
 Liurar-se sem perigo sabiamente.  
 Se lá de cima a guarda soberana,  
 Não acudir aa fraca força humana?

Bem nos mostra a diuina providencia,  
 Destes portos a pouca segurança,  
 Bem claro temos visto na apparencia,  
 Que era enganada a nossa confiança:  
 Mas pois saber humano, nem prudencia  
 Enganos tão fingidos não alcança:  
 O tu guarda diuina, tem cuidado  
 De quem sem ti não pôde ser guardado;

E se te moue tanto a piedade,  
 Desta misera gente peregrina,  
 Que so por tua altíssima bondade,  
 Da gente a saluas, perfida & malina,  
 Nalgum porto seguro de verdade:  
 Conduzirnos ja agora determina,  
 Ou nos amostra a terra que buscamos,  
 Pois so por teu serviço nauégamos.

Ouuiolhe estas palauras piadofas,  
 A fermosa Dione, & comouida,  
 Dantre as Nymphas se vay, que saudofas  
 Ficdr. o desta subita partida:  
 la penetra as Estrelas luminofas,  
 la na terceyra Esphera recebida:  
 Auante passa, & la no sexto ceo,  
 Pera onde estaua o Padre se moueo.

E como hia afrontada do caminho,  
 Tam fermosa no gesto se mostraua,  
 Que as Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho  
 E tudo quanto a via namoraua  
 Dos olhos, onde faz seu filho oninho  
 Hús espiritos viuos inspiraua,  
 Com que os Polos gelados acendia,  
 Etornaua do Fogo a esphera fria,

E por mais namorar o soberano  
 Padre, de quem foy sempre amada, & cara  
 Se lhapresenta assi como ao Troyano,  
 Na selua lde a ja se apresentara:  
 Se a vira o caçador, que o vulto humano  
 Perdeo, vendo Diana na agoa clara:  
 Nunca os famintos galgos o matarão,  
 Que primeiro desejos o acabarão.



## CANTO SEGUNDO.

37

Os crespos fios douro se esparziam  
 Pelo colo, que a neue escurecia,  
 Andando as lacteas tetas lhe tremiam,  
 Com quem Amor brincava, & nam se via.  
 Da alua petrina flamas lhe saiam,  
 Onde o Minino as almas acendia.  
 Polas lisas colūnas lhe trepauão,  
 Desejos, que como Era se enrolauão.

Cum delgado cendal as partes cobre,  
 De quem vergonha he natural reparo,  
 Porem nem tudo esconde, nem descobre  
 O veô dos roxos lirios pouco auaro:  
 Mas pera que o desejo acenda, & dobre,  
 Lhe poem diante aquelle objecto raro.  
 Ia se sentem no ceo, por toda a parte,  
 Ciumes em Vulcano, Amor em Marte,

E mostrando no angelico sembante,  
 Coriso hũa tristeza misturada,  
 Como dama que foi do incauto amante,  
 Em brincos amorosos mal tratada,  
 Que se aqueixa, & se ri, nũ mesmo instante,  
 E se torna entre alegre magoada.  
 Desta arte a Deosa, a quem nenhũa iguala,  
 Mais mimosa que triste ao Padre fala.

DSempre

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Sempre eu cuidey, ò Padre poderoso,  
Que pera as cousas, que eu do peito amasse  
Te achasse brando, affabil, & amoroso.  
Posto que a algum contrairo lhe pesasse:  
Mas pois que contra my te vejo yroso,  
Sem que to merecesse, nem te errasse.  
Façase co no Baco determina,  
Assentarey em fim que fuy mofina:

Este pouo que he meu, por quem derramo,  
As lagrimas que em vão caidas vejo,  
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,  
Sendo tu tanto contra meu desejo:  
Por elle a ti rogando choro, & bramo,  
E contra minha dita em fim pelejo.  
Ora pois porque o amo he mal tratado,  
Querolhe querer mal, sera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,  
Que pois eu fuy: & niſto de mimosa  
O rosto banha, em lagrimas ardentes,  
Como co orualho fica a fresca rosa  
Calada hum pouco, como se entre os dentes  
Lhe impedira a falla piadosa.  
Torna a seguila, & indo por diante,  
Lhe atalha o poderoso, & gram Tonante.

E destas

E destas brandas mostras com ouido,  
 Que moueram de hum Tigre o peito duro,  
 Co vulto alegre, qual do Ceo s' bido,  
 Torna sereno & claro o ar escuro.  
 As lagrimas lhe alimpa, & acendido  
 Na face a beija, & abraça o colo puro:  
 De modo que dali, se so se acabara,  
 Outro nouo Cupido se gerara.

E co seu apertando o rosto amado,  
 Que os saluços, & lagrimas aumenta,  
 Como minino da ama castigado,  
 Que quem no affaga o choro lhe acrecenta,  
 Por lhe por em sossego o peito yrado,  
 Muitos casos futuros lhe apresenta.  
 Dos fados as entranhas reuoluendo,  
 Desta maneira em fim lhe está dizendo.

Formosa filha minha nam temais  
 Perigo algum, nos vossos Lusitanos,  
 Nem que ninguem comigo possa mais,  
 Que esses chorosos olhos soberanos:  
 Que eu vos prometo filha que vejais  
 Esquecerense Gregos & Romanos.  
 Pelos illustres feitos que esta gente,  
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Que se o facundo Vlysses escapou,  
De ser na Ogigia Ilha, eterno escravo:  
E se Antenor os seios penetrou,  
Iliricos, & a fonte de Timaou.  
E se o piadoso Eneas nauugou,  
De Scila, & de Caribdis o mar brauo.  
Os vossos mōres cousas atentando,  
Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

Fortalezas, cidades, & altos muros,  
Por elles vereis filha edificadas:  
Os Turcos belacissimos & duros,  
Delles sempre vereis dasbaratados.  
Os Reis da India liures, & seguros,  
Vereis ao Rei potente sojugados.  
E por elles de tudo em fim senhores,  
Seram dadas na terra leis milbores.

Vereis este, que agora presuroso,  
Por tantos medos o Indo vay buscando,  
Tremor delle Neptuno de medroso,  
Sem vento suas agoas encrespando.  
O caso nunca visto, & milagroso,  
Que trema, & ferua o Mar em calma estado  
O gente forte, & de altos pensamentos,  
Que tambem della hão medo os Elementos.

Vereis

## CANTO SEGUNDO:

57

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,  
 Que inda ha de ser hum porto muy decente,  
 Em que vão descansar da longa via,  
 As naos que nauegarem do Occidente:  
 Toda esta costa em fim, que agora vrdia,  
 O mortifero engano, obediente,  
 Lhe pagará tributos, conhecendo,  
 Nam poder resistir ao Luso horrendo.

E vereis o Mar roxo tam famoso,  
 Tornar selhe amarello de infiado:  
 Vereis de Ormuz o Reino poderoso,  
 Duas vezes tomado, & sojugado.  
 Ali vereis o Mouro furioso,  
 De suas mesmas setas traspassado.  
 Que quem vay contra os vossos, claro veja,  
 Que se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,  
 Que dous cercos terá, dos vossos sendo,  
 Ali se mostrará seu preço, & sorte,  
 Feitos de armas grandissimos fazendo:  
 Enuejoso vereis o gram Mauorte,  
 Do peito Lusitano, fero & borendo.  
 Do Mouro ali veram que a voz extrema  
 Do falso Mahamede ao Ceo blasfema.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,  
 A qual virà despois a ser senhora,  
 De todo o Oriente, & sublimada  
 Cos triumphos da gente vencedora.  
 Ai soberba altiva, & exalçada,  
 Ao Gentio que os Idolos adora.  
 Duro freo porà, & a toda a terra,  
 Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Nereis a fortaleza sostentarse,  
 De Canan r, com pouca força & gente:  
 E vereis Calecu desbaratar-se,  
 Cidade populoza, & tam potente.  
 E vereis em Cochim asbinalarse,  
 Tanto hum peito soberbo, & insolente;  
 Que Cítara ja mais cantou victoria,  
 Que assi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo & furioso,  
 Se vio feruer Leucate, quando Augusto  
 Nas ciuis Aétias guerras animoso,  
 O Capitam venceo Romano injusto,  
 Que dos pouos de Aurora, & do famoso  
 Nilo, & do Baetra Scitico, & robusto,  
 A victoria trazia, & presa rica,  
 Preso da Egipcia linda, & nam pudica.

Como

CANTO SEGUNDO. VI 30

Como vereis o mar feruendo aceso,  
Cos incendios dos vossos pelejando,  
Leuando o Idololatra, & o Mouro preso,  
De nações diferentes triumphando.  
E sogeita a rica Aureo Chersoneso,  
Ate o longico China nauegando.  
E as llhas mais remotas do Oriente,  
Serlbe a todo o Oceano obediente.

De modo filha minha, que de geito,  
Amostrarão esforço mais que humano,  
Que nunca se vera tam forte peito,  
Do Gantico mar ao Gaditano,  
Nem das Boreais ondas, ao Estreito,  
Que mostrou o agrauado Lusitano:  
Posto que em todo o mundo, de affrontados  
Resucitasssem todos os passados.

Como isto disse, manda o consagrado  
Filho de Mafia aa terra, porque tenha  
Hum pacifico porto, & sossegado,  
Pera onde sem receyo a frota venha.  
E pera que em Mombaça, auenturado  
O forte Capitam se nam detenha,  
Lbe manda mais, q̄ em sonhos lbe mostrasse  
A terra, onde quieto repousasse.

Ia pelo ar o Cyleneo voaua,  
 Com as asas nos pès aa terra deçe,  
 Sua vara fatal na mão leuaua,  
 Com que os olhos cansados adormece:  
 Com esta, as tristes almas reuocaua,  
 Do Inferno, & o vento lhe obedece.  
 Na cabeça o galero costumado,  
 E desta arte a Melinde foy chegado.

Configo a Fama leua, porque diga,  
 Do Lusitano, o preço grande & raro,  
 Que o nome illustre a hũ certo amor obriga,  
 E faz a quem o tem, amado & caro.  
 Desta arte vay fazendo a gente amiga,  
 Co rumor famosissimo, & perclaro.  
 Ia Melinde em desejos arde todo,  
 De ver da gente forte o gesto & modo.

Dali pera Mombaça logo parte.  
 Aonde as naos estauão temerosas,  
 Pera que aa gente mande que se aparte,  
 Da barra imiga, & terras sospeitosas:  
 Porque muy pouco val esforço & arte,  
 Contra infernais vontades enganosas:  
 Pouco val coraçam, astucia, & siso,  
 Se la dos Ceos nam vem celeste auso.



Meyo caminho a noite tinha andado,  
E as Estrellas no Ceo co a luz albeia,  
Tinham o largo Mundo alumiado,  
E so co sono a gente se recreia.  
O Capitam illustre, ja cansado,  
De vigiar a noite que arreceia,  
Breue repouso entam aos olhos daua,  
A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em sonhos lhe aparece,  
Dizendo , fuge, fuge Lusitano,  
Da cilada que o Rei maluado tece,  
Por te trazer ao fim, & extremo dano,  
Fuge, que o vento, & o Ceo te fauorece,  
Serenos o tempo tês, & o Oceano,  
E outro Rei mais amigo, noutra parte,  
Onde podes seguro agasalharte.

Nam tens aqui senão aparelhado,  
O hospicio que o cru Diomedes daua,  
Fazendo ser manjar acostumado,  
De cauallos a gente que hospedaua:  
As aras de Busiris infamado,  
Onde os hospedes tristes imolaua.  
Teras certas aqui, se muito esperas,  
Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaite

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Vaite ao longo da costa discorrendo,  
E outra terra acharas de mais verdade,  
La quasi junto donde o Sol ardendo,  
Iguala o dia, & noite em quantidade:  
Ali tua frota alegre recebendo  
Hum Rei, com muitas obras de amizade,  
Casalhado seguro te daria,  
E pera a India certa & sabia guia.

Isto Mercurio disse, & o sono leua  
Ao Capitam, que com muy grande espanto  
Acorda, & ve ferida a escura treua,  
De hũa subita luz, & rayo sancto:  
E vendo claro quanto lhe releua,  
Nam se deter na terra iniqua tanto.  
Com nouo sprito ao Mestre seu mandaua,  
Que as vellas desse ao vento que assoprana.

Day vellas, disse, day ao largo vento,  
Que o Ceo nos fauorece, & Deos o manda,  
Que hum mensageiro vi do claro assento  
Que so em fauor de nossos passos anda:  
Aleuantase nisto o mouimento  
Dos marinheiros, de hũa & de outra banda  
Leuam gritando as ancoras acima  
Mostrando a ruda força que se estima.

Neste

CANTO SEGUNDO. 30

Neste tempo, que as ancoras leuauam,  
 Na sombra escura os Mouros escondidos,  
 Mansamente as amarras lhe cortauam,  
 Por serem, dando aa costa, destruydos:  
 Mas com vista de Lincez vigiaua,  
 Os Portugueses sempre apercebidos.  
 Elles como acordados os sentiram,  
 Voando, & nam remando lhe fogiram.

Mas ja as agudas proas apartando,  
 Hião as vias humidas de argento,  
 Assopralhe galerno o vento, & brando,  
 Com suaue & seguro mouimento,  
 Nos perigos passados vam fallando,  
 Que mal se perderãm do pensamento,  
 Os casos grandes, donde em tanto aperto  
 A vida em saluo escapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,  
 E noutra começaua, quando viram  
 Ao longe dous nauios, brandamente  
 Cos ventos nauegando, que respiram,  
 Por que auiam de ser da Maura gente,  
 Pera elles arribando, as vellas viram.  
 Hum de temor do mal que arreceaua,  
 Por se saluar a gente aa costa daua.

Não

Não he o outro que fica tam manhoso:  
Mas nas mãos vay cair do Lusitano,  
Sem o rigor de Marte furioso,  
E sem a furia horrenda de Vulcano,  
Que como fosse debil & medroso,  
Da pouca gente o fraco peito humano:  
Nam teue resistencia, & se a tiuera  
Mais dāno resistindo recebera.

E como o Gama muito desejaſſe,  
Piloto pera a India que buscaua,  
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:  
Mas nam lhe soccedeo como cuidaua,  
Que nenhum delles ha que lhe insinasse  
A que parte dos Ceos a India estaua,  
Porem dizem lhe todos, que tem perto,  
Melinde onde acharām Piloto certo.

Louuão do Rei os Mouros a bondade,  
Condiçam liberal, sincero peito,  
Magnificencia grande, & humanidade,  
Com partes de grandissimo respeito.  
O Capitam o affella por verdade,  
Porque ja lho differa deste geito,  
O Cyleneo em sonhos, & partia,  
Pera onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

Era no tempo alegre quando entrava,  
No roubador de Europa a luz Febea,  
Quando hum, & o outro corno lhe aquêtava,  
E Flora derramava o de Almathea:  
A memoria do dia renouava,  
O presuroso Sol, que o Ceo rodea.  
Em que aquelle, a quem tudo está s'geito,  
O selo pos a quanto tinha feito.

Quando chegava a frota aaquella parte,  
Onde o Reino Melinde ja se via,  
De toldos adornada, & leda de arte,  
Que bem mostra estimar o Sancto dia:  
Treme a Banzeira, voa o Estandarte,  
A cor porpurea ao longe aparecia.  
Soão os atambores & pandeiros,  
E assi entravam ledos & guerreiros.

Enchese toda a praya Melindana,  
De gente que vem ver a leda armada,  
Gente mais verdadeira, & mais humana  
Que toda a doutra terra atras deixada.  
Surge diante a frota Lusitana,  
Pega no findo a ancora pesada.  
Mandão fora hũ dos Mouros que tomãram,  
Por quem sua vinda ao Rei manifestãram.  
O Rei

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

O, Rei que ja sabia da nobreza  
que tanto os Portugueses engrandece,  
Tomarem o seu porto tanto preza,  
quanto a gente fortissima merece:  
E com verdadeiro animo, & pureza,  
que os peitos generosos emobrece.  
Lhe manda rogar muito que saiffem,  
Pera que de seus Reinos se seruiffem.

Sam offerecimentos verdadeiros,  
E palauras sinceras, nam dobradas,  
As que o Rei manda aos nobres caualleiros,  
que tanto mar & terras tem passadas:  
Mandalhe mais lanigeros carneiros,  
E galinhas domesticas ceuadas,  
Com as fructas que entam na terra quia,  
E a vontade aa dadiua excedia.

Recebe o Capitam alegremente  
O mensageiro ledo, & seu recado,  
E logo manda ao Rei outro presente,  
que de longe trazia aparelhado:  
Escarlata purpurea, cor ardente,  
O ramoso coral fino, & prezado,  
que debaxo das agoas mole crece,  
E como he fora dellas se endurece.

E manda

Man la mais hum na pratica elegante,  
 que co Rei nobre as pazes concertasse,  
 E que de nam sair naquelle instante,  
 De suas naos em terra o desculpasse.  
 Partido a ssi o embaixador prestante,  
 Como na terra ao Rei se apresentasse:  
 Com estillo que Palas lhe ensinava,  
 Estas palauras tais fallando orava.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,  
 Foy da suma Iustica concedido,  
 Refrear o soberbo pouo duro,  
 Nam menos d'elle amado que temido,  
 Como porto muy forte, & muy seguro,  
 De todo o Oriente conhecido:  
 Te vimos a buscar, pera que achemos  
 Em ti o remedio certo que quèremos.

Nam somos roubadores, que passando  
 Pelas fracas cidades descuidadas,  
 A ferro, & a fogo, as gentes vão matando,  
 Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:  
 Mas da soberba Europa nauegando,  
 Himos buscando as terras apartadas  
 Da India grande & rica, por mandado  
 De hum Rei que temos, alto, & sublimado:  
 Que

Que geraçam tão dura abi de gente?  
 Que barbaro costume, & vsança fea,  
 Que não vedem os portos, tam samente:  
 Mas inda o hospicio da deserta area?  
 Que ma tençam? que peito em nós se sente?  
 Que de tam pouca gente. se arrecea.  
 Que com laços armados tam fingidos,  
 Nos ordenassem vernos destruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos  
 Acharse mais verdade, ò Rei benigno,  
 E aquella certa ajuda em ti esperamos,  
 Que teue o perdido Itaco em Alcino:  
 A teu porto seguros nauegamos,  
 Conduzidos do Interprete diuino:  
 Que pois a ti nos manda, està muy claro,  
 Que es de peito sincero, humano, & raro.

Enam cuydes, ò Rei, que nam saisse,  
 O nosso Capitam esclarecido  
 A verte, ou a seruirte, porque visse,  
 Ou sospeitasse em ti peito fingido:  
 Mas saberas que o fez por que comprisse,  
 O regimento em tudo obedecido,  
 De seu Rei, que lhe manda que nam saia,  
 Deixando a frota em nenhũ porto, ou praia.  
 E por que



E porque he de vassallos, o exercicio,  
 Que os membros tem regidos da cabeça,  
 Nam quereras, pois tês de Rei o officio,  
 Que ninguem a seu Rei desobedeça:  
 Mas as merces, & o grande beneficio,  
 Que ora acha em ti, promete que conheça,  
 Em tudo aquillo que elle & os seus poderem  
 Em quanto os rios pera o mar correrem.

Assim dizia, & todos juntamente,  
 Hús com outros em pratica fallando  
 Louuauam muito o estamago da gente,  
 Que tantos ceos & mares vai passando,  
 E o Rei illustre, o peito obediente,  
 Dos Portugueses, na alma imaginando.  
 Tinha por valor grande, & muy subido,  
 O do Rei que he tam longe obedecido.

E com risonha vista, & ledo aspeito,  
 Responde ao Embaixador, que tão estima  
 Toda a sospeita mà tiray do peito,  
 Nenhum frio temor em vos se imprima:  
 Que vosso preço, & obras sam de geito,  
 Pera vos ter o mundo em muita estima.  
 E quem vos fez molesto tratamento,  
 Nam pode ter sobido pensamento.

E De

Denam sair em terra toda a gente,  
 Por observar a usada preminencia,  
 Ainda que me pese estranhamente,  
 Em muito tenho a muita obediencia:  
 Mas se lho o regimento nam consente,  
 Nem eu consentirey que a excellencia,  
 De peitos tam leais em si desfaça,  
 So porque a meu desejo satisfaça.

Porem como a luz crastina chegada  
 Ao mundo for, em minhas almãdias,  
 Eu irey visitar a forte armada,  
 Que ver tanto desejo, ha tantos dias.  
 E se vier do mar desbaratada,  
 Do furioso vento, & longas vias:  
 Aqui tera, de limpos pensamentos  
 Piloto, munições, & mantimentos.

Isto disse, & nas agoas se escondia,  
 O filho de Latona, & o mensageiro,  
 Co a embaxada alegre se partia  
 Pera a frota, no seu batel ligeiro:  
 Enchemse os peitos todos de alegria,  
 Por terem o remedio verdadeiro,  
 Pera acharem a terra que buscavam,  
 E si ledos a noite festejavam.

CANTO SEGUNDO.

Não faltam ali os raios de artificio,  
Os tremulos Cometas imitando,  
Fazem os Bombardeiros seu officio:  
O ceo, a terra, e as ondas atroando.  
Mostrase dos Cyclopas o exercicio,  
Nas bombas que de fogo estam queimando,  
Outros com vozes, com que o Ceo ferião,  
Instrumentos altissonos tangiam.

Respondenlhe da terra juntamente,  
Co rayo volteando, com zonido,  
Ainda em giros no ar a roda ardente,  
Estoura o po sulfureo escondido:  
A grita se aleuanta ao Ceo, da gente,  
O Mar se via em fogos acendido:  
E não menos a terra, e assi festeja  
Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,  
A gentes incitava a seu trabalho,  
E ja a mãy de Menon a luz trazendo,  
Ao sono longo punha certo atalho:  
Hiãose as sombras lentas desfazendo,  
Sobre as fl. res da terra, em frio orualho,  
Quando o Rei Miludano se embarcaua  
A ver a frota que no mar estaua.

Vião se em derredor feruer as prayas  
 Da gente, que a ver so concorre leda,  
 Luzem da fina purpura as cabaias,  
 Luſtram os panos da tecida ſeda:  
 Em lugar de guerreiras azagaias.  
 E do arco, que os cornos arremeda  
 Da Lũa, trazem ramos de Palmeira,  
 Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado  
 Vinha de ſedas de diuerſas cores,  
 Tras o Rei de Melinde, acompanhado  
 De nobres de ſeu Reino, & de ſenhores:  
 Vem de ricos veſtidos adornado,  
 Segundo ſeus coſtumes, & primores.  
 Na cabeça hũa fota guarneçada,  
 De ouro, & de ſeda, & de algodam tecida.

Cabaya de Damasco rico, & dino,  
 Da Tiria cor, entre elles eſtimada,  
 Hum colar ao peſcoço de ouro fino,  
 Onde a materia da obra he ſuperada,  
 Cum reſplendor reluze Adamantino,  
 Na cinta, a rica adaga bem laurada.  
 Nas alparcas dos pès, em fim de tudo,  
 Cobrem ouro, & aljoſar ao veludo.

Com hum redondo emparo alto de seda,  
 Nua alta & dourada a stea euxerido,  
 Hum ministro aa solar quentura veda,  
 Que nam offenda & queime o Rei sobido:  
 Musica tras na proa, estranha & leda,  
 De aspero som, horriſſimo ao ouuido:  
 De trombetas arcadas em redondo,  
 Que sem concerto fazem rudo eſtrondo.

Não menos guarnecido o Luſitano,  
 Nos ſeus bateis da fr. ta se partia,  
 A receber no mar o Milindano,  
 Com luſtroſa & honrada companhia,  
 Veſtido o Gama vem ao modo Hiſpano  
 Mas Franceſa era a roupa que veſtia,  
 De cetim da Adriatica Veneza,  
 Carmeſi, cor, que a gente tanto preza:

De botões douro as mangas vem tomadas,  
 Onde o Sol reluzindo a viſta cega:  
 As calças ſoldadescas, recamadas,  
 Do metal que Fortuna a tantos nega,  
 E com pontas do meſmo delicadas,  
 Os golpes do gibam ajunta, & achega:  
 Ao Italico modo a aurea eſpada,  
 Pruma na gorra, hum pouco diclinada.

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Nos de sua companhia se mostraua,  
Da tinta que dá o Múrice excellente,  
A varia cor, que os olhos alegrava,  
E a maneira do trajo diferente:  
Tal o fermoso esmalte se notaua,  
Dos vestidos olhados juntamente:  
Quil aparece o arco rutilante,  
Da bella Nimpha filha de Thaumante.

Sonorosas trombetas incitauam,  
Os animos alegres resonando,  
Dos Mouros os bateis o Mar coalhauam,  
Os toldos pelas agoas arrojando:  
As bombardas horriffonas bramando,  
Com as nuuës de fumo o Sol tomando,  
Ameudam se os brados acendidos,  
Tapão com as mãos os Mouros os ouuidos.

Ia no batel entrou do Capitam  
O Rei, que nos seus braços o leuaua,  
Elle co a cortesia, que arazam  
(Por ser Rei) requeria, lhe fallaua.  
Cũas mostras de espanto, & admiraçam  
O Mouro o gesto, & o modo lhe notaua,  
Como quem em muy grande estima tinha  
Gente que de tam longe à India vinha.

E com

E com grandes palauras lhe offerece,  
 Tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,  
 E que se mantimento lhe fallece,  
 Como se proprio fosse lho pedisse:  
 Dizlhe mais, que por fama bem conbece  
 A gente Lusitana, sem que a visse.  
 Que ja ouuido dizer, que noutra terra  
 Com gente de sua ley tiuesse guerra.

E como por toda Africa se soa,  
 Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,  
 Quando nella ganharam a coroa  
 Do Reino, onde as Hesperidas viueram:  
 E com muitas palauras apregoa,  
 O menos que de Luso mereceram:  
 E o mais que pela fama o Rei sabia:  
 Mas desta sorte o Gama respondia.

O tu que so tiueste piedade  
 Rei benigno, da gente Lusitana,  
 Que com tanta miseria, & aduersidade,  
 Dos mares experimenta a furia insana,  
 Aquella alta, & diuina eternidade,  
 Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:  
 Pois que de ti tais obras recebemos,  
 Te pague o que nos outros nam podemos.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Tu so de todos quantos queima Apolo,  
Nos recebes em paz do Mar profundo  
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,  
Refugio achamos bom, fi lo & jocundo:  
Em quanto apacentar o largo Polo,  
As Estrellas, & o Sol der lune ao Mundo,  
Onde quer que eu viuer, com fama & gloria  
Viuirão teus lououres em memoria.

Isto dizendo, os barcos vam remando,  
Pera a frota, que o Mouro ver deseja,  
Vam as naos, hũa & hũa rodeando,  
Porque de todas tudo note, & veja:  
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,  
A frota co as bombardas o festeja,  
E as trombetas canoras lhe tangiam,  
Cos anafis os Mouros respondiam.

Mas despois de ser tudo ja notado,  
Do generoso Mouro, que pismaua,  
Ouuindo o instrumento inusitado,  
Que tamanho terror em si mostraua,  
Mandaua estar quieto, & ancorado,  
Nagoa o batel ligeiro que as leuaua,  
Por fallar de vagar co forte Gama,  
Nas cousas de que tem noticia, & fama.

Em



Em praticas o Mourro differentes,  
 Se deleitava, perguntando agora,  
 Pelas guerras famosas & excellentes,  
 Co pouo auidas, que a Mafoma adora:  
 Agora lhe pergunta pelas gentes  
 De toda a Hispberia vltima, onde mora:  
 Agora pelos pouos seus vezinhos,  
 Agora pelos humidos caminbos.

Mas antes valeroso Capitam,  
 Nos conta, lhe dezia, diligente,  
 Da terra tua o clima, & regiam,  
 Do mundo onde morais distintamente,  
 E assi de vossa antiga geraçam,  
 E o principio do Reino tam potente:  
 Cos successos das guerras do começo,  
 Que sem sabellas, sey que sam de preço.

E assi tambem nos conta dos rodeios  
 Longos, em que te tras o Mar yrado,  
 Vendo os costumes barbaros alheios,  
 Que a nossa Africa ruda tem criado  
 Conta: que agora vem cos aureos freios,  
 Os cauallos que o carro marchetado,  
 Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,  
 O Vento dorme, o mar & as ondas jazem:

Enam

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Enão menos co tempo se parece,  
O desejo de ouirte o que contares,  
Que quem ha, que por fama nam conhece  
As obras Portuguezas singulares:  
Nam tanto desuiado re splandece,  
De nos o claro Sol, pera julgares.  
Que os Milindanos tem tam rudo peito,  
Que nam estimem muito hum grande feito.

Cometeram soberbos os Gigantes,  
Com guerra vãõ, o olimpo claro, & puro,  
Tentou Peritho, & Theseu, de ignorantes,  
O reino de Plutani horrendo & escuro,  
Se ouue feitos no mundo tam possantes,  
Nãõ menos he trabalho illustre, & duro  
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,  
Que aytrem cometa a furia de Neteo;

Queimou o sagrado templo de Diana,  
Do sotil Tesifonio fabricado,  
Horostrato, por ser da gente humana  
Conhecido no mundo, & nomeado:  
Se tambem com tais obras nos engana,  
O desejo de hum nome auentajado.  
Mais razam ha que queira eterna gloria  
Quem faz obras tam dignas de memoria.  
Fim.

## Canto Terceiro.



Gora tu Caliope

me ensina,

O que contou ao Rei, o illustre  
Gama:

Inspira immortal canto, & voz diuina,

Neste peito mortal, que tanto te ama.

Affo claro inuentor da Medicina,

De quem Orpheo pariste, o lin la dama:

Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoë

Te negue o Amar diuido como soe.

Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,

Como merece a gente Lusitana,

Que veja & saiba o mundo que do Tejo

O licor de Aganipe corre & mana,

Deixa as flores de Pindo, que ja vejo

Banhar-me Apolo na agoa soberana.

Senam direy, que tês algum receio,

Que se escureça o teu querido Orpheio.

Promptos

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Promptos estauam todos escuitando,  
O que o sublime Gama contaria  
Quando, despois de hum pouco estar cuidãdo  
Aleuantando o rosto, a ssi dizia:  
Mandasme, o Rei, que conte declarando,  
De minha gente a gram geanalosia:  
Não me manda cantar estranha historia:  
Mas mandas me louuar dos meus a gloria.

Que outrem possa louuar esforço alheio,  
Cousa he que se costuma, & se deseja:  
Mas louuar os meus proprios, arreceio,  
Que louuor tam sospeito mal me esteja,  
E pera dizer tudo, temo & creio,  
Que qualquer longo tempo curto seja:  
Mas pois o mandas, tudo se te deue,  
Irey contra o que deuo, & serey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,  
He nam poder mentir no que disser,  
Porque de feitos tais, por mais que diga,  
Mais me ha de ficar inda por dizer:  
Mas porque nisto a ordem leue & siga,  
Segundo o que desejas de saber.  
Primeiro tratarey da larga terra,  
Despois direy da sanguinosa guerra.

Entre

Entre a Zona que o Cancro senhorea,  
 Meta Septentrional do Sol luzente,  
 E aquella, que por fria se arrecea  
 Tanto, como a do meyo por ardente,  
 Iaz a soberba Europa, a quem rodea,  
 Pela parte do Arcturo, & do Occidente:  
 Com suas salsas ondas o Oceano,  
 E pela Austral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nascendo,  
 Com Azia se auizinha: mas o Rio  
 Que dos montes Rifeios vay correndo,  
 Na alagoa Meotis, curuo & frio  
 As diuide: & o Mar, que fero & horrendo  
 Vio dos Gregos o yrado senhorio:  
 Onde agora de Troia triumphante,  
 Nam vê mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo està do Polo,  
 Dos montes Hyperboreos aparecem,  
 E aquelles onde sempre sopra Eolo,  
 E co nome do sopros, se ennobrecem,  
 Aqui tam pouca força tem de Apolo,  
 Os rayos que no mundo reſplandecem.  
 Que a neuue està contino pelos montes,  
 Geledo o mar, geladas sempre as fontes:

Aqui

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Aqui dos Cytas, grande quantidade  
Viuem, que antigamente grande guerra  
Tiueram, sobre a humana antiguidade,  
Cos que tinham entam a Egipcia terra:  
Mas quem tam fora estava da verdade,  
(la que o juyzo humano tanto erra:)  
Pera que do mais certo se informara,  
Ao campo Damasceno o perguntara.

Agora nestas partes se nomea,  
A Lapia fria, a inculta Noroega,  
Escandinauia llha, que se arrea,  
Das victorias que Italia nam lhe nega  
Aqui, em quanto as agoas nam refrea,  
O congelado Inuerno, se nauega.  
Hum braço do Sarmatico Oceano,  
Pelo Brusio, Suecio, & frio Dano:

Entre este Mar, & o Tanais viue estranha  
Gente, Ruthenos, Moscos, & Liunios,  
Sarmatas outro tempo, & na montanha  
Hircinia, os Marcomanos sam Polonios  
Sujeitos ao Imperio de Alemanha,  
Sam Saxones, Boemios, & Panonios,  
E outras varias nações, que o Reno frio  
Laua, & o Danubio, Amasis, & Albis Rio.

Entre

CANTO TERCEIRO. 277

Entre o remoto Istro, & o claro estreito,  
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,  
Estam os Traces de robusto peito,  
Do fero Marte, patria tam querida,  
Onde co Hemo, o Rodope sogeito  
Ao Otomano està, que sometida,  
Bizancio tem a seu serviço indino,  
Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estam as gentes,  
A quem lava do Axio a agoa fria:  
E vos tambem, o terras excellentes,  
Nos costumes, engenhos, & ousadia,  
Que criastes os peitos eloquentes,  
E os juizos de alta fantasia:  
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,  
Enão menos por armas que por letras.

Logo os Dalmatas viuem, & no seio,  
Onde Antenor ja muros leuanto,  
A soberba Veneza està no meio  
Das agoas, que tam baxa começou  
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio  
De esforço, nações varias sogeitou,  
Braço forte, de gente sublimada,  
Não menos nos engenhos que na espada.

Em torno

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Em torno o cerca o Reino Neptonino,  
Cos muros naturais, por outra parte,  
Pelo meyo o diuide o Apinino,  
Que tam illustre fez o patrio Marte:  
Mas despois que o porteiro tem diuino,  
Perdendo o esforço veio, & bellica arte:  
Pobre està ja de antiga potestade,  
Tanto Deos se contenta de humildade:

Galia ali se verá, que nomeada,  
Cos Cesarios Triumfos foy no mundo,  
Que do Sequana, & Rôdano he regada,  
E do Garuna frio, & Reno fundo:  
Logo os montes da Nimpha sepultada  
Pyrene se alevantam, que segundo  
Antiguidades contam, quando arderam,  
Rios de ouro, & de prata antam correrão.

Eis aqui se descobre a nobre Eſpanha,  
Como cabeça ali de Europa toda,  
Em cujo ſenhorio & gloria eſtranha,  
Muitas voltas tem dado a fatal roda:  
Mas nunca poderá, com força, ou manha  
A fortuna inquieta porlhe noda:  
Que lha nam tire o esforço & ouſadia,  
Dos belicoſos peitos, que em ſi cria.



CANTO TERCEIRO.

Com Tingitania entesta, & ali parece  
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,  
 Onde o sabido estreito se ennobrece,  
 Co extremo trabalho do Thebano:  
 Com nações diferentes se engrandece,  
 Cercadas com as ondas do Oceano.  
 Todas de tal nobreza, & tal valor,  
 Que qualquer dellas cuida que he milhor.

Tem o Tarragones, que se fez claro,  
 Sejeitando Partenope inquieta,  
 O Navarro, as Austrias, que reparo  
 Ia f. ram, contra a gente Mahometa,  
 Tem o Galego cauto, & o grande & raro  
 Castelhauo, o quem fez o seu Planeta  
 Restituidor de Espanha, & snber della,  
 Bethis, Lião, Granada, com Castella.

Eis aqui quasi cume da cabeça,  
 De Europa toda, o Reino Lusitano,  
 Onde a Terra se acaba, & o Mar começa;  
 E onde Febo repousa no Oceano:  
 Este quis o Ceo justo, que florea  
 Nas armas, contra o torpe Mauritano,  
 Deitando de si fora, & la na ardente  
 Africa estar quieto o nam cons. nte.

F Esta he

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Esta he a ditosa patria minha amada,  
Aa qual se o Ceo me da, que eu sem perigo  
Torue, com esta empresa ja acabada,  
Acabese esta luz ali comigo.  
Esta foy Lusitania diriua la,  
De Luso, ou Lysa, que de Baco antigo,  
Filhos foram parece, ou companheiros,  
E nella entam os Incolas primeiros.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome  
Se vê, que de homem forte os feitos teue,  
Cuja fama, ninguem virá que dome,  
Pois a grande de Roma nam se atreue:  
Esta, o velho que os filhos proprios come,  
Por decreto, do Ceo ligeiro, & leue,  
Veio a fazer no mundo tanta parte,  
Criando a Reino illustre, & foi desta arte.

Hum Rei, por nome Affonso, foy na Espanha  
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,  
Que por armas sanguinas, força & manha  
Amuytos fez perder a vida, & a terra:  
Voando deste Rei a fama estranha,  
Do Hertulano Calpe aa Caspia serra,  
Muitos pera na guerra esclarecerse,  
Vinham a elle, & aa morte offerecerse:

E com

E com hum amor intrinfeco acendidos,  
 Da Fe, mais que das honras populares,  
 Erão de varias terras conduzidos,  
 Deixando a patria amada, & proprios lares  
 Despois que em feitos altos & subidos,  
 Se mostrarã nas armas singulares.  
 Quis o famoso Affonso, que obras taes,  
 Leuassem premio digno, & dões iguaes.

Destes Anrique dizem que segundo,  
 Filho de hum Rei de Vngria experimentado,  
 Portugal ouue em sorte, que no mundo  
 Entam não era illustre, nem prezado:  
 E pera mais sinal damor profundo,  
 Quis o Rei Castelhana, que casado,  
 Com Teresa sua filha o Conde fosse,  
 E com ella das terras tomou posse.

Este despois que contra os descendentes,  
 Da escrava Ayar, victorias grandes teue,  
 Ganhando muitas terras adjacentes,  
 Fazendo o que a seu forte peito deue.  
 Em premio destes feitos excellentes,  
 Deuthe o supremo Deos, em tempo breue  
 Hum filho, que illuſir. ſſe o nome vſano  
 Do belicoſo Reino Luſitano.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

La tinha vindo Anrique da conquista,  
Da cidade Hyerosolima sagrada,  
E do lordão a area tinha visto,  
Que vio de Deos a carne em siluada,  
Que nam tendo Gofredo a quem resista,  
Depois de ter Iudea sojugada.  
Muitos que nest is guerras o ajudaram,  
Pera seus senhorios se tornaram.

Quando chegado ao fim de sua idade,  
O forte & famoso Vngaro estremado,  
Forçado da fatal necessidade,  
O Espirito deus, a quem lho tinha dado:  
Ficau o filho em terra mocidade,  
Em quem o pay deixaua seu traslado.  
Que do Mundo os mais fortes igualaua,  
Que de tal pay tal filho se esperaua.

Mas o velho rumor, nam sey se errado,  
Que em tanta antiguidade nam ha certeza,  
Conta que a mãy tomando todo o estado  
Do segundo Hymeneo, nam se despreza:  
O filho orfio deixaua de serdado,  
Dizendo que nas terras, a grandeza  
Do senhorio todo, so sua era,  
Porque pera casar seu pay lhas dera.

Mas

CANTO TERCEIRO. 271 33

Mas o Principe Affonso, que desta arte  
Se chamaua, do Auo tomando o nome,  
Vendose em suas terras nam ter parte,  
Que a mãy cõ seu marido as mãda e come,  
Feruendolhe no peito o duro Marte,  
Imagina consigo como as tome.  
Reuoluidas as causas no conceito,  
Ao proposito firme segue o effeito.

De Guimarães o campo se tingia,  
Co sangue proprio da intestina guerra,  
Onde a mãy que tam pouco o parecia,  
A seu filho negaua o amor, e a terra  
Co elle posta em campo ja se via,  
E nam ve a soberba, o muito que erra  
Contra Deos, contra o maternal amor:  
Mas nella o sensual era o mayor.

O Progne crua, o magica Medea,  
Se em vossos proprios filhos vos vingais  
Da maldade dos pais, da culpa alheia,  
Olhay que inda Ter:sa peca mais:  
Incontinencia ma, cubica fea,  
Sam as causas deste erro principais.  
Scilla por hũa mata o velho pay,  
Esta por ambas, contra o filho vay.

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

Mas ja o Principe el ro, o vencimento,  
Do padrao e da inica mãy leuaua,  
Lalhe obedece a terra num momento,  
Que primeiro contra elle pelejoua:  
Porem vencido de lra o entendimento,  
A mãy em ferros asperos ataua:  
Mas de Deos foi vingada em tempo breue  
Tanta veneraçam aos pais se deue.

Eis se ajunta o sberbo Castelhana,  
Para vingar a injuria de Teresa,  
Contra o tam raro em gente Lusitano,  
A quem nenhum trabalho agraua, ou pesa:  
Em trabalho cruel, o peito humano,  
Ajudado da Angelica defesa.  
Nam so contra tal furia se sustenta:  
Mas o inimigo asperissimo affugenta.

Não passa muito tempo, quando o forte  
Principe, em Guimarães está cercado,  
De infinito poder, que desta sorte,  
Foy refazer se o inimigo magoado:  
Mas com se offerecer aa dura morte,  
O fiel Egas amo, foy liurado.  
Que de outra arte podera ser perdido,  
Segundo estava mal apercebido.

Mas

CANTO TERCEIRO. V. I. 44

Mas o leal vassallo conhecendo,  
 Que seu senhor nam tinha resistencia,  
 Se vay ao Castelhana, prometendo,  
 Que elle faria darlhe obediencia.  
 Leuanta o inimigo o cerco horrendo,  
 Fiado na promessa, e consciencia  
 De Egas Moniz, mas nam consente o preito  
 Do moço illustre, a outrem ser sogcito.

Chegado tinha o prazo prometido,  
 Em que o Rei Castelhana já aguardava,  
 Que o Principe a seu mando sometido,  
 Lhe desse a obediencia que esperava.  
 Vendo Egas, que ficava fementido,  
 O que d'elle Castella nam cuidava,  
 Determina de dar a doce vida,  
 A troco da palavra mal comprida.

E com seus filhos e molher se parte,  
 A aleuantar co elles a fiança,  
 Descalços, e despidos, de salarte,  
 Que mais moue a piedade que a vingança.  
 Se pretendes Rei alto de vingarte,  
 De minha temeraria confiança,  
 Dizja, eis aqui venho offerecido,  
 A te pagar co a vida o prometido.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Ves aqui trago as vidas innocentes,  
 Dos filhos sem peccado, e da consorte,  
 Se a peitos generosos, e excellentes,  
 Dos fracos satisfiz a fera morte,  
 Ves aqui as mãos, e a lingua delinquentes,  
 Nellas jos exprimenta, toda forte  
 De tormentos, de mortes, pelo estillo  
 De Scimis, e do touro de Perillo.

Quil diante do algoz o condenado,  
 Que ja na vida a morte tem bebido,  
 Poem no cepo a garganta, e ja entregado,  
 Espera pelo golpe tam temido:  
 Tal diante do Principe indinado,  
 Egas estava a tudo offerecido:  
 Mas o Rei vendo a estranha lealdade,  
 Mais pode em fim que a lea a piedade.

O grão fidelidade Portuguesa,  
 De vassallo que a tanto se obrigava,  
 Que mais o Persa fez naquella empresa,  
 Onde rosto e narizes se cortava,  
 Do que ao grande Dario tanto pesa,  
 Que mil vezes dizendo suspirava,  
 Que mais o seu Zopiro são prezara,  
 Que vinte Babilonias que tomara.

Mas



Mas ja o Principe Affonso aparelhou,  
 O Lusitano exercito ditoso,  
 Contra o Mouro que as terras habitava,  
 Dalem do claro Tejo deleitoso,  
 la no campo de Ouri que se assentava,  
 O arraial soberbo, & belicoso:  
 De frente do inimigo Sarraceno,  
 Posto que em força & gente tam pequeno.

Em nenhũa outra cousa confiado,  
 Senam no summo Deos, que o Ceo regia,  
 Que tam pouco era o pouo baptizado,  
 Que pera hum so cem Mouros aueria,  
 Iulga qualquer juyzo sossegado,  
 Por mais temeridade que ousadia,  
 Cometer hum tamanho ajuntamento,  
 Que pera hum canalleiro ouuesse cento.

Cinco Reis Mouros sam os inimigos,  
 Dos quaes o principal Ismar se chama,  
 Todos experimentados nos perigos  
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama:  
 Seguem guerreiras Damias seus amigos,  
 Imitando a fermosa & forte Damia,  
 De quem tanto os Troyanos se ajudaram  
 E as que o Termodonte ja gostaram.

161

A matutina

OS LYSTADAS DE L. DE CA.

A matutina luz serena, e fria,  
 As estrellas do Polo ja apartaua,  
 Quando na Cruz o filho de Maria,  
 Amostrandose a Affonso o animaua.  
 Elle adorando quem lhe aparecia,  
 Na Fe todo inflamado assi gritaua.  
 Aos infieis Senhor, aos infieis,  
 Enam a my que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente  
 Portuguesa, inflamados leuantauam,  
 Por seu Rei natural, este excellente  
 Principe, que do peito tanto amauam.  
 E diante do exercito potente,  
 Dos inimigos, gritando o ceo tocauam.  
 Dizendo em alta voz, real, real,  
 Por Affonso alto Rei de Portugal.

Qual cos gritos e vozes incitado,  
 Pola montanha o rabido Mulofo,  
 Contra o Touro remete, que fiado  
 Na forca está do corno temroso.  
 Ora pega na urelha, ora no lado,  
 Latindo mais tigeiro que forte fo,  
 Ate que em fim rompendolhe a garganta,  
 Do branda a forca horrenda se quebranta.

CANTO TERCEIRO: V. 178

Tal do Rei nouo, o estamago acendido,  
Por Deos, & polo pouo juntamente,  
O barbaro comete apercebido,  
Co animoso exercito rompente:  
Leuantam nist os perros o larido  
Dos gritos, tocam a arma, serue a gente,  
As lanças & arcos tomão, tubas soão,  
Instrumentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateadada,  
Foi nos aridos campos (asoprando  
O sibilante Boreas) animada  
Co vento, o seco mato vay queimando:  
A pastoral companhia, que deitada  
Co doce sono estaua, despertando,  
Ao estridor do fogo que se atea,  
Recolhe o fato, & foge pera a aldeia.

Desta vrte o Mouro atonito & toruado,  
Toma sem tento as armas muy de pressa  
Nam foge: mas espera confiado,  
E o ginete belligero arremessa:  
O Portugues o encontra denodado,  
Pelos peitos as lanças lhe atraueffa.  
Hús caem meios mortos, & outros vão  
A aju la conuocando do Alcorão.



E nestes cinco escudos pinta os tintos  
 Dinheiros, porque Deos fora vendido;  
 Escreuendo a memoria em varia tinta,  
 Daquelle de quem foy fauorecido,  
 Em cada hum dos cinco, cinco pinta,  
 Porque assi fica o numero comprido:  
 Contando duas vezes o do meio,  
 Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.

Passado ja algum tempo, que passada  
 Era esta gram victoria, o Rei sobido  
 A tomar vay Leiria, que tomada  
 Fora muy pouco auita, do vencido:  
 Com esta a forte Arronches sojugada  
 Foy juntamente: e o sempre ennobrecido  
 Scabelicastro, cujo campo ameno,  
 Tu claro Tejo regas tam sereno.

A estas nobres villas sometidas,  
 Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,  
 En is ferras da Lúa conhecidas,  
 Sojuga a fria Sintra, o duro braço,  
 Sintra onde as Naiades escondidas  
 Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:  
 Onde Amor as enreda brandamente,  
 Nas agoas acendendo fogo ardente.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

E tu nobre Lixboa, que no Mundo,  
Facilmente das outras es princefa,  
Que edificada foſte do facundo,  
Por cujo engano foy Dardania acefa:  
Tu a quem obedece o Mar profundo,  
Obedeceſte aa força Portugueſa:  
Ajudada tambem da forte armada,  
Que das Boreais partes foy mandada.

La do Germanico Albis, & do Reno,  
E da fria Bretanha conduzidos,  
A destruir o pouo Sarraceno,  
Muitos com tençam ſançta erão partidos,  
Entrando a boca ja, do Tejo ameno,  
Co arrayal do grande Affonſo unidos:  
Cuja alta fama antam ſubia aos ceos,  
Foy poſto cerco aos muros Vlyſſeos.

Cinco vezes a Lũa ſe eſcondera,  
E outras tantas moſtrara cheio o roſto,  
Quando a Cidade entrada ſe rendera,  
Ao duro cerco, que lle eſtava poſto.  
Foy a batalha tam ſanguina & fera,  
Quanto obrigaua o firme preſuppoſto:  
De vencedores aſperos, & ouſados,  
E de vencidos, ja deſeſperados.

Deſta

CANTO TERCEIRO.

71

Desta arte em fim tomada se rendeo,  
 Aquella que nos tempos ja passados  
 Aa grande força nunca obedeceo,  
 Dos frios pouos Sciticos oufados:  
 Cujó poder a tanto se estendeo,  
 Que o lbero o vio, & o Tejo amedrontados.  
 E em fim co Betis tanto algum podèram,  
 Que aa terra de Vandalia nome dèram.

Que cidade tam forte, por ventura  
 Auera que resista, se Lisboa  
 Nam pode resistir aa força dura  
 Da gente, cuja fama tanto voa.  
 Ia lhe obedece toda a Estremadura,  
 Obidos, Alanquer, por onde soa  
 O tom das freças agoas, entre as pedras,  
 Que murmurando lava, & Torres vedras.

E vos também, o terras transtaganas,  
 Affamdas co dom da flaua Ceres,  
 Obedeceis aas forças mais que humanas,  
 Entregandolhe os muros & os poderes.  
 E tu laurador Mouro, que te enganas,  
 Se sustentar a fertil terra queres.  
 Que Eluás, & Moura, & Serpa conhecidas  
 E Alcaçare do sal, estão rendidas.

Eis

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eis a nobre Cidade, certo assento,  
Do rebelde Sertorio antigamente,  
Onde era as agoas nitidas de argenta,  
Vem sustentar de longo a terra & a gente,  
Pelos arcos reaes, que cento & cento  
Mos ares se aleuantam nobremente.  
Obedeceo, por meio & ousadia  
De Giraldo, que medos nam temia.

Va na cidade Beja vay tomar,  
Vingança de Tranciso destruida,  
Affonso que nam se be sossegar,  
Por estender co a fama a curta vida:  
Nam selbe pode muito sustentar  
A Cidade: mas sendo ja rendida,  
Em toda a corja viuua, a gente yrada,  
Prouando os fios vay da dura espada.

Com estas sujugada foy Polmella,  
E a piscosa Lizimbra, & juntamente  
Sendo ajudado mais de sua estrella  
Desbarata hum exercito potente:  
Sentio o a Villa, & vio o a serra della,  
Que a socorrella vinha diligente.  
Pela fralda da serra deschydado,  
Do temeroso encontro inopinado.



O Rei de Badajoz era alto Mouro,  
 Com quatro mil cauallos furiosos,  
 Innumer. os piões, darmas & de ouro  
 Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:  
 Mas qual no mes de Maio o brauo Touro  
 Cos ciumes da vaca, arreceosos,  
 Sentindo gente o bruto & cego amante  
 Saltea o descuidado caminhante.

Desta arte Affonso subito mostrado  
 Na gente da, que passa bem segura,  
 Fere, mata, derriba denodado,  
 Foge o Rei Mouro, & so da vida cura,  
 Dum Panico terror todo asombrado,  
 So de seguillo o exercito procura.  
 Sendo estes que fizeram tanto aballo,  
 Nomais que so se senta de cauallo.

Logo segue a victoria sem tardança,  
 O gram Rei incarsabil, ajuntando  
 Gentes de todo o Reino, cuja usança  
 Era andar sempre terras conquistando,  
 Cercar vay Badajoz, & logo alcança  
 O fim de seu desejo, peljando  
 Com tanto esforço & arte, & valentia,  
 Que a faz fazer aas outras companhia.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,  
O castigo daquelle que o merece,  
Ou pera que se emmende aas vezes tarda,  
Ou por segredos que homem nam conbece  
Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,  
Dos perigos a que elle se offerece.  
Agora lhe nam deixa ter defesa,  
Da maldiçam da mãy que estaua presa.

Que estando na cidade que cercára,  
Cercado nella foy dos Lioneses,  
Porque a conquista della lhe tomára,  
De Lião sendo, & nam dos Portugueses:  
A pertinacia aqui lhe custa cara,  
Assi como acontece muytas vezes,  
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso,  
Aa batalha onde foy vencido & preso.

O famoso pompeyo nam te pene,  
De teus feitos illustres a ruyna,  
Nem ver que a justa Nemesis ordene,  
Ter teu sogro de ti victoria dina,  
Posto que o frio Fasis, ou Syene  
Que pera nenhum cabo a sombra inclina:  
O Bootes gellado, & a linba ardente,  
Temessem o teu nome geralmente.

Posto

Posto que arica Arabia, & que os ferozes,  
 Eniocos: & Colcos, cuja fama  
 O veo dourado estende: & os Capadoces,  
 E Iudea, que hum Deos adora & ama,  
 E que o molles Sofenes, & os Atroces,  
 Silicios, com a Armenia, que derrama,  
 As agoas dos dous Rios, cuja fonte  
 Está noutro mais alto & sancto Monte.

E posto em fim que desdo mar de Atlante,  
 Ate o Scitico Tauro, monte erguido  
 La vencedor te vissem, nam te espante  
 Se o campo Emathio so te vio vencido,  
 Porque Affonso veras soberbo & ouante  
 Tudo render, & ser despois rendido.  
 Assim o quis o conselho alto celeste,  
 Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

Tornado o Rei sublime finalmente,  
 Do diuino juyzo castigado,  
 Despois que em Santarem soberbamente,  
 Em vão dos Sarracenos foy cercado.  
 E despois que do Martyre Vicente,  
 O sanctissimo corpo venerado.  
 Do sacro promontorio conhecido  
 Aa cidade Vlyssæa foy trazido.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Porque leuasse auante seu desejo,  
Ao forte filho manda o lasso velho,  
Que as terras se passasse dalentejo,  
Com gente, & co beligero aparelho:  
Sancho, desforço & danimo sobejo,  
Auante passa, & faz correr vermelho,  
O rio que Seuilha vay regando,  
Co sangue Mauro, barbaro & nefando.

E com esta victoria cobiceoso,  
La nam descansa o moço ate que veja,  
Outro estrago como este, temeroso  
No barbaro que tem cercado Beja.  
Nam tar.la muito o Principe ditoso,  
Sem ver o fim daquillo que deseja.  
Assi estragado o Mouro, na vingança  
De tantas perdas poem sua esperança.

La se ajuntam do monte, a quem Medusa  
O corpo fez perder, que teue o Ceo:  
La vem do promontorio de Ampelusa,  
E do Tinge que assento foy de Anteo.  
O morador de Abila nam se escusa,  
Que tambem com suas armas se moueo:  
Ao som da Mauritana & ronca tuba,  
Todo o Reino que foy do nobre Iuba.

Entraua

CANTO TERCEIRO. 30

Entrava com toda esta companhia,  
 O Miralmomini em Portugal,  
 Treze Reis mouros leua de valia,  
 Entre os quaes tem o ceptro Imperial:  
 E assi fazendo quanto mal podia,  
 O que em partes podia fazer mal.  
 Dom Sancho vay cercar em Santarem,  
 Porem nam lhe soccede muito bem.

Dalhe combates asperos, fazendo  
 Ardis de guerra mil, o Mouro yroso,  
 Nam lhe aproueita ja trabuco horrendo,  
 Mina secreta, Ariete forçoso:  
 Porque o filho de Affonso, nam perdendo  
 Nada do esforço, & acordo generoso,  
 Tudo prouè com animo & prudencia,  
 Que em toda a parte ha esforço & resistècia

Mas o velho a quem tinham ja obrigado  
 Os trabalhosos annos ao sossego,  
 Estando na cidade, cujo prado  
 Enuerdecem as agoas do Mondego:  
 Sabendo como o filho està cercado,  
 Em Santarem, do Mauro pouo cego,  
 Se parte diligente da Cidade,  
 Que nam perde a presteza co a idade.

OS LUSIADAS DE LI. DE CA.

E co a famosa gente à guerra vsada,  
Vay socorrer o filho, & assi ajuntados,  
A Portuguesa furia costumada,  
Em breue os Muros tem desbaratados:  
A campina que tola està qualbada  
De marlotas, capuzes variados,  
De cauallos, jaезes, presa rica,  
De seus senhores martos chea fica:

Logo todo o restante se partio,  
De Lusitania, postos em fugida,  
O Miralmomini so nam fogio,  
Por que antes de fogir lhe foy a vida,  
A quem lhe esta victoria permitio,  
Dão louvores & graças sem medida:  
Que em casos tam estranhos claramente,  
Mais peleja o fauor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumphaua,  
O velha Affonso, Principe sobido,  
Quando quem tudo em fim vencêdo andaua,  
Da larça, & muita idade foy vencido,  
A palida doença lhe tocava,  
Com fria mão o corpo enfraquecido:  
E pagarão seus annos deste geito,  
Aa triste Libitina seu dereito.

CANTO TERCEIRO!

Os altos promontorios o chorarão,  
 E dos rios as agoas saudosas,  
 Os semeados campos alagarão,  
 Com lagrimas correndo piadosas:  
 Mas tanto pelo mundo se alargarão,  
 Com fama suas obras valerosas,  
 Que sempre no seu Reino chamarão,  
 Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Sancho forte mancebo, que ficára  
 Imitando seu pay na valontia,  
 E que em sua vida ja se exprimentára,  
 Quando o Betis de sangue se tingia,  
 E o barbaro poder desbaratára,  
 Do Ismaelita Rei de Andaluzia.  
 E mais quando os que Beja em vão cercarão  
 Os golpes de seu braço em si prouarão.

Despois que foy por Rei aleuantado,  
 Auendo poucos annos que reinaua,  
 A cidade de Silues tem cercado,  
 Cujos campos o barbaro lauraua:  
 Foy das valentes gentes ajudado,  
 Da Germanica armada que passaua:  
 De armas fortes & gente apercebida,  
 A recobrar Iudea ja perdida.

Passauam a ajudar na sancta empresa,  
 O roxo Federico, que moueo  
 O poderoso exercito, em defesa  
 Da cidade onde Christo padeceo,  
 Quando Guido co a gente em sede acesa,  
 Ao grande Saladino se rendeo:  
 No lugar onde aos Mouros sobejauam,  
 As agoas que os de guido desejauam.

Mas a fermosa armada, que viera  
 Por contraste de vento, aaquella parte  
 Sancho quis ajudar na guerra fera,  
 Ia que em seruiço vay, do sancto Marte  
 Assim como a seu pay acontecera,  
 Quando tomou Lixboa, da mesma arte,  
 Do Germano ajudado Silues toma,  
 E o brauo morador destrue & doma.

E se tantos tropheos do Mahometa,  
 Aleuando vay tambem do forte  
 Liones, nam consente estar quieta  
 A terra usada aos casos de Mauorte:  
 Ate que na ceruiz seu jugo meta  
 Da soberba Tui, que a mesma sorte,  
 Vio ter a muitas villas suas vizinhas  
 Que por armas tu Sancho humildes tinhas.



Mas entre tantas palmas salteado  
 Da temerosa morte, fica erdeiro,  
 Hum filho seu de todos estimado,  
 Que foy segundo Affonso, & Rei terceir  
 No tempo deste, aos Mauros foi tomado  
 Alcacere do sal por derradeiro:  
 Porque dantes os Mouros o tomãram,  
 Mas agora estruidos o pagãram.

Morto despois Affonso lhe succede  
 Sancho segundo, manso & descuidado,  
 Que tanto em seus descuidos se desmede,  
 Que de outrem quẽ mandaua era mandado,  
 De governar o Reino que outro pede,  
 Por causa dos priuados foi priuado,  
 Porque como por elles se regia,  
 Em todos os seus vicios consentia.

Nam era Sancho nam tam desonesto,  
 Como Nero, que hum moço recebia  
 Por molher, & despois horrendo incesto,  
 Com a mãy Agripina cometia:  
 Nem tam cruel aas gentes & molesto,  
 Que a cidade queimasse onde viuia,  
 Nem tam mao como foi Helio gabãlo,  
 Nem como o mole Rei Sardanapãlo.

Nem

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Nem era o pouo seu tiranizado,  
Como Sicilia foy de seus tyranos,  
Nem tinha como Phalaris achado,  
Genero de tormentos inhumanos:  
Mas o Reino de altiuo, & costumado  
A senhores em tudo soberanos.  
A Rei nam obedece, nem consente,  
Que nam for mais que tudo excellente.

Por esta causa o Reino gouernou,  
O Conde Bolonhes, de spois alçado  
Por Rei, quando da vida se apartou,  
Seu yrmão Sancho, sempre ao ocio dado  
Este que Affonso o brano se chamou,  
De spois de ter o Reino segurado:  
Em dilatalo cuida, que em terreno  
Nam cabe o altiuo peito tam pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora  
Em casamento dada, grande parte,  
Recupera co braço, & deita fora  
O Mouro mal querido ja de Marte:  
Este de todo fez liure & senhora  
Lusitania, com força & bellica arte:  
E açabou de oprimir a naçam forte,  
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

Eis despois vem Dinis, que bem parece,  
 Do brauo Affonso estirpe nobre & dina,  
 Com quem a fama grande se escurece,  
 Da liberdade Alexandrina.  
 Coeste o Reino prospero florece,  
 (Alcançada ja a paz aurea diuina)  
 Em constituições, leis & costumes,  
 Na terra ja tranquila claros lumes.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se,  
 O valer so officio de Minerva,  
 E de Helicon a Musas fez passar-se,  
 A pisar de Mondego a fertil erua:  
 Quanto pode de Athenas desejar-se,  
 Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.  
 Aqui as capellas da tecidas de ouro,  
 Do Bacaro, & do sempre verde louro.

Nobres villas de nouo edificou,  
 Fortalezas, castellos muy seguros,  
 E quasi o Reino todo reformou,  
 Com edificios grandes, & altos muros:  
 Mas despois que a dura Atropos cortou,  
 O fio de seus dias ja maduros:  
 Ficoulhe o filho pouco obediente,  
 Quarto Affonso: mas forte & excellente.

Este

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Este sempre as soberbas Castelhanas,  
Co peito desprezou firme & sereno,  
Porque nam he das forças Lusitanas,  
Temer poder maior, por mais pequeno:  
Mas porem quando as gentes Mauritanas  
A possuir o Esperico terreno,  
Entraram pelas terras de Castella,  
Foy o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semirâmis, gente tanta  
Veio ôs campos Idaçpicos enchendo,  
Nem Atila, que Italia toda espanta,  
Chamandose de Deos açoute horrendo.  
Gottica gente trouxe tanta, quanta  
Do Sarraceno barbaro estupendo,  
Co poder excessiuo de Granada  
Foy nos campos Tartesios ajuntada,

Evendo o Rei sublime Castelhano,  
A força inexpugnabil, grande & forte,  
Temendo mais o fim do pouo Hispano,  
Ia perdida hũa vez, que a propria morte  
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,  
Lhe mandava a carissima consorte,  
Mulher de quem a manda, & filha amada  
Daquelle a cujo Reino foy mandada.

Entrava

Entraua a fermosissima Maria,  
 Polos paternais paços sublimados,  
 Lindo o gesto: mas fora de alegria,  
 E seus olhos em lagrimas banhados,  
 Os cabellos Angelicos trazia,  
 Pelos heburneos hombros espalhados:  
 Diante do pay ledo, que a agasalha,  
 Estas palauras tais chorando espalha.

Quantos pouos a terra produzio  
 De Africa toda gente fera & estranha,  
 O gram Rei de Marrocos conduzio  
 Pera vir possuir a nobre Espinha:  
 Poder tamanho junto nam se vio,  
 Despois que o salso Mar a terra banha.  
 Trazem ferocidade, & furor tanto,  
 Que a viuos medo, & a mortos faz espanto.

Aquelle que me deste por marido,  
 Por defender sua terra amedrontada,  
 Co pequeno poder, offerecido  
 Ao duro golpe esta, da Maura espada,  
 E se nam for contigo socorrido,  
 Verme as delle & do Reino ser priuada,  
 Viua & triste, & posta em vida escura,  
 Sem marido, sem Reino, & sem ventura.  
 Por tanto

OS LUSTIADAS DE L. DE CA:

Por tanto, ô Rei, de quem com puro medo,  
O corrente Muluca se congella,  
Rompe toda a tardança, acude cedo,  
Aa miseranda gente de Castella.  
Se esse gesto que mostras claro & ledo,  
De pay o verdadeiro amor affella:  
Acude & corre pay, que se nam corres,  
Pode ser que nam aches quem socorres.

Não de outra sorte a timida Maria  
Fallando está, que a triste Venus, quando  
A Iupiter seu pay favor pedia,  
Pera Eneas seu filho, nauegando  
Que a tanta piedade o comouia,  
Que caido das mãos o rayo infando.  
Tudo o clemente Padre lhe concede,  
Pesandolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja cos esquadrões da gente armada,  
Os Eborenses campos vão qualhados,  
Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,  
Vam rinchando os cauallos jaezados:  
A canora trombeta embandeirada  
Os corações aa paz acostumados:  
Vay ás fulgentes armas incitando  
Pelas concauidades retumbando.

Entre todos no meio se sublima,  
Das insignias Reais acompanhado,  
O valeroso Affonso, que por cima  
De todos, leua o collo aléuando,  
E somente co gesto esforça & anima,  
A qualquer coraçam amedrontado.  
Assi entra nas terras de Castella,  
Com a filha gentil Rainha della.

Iuntos os dous Affonsos finalmente,  
Nos campos de Tarifa, estam defronte  
Da grande multidam da cega gente,  
Pera quem sam pequenos campo & monte.  
Nam ha peito tam alto & tam potente,  
Que de desconfiança nam se afionte  
Em quanto nam conheça, & cliro veja,  
Que co braço dos seus Christo peleja.

Estam de Agar os netos casi rindo,  
Do poder dos Christãos fraco & pequeno,  
As terras como suas repartindo,  
Ante mão, ante o exercito Agareno:  
Que com titulo falso possuindo  
Estã o famoso nome Sarraceno.  
Assi tambem com falsa conta & nuã,  
Aa nobre terra albea chamam sua.

Qual

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Qualo membrudo & barbaro Gigante,  
Do Rei Saul, com causa tam temido,  
Vendo o Pastor inerme estar diante,  
So de pedras & esforço apercebido,  
Com palauras soberbas & arrogante,  
Despreza o fraco moço mal vestido:  
Que rodeando a funda o desfengana,  
Quanto mais pode a Fè que a força humana:

Desta arte o Mourro perfido despreza  
O poder dos Christãos, & nam entende,  
Que està ajudado da alta fortaleza,  
A quem o Inferno horrifico se rende.  
Co ella o Castelhana, & com destreza  
De Marrocos o Rei comete & offende.  
O Portugues que tudo estima em nada,  
Se faz temer ao Reino de Granada.

Eis as lanças & espadas reteniam,  
Por cima dos arneses, brauo estrago,  
Chamão (segundo as leis que ali seguiam,)  
Hús Mafamede, & os outros Sanctiago,  
Os feridos com grita ao Ceo feriam,  
Fazendo de seu sangue bruto lago,  
Onde outros meios mortos se afogauam,  
Quando do ferro as vidas escapauam.

Com



CANTO TERCEIRO. 99

Com esforço tamanho estrue & mata,  
 O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,  
 Totalmente o poder lhe desbarata,  
 Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:  
 De alcançar tal victoria tam barata,  
 Inda nam bem contente o forte braço,  
 Vay ajudar ao brauo Castelhana,  
 Que pelejando está co Mauritano.

Ia se hia o Sol ardente recolhendo,  
 Pera a casa de Thetis, & incliado,  
 Pera o Ponente o vespero trazendo,  
 Estaua o claro dia memorado,  
 Quãdo o poder do Mauro grande & horrêdo  
 Foi pelos fortes Reis desbaratado,  
 Com tanta mortindade, que a memoria,  
 Nunca no mundo viu tam gram victoria.

Não matou a quarta parte o forte Mario,  
 Dos que morreram neste vencimento,  
 Quando as agoas co sangue do aduersario  
 Fez beber ao exercito sedento,  
 Nemo Peno asperissimo contrario,  
 Do Romano poder de nascimento:  
 Quando tantos matou da illustre Roma,  
 Que alqueires tres de aneis dus mortos toma.

H      E se

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

E se tu tantas almas so podeste,  
Mandar ao Reino escuro de Cocito,  
Quando a sancta Cidade desfizeste.  
Do pouo pertinaz no antigo rito,  
Permissam & vingança foy celeste,  
E nam força de braço, o nobre Tito,  
Que assi dos Vates foy profetizado,  
E despois de I E S V certificado.

Passada esta tam prospera victoria,  
Tornado Affonso aa Lusitana terra,  
A se lograr da paz com tanta gloria,  
Quanta soube ganhar na dura guerra:  
O caso triste, & dino da memoria,  
Que do sepulchro os homẽs desenterra,  
Aconteceo da misera, & mezquinha  
Que despois de ser morta foy Rainha.

Tu so, tu puro amor com força crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deste causa aa molesta morte sua,  
Como se fora perfida inimiga:  
Se dizem fero Amor que a sede tua,  
Nem com lagrimas tristes se mitiga:  
E porque queres aspero & tirano  
Tuas aras banhar em sangue humano:

Estaus

Estavas linda lnes posta em sossego  
 De teus annos, colhendo doce fructo,  
 Naquelle engano da alma, ledos & cego,  
 Que a fortuna nam deixa durar muito,  
 Nos saudosos campos do Mondego,  
 De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
 Aas montes insinuando, & às eruinhas,  
 O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu Principe ali te respondiam,  
 As lembranças que na alma lhe morauão,  
 Que sempre ante seus olhos te traziam,  
 Quando dos teus fermosos se apartauão  
 Denoite em doces sonhos, que mentiam,  
 De dia em pensamentos que voauão.  
 E quanto em fim cuidaua, & quanto via,  
 Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras, & Princesas,  
 Os desejados tálamos engeita,  
 Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,  
 Quando hum gesto suaue te sogeita:  
 Vendo estas namoradas estranbezias,  
 O velho pay sesudo, que respeita  
 O murmurar do pono & a fantasia  
 Do filho, que casar se nam queria.

Tirar Ines ao mundo determina,  
 Por lhe tirar o filho que tem preso,  
 Credo co sangue so da morte inclina,  
 Mutar do firme amor o fogo aceso:  
 Que furor consentio, que a espada fina,  
 Que pode sustentar o grande peso  
 Do furor Mauro, fosse aleuantada,  
 Contra hũa fraca dama delicada

Traziam aos horrificos algozes,  
 Ante o Rei, ja mouido a piedade:  
 Mas o pouo com falsas, & ferozes  
 Razões, aa morte crua o persuade:  
 Ella com tristes & piadofas vozes,  
 Sai-las so da magoa, & saudade  
 Do seu Principe, & filhos que deixaua  
 Que mais que a propria morte a magoaua.

Pera o Ceo cristalino aleuantando,  
 Com lágrimas os olhos piadofos,  
 Os olhos, porque as mãos lhe estava atando,  
 Hum dos duros ministros rigurofos:  
 E despois nos mininos atentando,  
 Que tam queridos tinha, & tam mimofos,  
 Cuja orfin lade como mãy temia,  
 Pera o anò cruel asfi dizia.

Se ja nas brutas feras, cuja mente  
 Natura fez cruel de nascimento,  
 Enas aues agrestes, que samente  
 Nas rapinas aerias tem o intento,  
 Com pequenas criaucas vio a gente,  
 Terem tam piadoso sentimento,  
 Como co a mãy de Nino ja mostrárão,  
 E cos yrmãos que Roma edificáram.

O tu que tês de humano o gesto & o peito,  
 ( Se de humano he, matar hũa donzella  
 Fraca & sem força, so por ter subjeito  
 O coraçam, a quem soube vencella.)  
 A estas criancinhas tem respeito,  
 Pois o nam tês aa morte escura della,  
 Mouate a piedade sua & minha,  
 Pois te nam moue a culpa que nam tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,  
 A morte sabes dar com fogo & ferro,  
 Sabe tambem dar vida com clemencia,  
 A quem pera perdella nam fez erro:  
 Mas se to asy merece esta inocencia,  
 Poem me em perpetuo & misero desterro,  
 Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,  
 Onde em lagrimas vjua eternamente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Poemme onde se vſe toda a feridade,  
Entre Liões, & Tigres, & verey  
Se nelles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos nam achey:  
Ali co amor intrinfeco & vontade,  
Naquelle por quem mouro, criarey  
Estas reliquias suas que aqui viste,  
Que refrigerio sejam da mãy triste.

Queria perdoarlhe o Rei benigno,  
Mouido das palauras que o magoão:  
Mas o pertinaz pouo, & seu destino  
(Que desta sorte o quis) lhe nam perdoão,  
Arrancão das espadas de aço fino,  
Os que por bom tal feito ali apregoão,  
Contra hũa dama, ô peitos carniceiros  
Feros vos mostrais, & caualleiros.

Qual contra a linda moça Policena,  
Consolacãm extrema da mãy velha,  
Porque a sombra de Achilles a condena,  
Co ferro o duro Pirro se aparelha:  
Mas ella os olhos com que o ar serena,  
(Bem como paciente, & mansa ouelha)  
Na misera mãy postos, que endoudece  
Ao duro sacrificio se offerede.

Tais contra Inês os brutos matadores,  
 No colo de alabastro, que softinha  
 As obras com que amor matou de amores  
 Aquelle que despois a fez Rainha:  
 As espadas banhando, & as brancas flores,  
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,  
 Se encarnicauam, feruidos & yrosos,  
 No futuro castigo nam cuidadosos.

Bem podêras, ô Sol, da vista destes  
 Teus rayos apartar aquelle dia,  
 Como da seua mesa de Tuestes,  
 Quando os filhos por mão de Atreu comia:  
 Vos, ô concauos valles que podêstes,  
 A voz extrema ouuir da boca fria  
 O nome do seu Pedro que ouuistes,  
 Por muito grande espaço repetistes.

Assi como a bonina que cortada,  
 Antes do tempo foy, candida & bella,  
 Sendo das mãos laciuas mal tratada,  
 Da minina que a trouxe na capella:  
 O cheiro traz perdido, & a cor murchada:  
 Tal està morta a palida donzella,  
 Secas do rosto as rosas, & perdida  
 A branca & viua cor, co a doce vida:

OS LUSTIADAS DE L. DE CA.

As filhas do Mondego, a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram,  
E por memoria eterna em fonte pura  
As lagrimas choradas transformaram:  
O nome lhe poseram, que inda dura,  
Dos amores de Ines que ali passaram.  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lagrimas sam a agoa, & o nome amores

Não correo muito tempo que a vingança  
Nam visse Pedro das mortais feridas,  
Que em tomando do Reino a governança,  
A tomou dos fugidos humicidas:  
Do outro Pedro cruissimo os alcança,  
Que ambos inimigos das humanas vidas,  
O concerto fizeram duro & injusto,  
Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.

Este castigador foy reguroso,  
De latrocinios, mortes & adulterios,  
Fazer nos maos cruezas, fero & yroso,  
Eram os seus mais certos refrigerios:  
As cidades guardando justicoso,  
De todos os soberbos vituperios,  
Mais ladrões castigando aa morte deu,  
Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.

Do justo



CANTO TERCEIRO: 82

Do justo & duro Pedro nasce o brando  
(Vede da natureza o desconcerto)  
Remisso, & sem cuidado algum Fernando.  
Que todo o Reino pos em muito aperto  
Que vindo o Castelhana deuaftando  
As terras sem defesa, esteue perto  
De destruirse o Reino totalmente,  
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente

Ou foy castigo claro do peccado,  
De tirar Lianor a seu marido,  
E casarse com ella de enleuado,  
Num falso parecer mal entendido:  
Ou foy que o coraçam sogeito, & dado  
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,  
Molle se fez, & fraco, & bem parece  
Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiueram sempre a pena  
Muitos, que Deos o quis, & permitio:  
Os que foram roubar a bella Elena,  
E com Apio tambem Tarquino o vio:  
Pois por quem David Sancto se condena?  
Ou quem o Tribo illustre destruiu  
De Benjamin? bem claro nolo insina,  
Por Sarra Farão, Sychem por Dina.

E pois

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E pois se os peitos fortes enfraquece  
Hum inconcesso amor desatinado,  
Bem no filho de Almena se parece,  
Quando em Omfale andava transformado,  
De Marco Antonio a fama se escurece,  
Com ser tanto a Cleopatra affeçoado:  
Tu tambem! Peno prospero o sentiste,  
Despou, que hũa moça vil na Apulia viste.

Mas quem pode liurar se por ventura,  
Dos laços que amor arma brandamente  
Entre as rosas & a neue humana pura,  
O ouro, & o labastro transparente  
Quem de hũa peregrina fermosura  
De hum vulto de Medusa propriamente  
Que o coraçam conuerte que tem preso,  
Em pedra nam: mas em desejo acefo.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando  
Hũa suave & Angelica excelencia,  
Que em si està sempre as almas trãformãdo  
Que tiuesse contra ella resistencia:  
Desculpado por certo està Fernando,  
Pera quem tem de amor experiencia:  
Mas antes tendo liure a fantasia,  
Por muito mais culpado o julgaria.

Fim.

**Canto Quarto.**



**D**espois de procello

*na tempestade, e  
Nocturna sombra, e sibilante  
vento,*

*Traz a manbaã serena claridade,  
Esperança de porto, e saluamento:  
Aparta o Sol a negra escuridade,  
Remouendo o temor ao pensamento:  
Assi no Reino forte aconteceo,  
Despois que o Rei Fernando falleceo.*

*Por que se muito os nossos desejarão,  
Quem os danos e offensas va vingando,  
Naquelles que tambem se aproueitarão,  
Do descuido remisso de Fernando,  
Despois de pouco tempo o alcançarão,  
Ioanne sempre illustre alevantando  
Por Rei, como de Pedro unico erdeiro  
(Ainda que bastardo) verdadeiro.*

*Ser isto*

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Ser isto ordenaçam dos ceos diuina,  
Por sinais muito claros se mostrou  
Quando em Euora a voz de hũa minina,  
Ante tempo falando o nomeou:  
E como cousa em fim que o Ceo destina,  
No berço o corpo, & a voz alevantou,  
Portugal, Portugal, alçando a mão,  
Disse, polo Rei nouo Dom loão.

Alteradas entam do Reino as gentes,  
Co odio que occupado os peitos tinha,  
Absolutas cruzas & euidentes  
Faz do pouo o furor por onde vinha,  
Matando vão amigos & parentes,  
Do adultero Conde, & da Rainha,  
Com quem sua incontinencia desonestas  
Mais ( despois de viuua ) manifesta.

Mas elle em fim com causa desonrado,  
Diante della a ferro frio morre,  
De outros muitos na morte acompanhado  
Que tudo o fogo erguido queima & corre:  
Quem como Astianas precipitado  
( Sem lbe valerem ordês ) de alta torre  
A quem ordês, nem aras, nem respeito,  
quem nu por ruas & em pedaços feito.

Podense por em longo esquecimento,  
 As cruellas mortais que Roma vio  
 Feitas do feroz Mario, & do cruento  
 Sylla, qum lo o contrario lhe fogio:  
 Por isso Lianor, que o sentimento  
 Do morto Conde ao mundo descobrio,  
 Faz contra Lusitania vir Castella,  
 Dizendo ser sua filha berdeira della.

Beatriz era a filha, que casada  
 Co Castelhana está, que o Reino pede,  
 Por filha de Fernando reputada,  
 Se a corrompida fama lho concede.  
 Com esta voz castella aleuantada,  
 Dizendo que esta filha ao pay succede:  
 Suas forças ajunta pera as guerras  
 De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia que de hum trigo,  
 (Se foy) ja teue o nome diriuado  
 Das terras que Fernando, & que Rodrigo  
 Ganharam do tirano & Mau o estado:  
 Nam estimão das armas o perigo,  
 Os que cortan lo dão co duro arado  
 Os campos Lioneses, cuja gente,  
 (os Mouros foi nas armas excellente.

Os Vandalos, na antiga valentia  
 Ainda confiados, se ajuntauam  
 Da cabeça de toda Andaluzia,  
 Que do Goadalquibir as agoas lauam  
 A nobre Ilha tambem se apercebia,  
 Que antigamente os Tírios habitauam  
 Trazendo por insignias verdadeiras  
 As Herculeas columnas nas bandeiras.

Tambem vem la do Reino de Toledo,  
 Cidade nobre & antiga, a quem cercando  
 O Tejo em torno vay suave & ledo,  
 Que das ferras de Conca vem manando:  
 A vos outros tambem não tolhe o medo,  
 O sordidos Galegos, duro bando,  
 Que pera resistirdes, vos armastes,  
 Aaquelles, cujos golpes ja prouastes.

Tambem mouem da guerra as negras furias  
 A gente Bizcainha, que careçe  
 De polidas razões, & que as injurias  
 Muito mal dos estranhos compadeçe:  
 A terra de Guipuscua, & das Asturias  
 Que com minas de ferro se ennobreçe,  
 Armou delle, os soberbos matadores,  
 Pera ajudar na guerra a seus senhores.

Ioanne, a quem do peito o esforço crece,  
 Como a Sansam Hebreo da guedelba,  
 Posto que tudo pouco lhe parece,  
 Cos poucos de seu Reino se aparelha,  
 E nam por que conselho lhe falece,  
 Cos principaes senhores se aconselha:  
 Mas so por ver das gentes as sentenças,  
 Que sempre ouue entre muitos differenças.

Nam falta com razões quem desconferte,  
 Da opiniam de todos, na vontade,  
 Em quem o esforço antigo se conuerte  
 Em desusada & ma deslealdade,  
 Podendo o temor mais, gelado, inerte  
 que a propria & natural fidelidade  
 Negão o Rei & a patria, & se conuem  
 Negaram (como Pedro) o Deos que tem.

Mas nunca foy que este erro se sentisse,  
 No forte dom Nuno alvarez: mas antes  
 Posto que em seus Irmãos tam claro o disse,  
 Reprouando as vontades inconstantes:  
 A aquellas duuidosas gentes disse,  
 Com palauras mais duras que elegantes,  
 A mão na espada irado, & nam facundo,  
 Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

Como

**OS LUSTRADAS DE L. DE CA:**

Como da gente illustre Portuguesa,  
Ha de auer quem refuse o patrio Marte?  
Como, desta prouincia que princeza  
Foy das gentes na guerra em toda parte,  
Ha de sair quem negue ter defesa,  
Quem negue a Fe, o amor, o esforço & arte  
De Portugues, & por nenhum respeito  
O proprio Reino queira ver sojeito.

Como, nam sois vos inda os descendentes  
Daquelles, que debaixo da bandeira,  
Do grande Enriquez, feros & valentes  
Vencestes esta gente tam guerreira?  
Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
Poseram em fugida, de maneira,  
Que sete illustres Condes lhe trouxeram  
Presos, afora a presa que tiueram?

Com quem foram contino sopeados  
Estes, de quem o estais agora vos,  
Por Dinis & seu filho, sublimados  
Se nam cos vossos fortes pais & aões?  
Pois se com seus descuidos, ou peccados,  
Fernando em tal fraqueza assi vos pos,  
Torne vos vossas forças o Reino nouo,  
Se he certo que co Rei se muda o poro.



CANTO QVARTO. 65

Rei tendes tal, que se o valor tiuerdes  
 Igual ao Rei que agora aleuantastes,  
 Desbaratareis tudo o que quizerdes,  
 Quanto mais a quem ja desbaratastes:  
 E se com isto em fim vos não mouerdes,  
 Do penetrante medo que tomastes,  
 Atay as mãos a vosso vão receio,  
 Que eu so resistirey ao jugo albeio.

Eu so com meus vassallos, & com esta,  
 (E dizendo isto arranca mea espada)  
 Defenderey da força dura, & infesta  
 A terra nunca de outrem sojugada,  
 Em virtude do Rei, da patria mesta,  
 Da lealdade ja por vos negada,  
 Vencerey (nam so estes aduersarios.)  
 Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Bem como entre os mancebos recolhidos,  
 Em Camisio, reliquias sos de Canas,  
 Ia pera se entregar quasi mouidos  
 A fortuna das forças Affricanas:  
 Cornelio moço os faz, que compelidos  
 Da sua espada jurem, que as Romanas  
 Armas, nam deixarã em quanto a vida  
 Os nam deixar, ou nellas for perdida.

I Destarte

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Destarte a gente força, & esforça Nuno,  
Que com lhe ouuir as ultimas razões,  
Remouem o temor frio importuno,  
Que gelados lhe tinha os corações:  
Nos animais caualgam de Neptuno,  
Brandindo & volteando arremessoes,  
Vão correndo & gritando a boca aberta,  
Viu o famoso Rei que nos liberta.

Das gentes populares, hús aprouam  
A guerra com que a patria se sostinha,  
Hús as armas alimpão & renouam,  
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:  
Capacetes estofam, peitos prouão,  
Arma-se cada hum como conuinha.  
Outros fazem vestidos de mil cores,  
Com letras & tenções de seus amores.

Com toda esta lustrosa companhia,  
Ioanne forte sae da fresca Abrantes,  
Abrantes, que tambem da fonte fria  
Do Tejo logra as agoas abundantes:  
Os primeiros armigeros regia,  
Quem pera reger era os muy possantes,  
Orientais exercitos, sem conto  
Com que passaua Xerces o Helesponto:

Dom Nuno Alvarez digo, verdadeiro  
 Açoute de soberbos Castelhanos,  
 Como ja o forte Huno o foy primeiro  
 Pera Franceses, pera Italianos,  
 Outro tambem famoso caualleiro,  
 Que a ala direita tem dos Lusitanos,  
 Apto pera mandalos, & regelos,  
 Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.

E da outra ala que a esta corresponde,  
 Antão vazquez de Almada he Capitão,  
 Que despois foy de Abranches nobre Conde,  
 Das gentes vay regendo a seſtra mão,  
 Logo não retagoarda não se esconde,  
 Das quinas & castellos o pendão,  
 Com Ioanne Rey forte em toda parte,  
 Que escurecendo o preço vay de Marte.

Estauam pelos muros temerosas,  
 E de hum alegre medo quasi frias,  
 Rezando as mãis, irmãs, damas, & esposas  
 Prometendo jejús, & romarias:  
 Ia chegam as esquadras bellicosas,  
 Defronte das imigas companhias,  
 Que com grita grandissima os recebem,  
 E todas grande duuida concebem.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Respondem as trombetas mensageiras,  
Pifaros sibilantes, & atambores,  
Alferezes volteam as bandeiras  
Que variadas sam de muitas cores:  
Era no seco tempo, que nas eiras  
Ceres o fructo deixa aos lauradores,  
Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,  
Baco das vuas tira o doce mosto.

Deu sinal a trombeta Castelhana,  
Horrendo, fero, ingente, & temeroso,  
Ouuio o o monte Artabrô, & Guadiana,  
A tras tornou as ondas de medroso:  
Ouuio o Douro, & a terra transtagana,  
Correo ao mar o Tejo duuidoso:  
E as mãis que o som terribil escuitarão,  
Aos peitos os filhinhos apertarão.

Quantos rostos ali se vem sem cor,  
Que ao coraçam acode o sangue amigo,  
Que nos perigos grandes, o temor,  
He mayor muitas vezes que o perigo,  
E se o não he, pareceo, que o furor  
De offender, ou vencer o duro inimigo,  
Faz não sentir, que he perda grãde & rara  
Dos membros corporais da vida cara.

Começase

CANTO QVARTO: 87

Começase a trauar a incerta guerra,  
 De ambas partes se moue a primeira ala,  
 Hũs leua a defensam da propria terra,  
 Outros as esperanças de ganhala:  
 Logo o grande Pereira em quem se encerra  
 Todo o valor, primeiro se afinda  
 Derriba, & encõira, & a terra ã fim semea  
 Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

La pelo espesso ar, os estridentes  
 Farpões, setas, & varios tiros voão,  
 Debaxo dos pés duros dos ardentes  
 Cauillos, treme a terra, os vales soão:  
 Espedação se as lanças, & as frequentes  
 Quedas, co as duras armas tudo atroão.  
 Recre, em os inimigos sobre a pouca  
 Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali seus yrmãos contra elle vão,  
 (Caso feo & cruel: ) mas nam se espanta,  
 que menos he querer matar o yrmão,  
 quem contra o Rei & a patria se aleuanta:  
 Dostes arrenegados muitos sam,  
 No primeiro esquadrão, que se adianta  
 Contra yrmãos & parentes (caso estranho)  
 gnaes nas guerras Ciuis de Iulio Magno.

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

O tu Sertorio, o nobre Coriolano,  
Catilina, & vos outros dos antigos,  
Que contra vossas patrias, com profano  
Coraçam, vos fizestes inimigos:  
Se lá no reino escuro de Sumano,  
Receber les grauißimos castigos,  
Dizeilhe que tambem dos Portugueses  
Algũs tredores ouue algũas vezes.

Rompem se aqui dos nossos os primeiros,  
Tantos dos inimigos a elles vam:  
Esta ali Nuno, qual pelos outeiros  
De Ceita está o fortissimo lião,  
Que cercado se ve dos caualleiros,  
Que os campos vão correr de Tutuão,  
Perseguemno com as lanças, & elle irroso  
Toruado hũ pouco está, mas nam medroso.

Com torua vista os vê, mas a natura  
Ferina, & a yra não lhe compadecem  
Que as costas dê, mas antes na espessura  
Das lanças se arremessa, que recrecem:  
Tal está o caualleiro que a verdura  
Tinge co sangue alheyo, ali perecem  
Algũs dos seus, que o animo valente,  
Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio loane a afronta que passaua  
 Nuno, que como sabio capitam,  
 Tudo corria, e via, e a todos daua,  
 Com presenca e palauras coraçam:  
 Qual parida Lioa, fera e braua,  
 Que os filhos que no ninho sos estam  
 Sentio, que em quanto pasto lhe buscara.  
 O pastor de Massilia lhos furtara.

Corre rainosa, e freme, e com bramidos,  
 Os montes sete Irmãos atroa e abala,  
 Tal loanne com outros escolhidos  
 Dos seus correndo acode aa primeira ala:  
 O fortes companheiros, o subidos  
 Caualleiros, a quem nenhum se ygoala,  
 Defendey vossas terras que a esperança  
 Da liberdaae, esta na vossa lanca.

Vedes me aqui, Rey vosso, e companheiro  
 Que entre as lanças e setas, e os arneses  
 Dos inimigos corro, e vou primeiro:  
 Pelejay verdadeiros Portugueses:  
 Isto disse o magnanimo guerreiro,  
 E sopeando a lanca quatro vezes,  
 Com força tira e deste unico tiro  
 Muios lançarão o ultimo suspiro.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porque eis os seus acesos nouamente  
Dhãa nobre vergonha & honroso fogo  
Sobre qual mais com animo valente,  
Perigos vencerã, do Marcio jogo  
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente,  
Rompem malhas primeiro, & peitos logo  
Assi recebem junto, & dão feridas  
Como a quem ja não doe perder as vidas.

A muitos mandam ver o Estigio lago  
Em cujo corpo a morte, & o ferro entraua,  
O Mestre morre ali de Sanctiago,  
Que fortissimamente pelejava:  
Morre tambem, fazendo grande estrago  
Outro Mestre cruel de Calatraua,  
Os Pereiras tambem arrenegados  
Morrem, arrenegando o Ceo & os fados.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome  
Vão, & tambem dos nobres ao profundo,  
Onde o Trifauce Cão perpetua fome  
Tem, das almas que passam deste mundo:  
E porque mais aqui se amanse & dome  
A soberba do imigo furibundo,  
A sublime bandeira Castelhana,  
Foy derribada os pês da Lusitana.

Aqui



CANTO QVARTO 1269

Aqui a fera batalha se encruce,  
 Com mortes, gritos, sangue & cutiladas,  
 A multidão da gente que perece,  
 Tem as flores da propria cor mudadas:  
 Ia as costas dam & as vidas : ja falece  
 O furor, & sobejam as lançadas,  
 Ia de Castella o Rey desbaratado  
 Se vee, & de seu proposito mudado.

O campo vay deixando ao vencedor,  
 Contente de lhe nam deixar a vida,  
 Seguemno os que ficaram, & o temor  
 Lhe da nam pès, mas asas aa fugida:  
 Encobrem no profundo peito a dor  
 Da morte, da fazenda despendida,  
 Da mágoa, da desonra, & triste nojo  
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

Algũs vão maldizendo & blasfemando  
 Do primeiro que guerra fez no mundo  
 Outros a sede dura vão culpando  
 Do peito cobiçoso & sitibundo:  
 Que por tomar o alheo, o miserando  
 Pouo aventura aas penas do profundo,  
 Deixando tantas mãis, tantas esposas  
 Sem filhos, sem maridos desditosas.

OS LUSTADAS DE L. DE CA;

O vencedor Ioanne estene os dias  
Costumados no campo, em grande gloria  
Com offertas de spois, & romarias  
As graças deu a quem lhe deu victoria:  
Mas Nuno que nam quer por outras vias,  
Entre as gentes deixar de si memoria,  
Senam por armas sempre soberanas,  
Pera as terras se passa Transtaganas.

Ajudao seu destino de maneira  
Que fez igoal o effrito ao pensamento,  
Porque a terra dos Vandalos fronteira  
Lhe concede o de spojo & o vencimento:  
la de Siuilba a Betica bandeira,  
E de varios senhores num momento  
Se lhe dei riba aos pès sem ter defesa,  
Obrigados da força Portuguesa.

Destas & outras victorias longamente,  
Eram os Castelhanos opprimidos,  
Quando a paz de sejada ja da gente  
Derão os vencedores aos vencidos:  
D spois que quis o Padre omnipotente,  
Dar os Reis inimigos por maridos,  
Aas duas Illustrissimas Inglesas,  
Gentis, fermosas, inclitas pincezas.

Nam

CANTO QUARTO. 170

Não soffre o peito forte usado a guerra,  
 Nam ter inimigo já a quem faça dano,  
 E aſſinam tendo a quem vencer na terra  
 Vay cometer as ondas do Oceano  
 Este he o primeiro Rey que se deſtterra  
 Da patria, por fazer que o Africano,  
 Conbeça pollas armas, quanto excede  
 A ley de Christo aa ley de Maſamede.

Eis mil nadantes aues polo argento  
 Da furioſa Tetis inquieta,  
 Abrindo as pandas aſas vão ao vento  
 Pera onde Alcides pos a extrema meta:  
 O monte Abilá, & o nobre fundamento  
 De Ceita toma, & o torpe Mahometa  
 Deita fora, & ſegura toda Eſpanha  
 Da Iuliana, má, & deſleal manha.

Nam conſentio a morte tantos annos,  
 Que de Heroe tam ditoso se lograſſe  
 Portugal, mas os coros ſoberanos  
 Do ceo ſupremo, quis que pouoaſſe:  
 Mas pera deſenſam dos Luſitanos  
 Deixou quem o leuou, quem gouernaaſſe,  
 E augmentaaſſe a terra mais que dantes,  
 Inclita geraçam, altos Infantes.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não foy do Rey Duarte tam ditoso,  
O tempo que ficou na summa alteza,  
Que asy vay alternando o tempo iroso.  
O bem co mal; o gosto co a tristeza:  
Quem vio sempre hum estado deleitoso?  
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?  
Pois inda neste Reino, e neste Rey  
Nam usou ella tanto desta ley.

Vio ser captiuo o sancto yrmão Fernando,  
Que a tam altas empresas aspiraua,  
Que por saluar o pouo miserando  
Cercado, ao Sarraceno sentregaua:  
Sô por amor da patria està passando  
A vida de senhor a feita escrava,  
Por nam se dar por elle a forte Ceita  
Mais o publico bem que o seu respeito.

Codro porque o inimigo não vencesse,  
Deixou antes vencer da morte a vida,  
Regulo porque a patria nam perdesse,  
Quis mais a liberdade ver perdida:  
Este porque se Espanha nam temesse  
A captiueiro eterno se conuida:  
Codro, nem Curcio, ouuido por espanto,  
Nem os Decios leai fizeram tanto.

Mas Affonso do Reino vnico herdeiro,  
Nome em armas ditoso; em nossa Hesperie  
Que a soberba do barbaro fronteiro,  
Tornou em baxa & humilima miseria,  
Fora por certo inuicto caualleiro,  
Se nam quifera yr ver a terra Iberia:  
Mas Affrica dira ser impossibil,  
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

Este pode colher as maçãs de ouro,  
Que somente o Terintio colher pode,  
Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,  
A ceruiz inda agora nam sacode:  
Na fronte a palma leua, & o verde louro,  
Das victorias do barbaro, que acode  
A defender Alcacer forte villa,  
Tangere populoso, & a dura Arzilla.

Porem ellas em fim por força entradas,  
Os muros abaxarão de Diamante,  
Aas Portuguesas forças costumadas,  
A derribarem quanto acham diante,  
Marauilhas em armas estremadas,  
E de escriptura dinas elegante,  
Fizeram caualleiros nesta empresa  
Mais, affimando a fama Portuguesa.

Porem

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Porem de spois tocado de ambiçam,  
E gloria de mandar amara & bella,  
Vay cometer Fernando de Aragam,  
Sobre o potente Reino de Castella,  
Ajuntase a inimiga multidam,  
Das soberbas & varias gentes della,  
Desde Caliz ao alto Perineo,  
Que tudo ao Rei Fernando obedeço.

Nam quis ficar nos Reinos occioso,  
O mancebo loanne, & logo ordena  
De ir ajudar o pay ambicioso,  
Que entam lhe foy ajuda não pequena,  
Saiose em fim do trançe perigoso,  
Com fronte nam toruada: mas serena  
Desbaratado o pay sanguinolento:  
Mas ficou duuidoso o vencimento.

Porque o filho sublime & soberano,  
Gentil, forte, animoso caualleiro,  
Nos contrarios fazendo imenso dano,  
Todo hum dia ficou no campo inteiro:  
Desta arte foy vencido O Etiauiano,  
E Antonio vencedor seu companheiro,  
Quando daquelles que Cesar mataram  
Nos Philipicos campos se vingaram.

Porem

## CANTO QVARTO.

71

Porem despois que a escura noite eterna,  
 Affonso aposentou no Ceo sereno,  
 O Principe que o Reino entam gouernã,  
 Foy Ioanne segundo, & Rei terzeno:  
 Este por auer fama sempiterna,  
 Mais do que tentar pode homem terreno  
 Tentou, que foy buscar da roxa Aurora  
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

Manda seus mensageiros que passaram  
 Espanha, França, Italia celebrada,  
 E la no illustre porto se embarcaram,  
 Onde ja foy Partenope enterrada,  
 Napoles onde os fados se mostraram,  
 Fazendoa a varias gentes subjugada,  
 Pola illustrar no fim de tantos annos,  
 Co senhorio de inclitos Hispanos.

Polo mar alto Siculo nauegam,  
 Vãose aas praias de Rodes arenosas,  
 E dali aas ribeiras altas chegam,  
 Que com morte de Magno sam famosas:  
 Vão a Menfis, & aas terras que se regão,  
 Das enchentes Niloticas vndosas,  
 Sobem aa Ethiopia, sobre Egipto,  
 Que de Christo la guarda o sancto rito.

Passam

OS LVSAIDAS DE L. DE CA.

Passam tambem as ondas Eritreas,  
Que o pouo de Israel sem Nao passou,  
Ficão lhe a tras as serras Nabateas,  
Que o filho de Ismael co nome ornou:  
As costas odoríferas Sabeas,  
Que a mãy do bello Adonis tanto honrou  
Cercão, com toda a Arabia descuberta  
Feliz, deixando a Petrea, & a Deserta.

Entram no estreito Persico, onde dura  
Da confusa Babel, inda a memoria,  
Ali co Tigre o Eufrates se mestura,  
Que as fontes onde nascem tem por gloria:  
Dali vão em demanda da agoa pura,  
Que causa inda sera de larga historia,  
Do Indo, pellas ondas do Oceano,  
Onde nam se atreueo passar Trajano

Virão gentes incognitas, & estranhas  
Da India, da Carmania, & Gedrosia,  
Vendo varios costumes, varias manhas  
Que cada Região produz e cria,  
Mas de vias tam ásperas, tamanhas  
Tornarse facilmente nam podia,  
La morreram em fim, & la ficaram.  
Que aa desejada patria nam tornaram.

Parece



Parece que guardava o claro Ceo  
 A Manoel, & seus merecimentos,  
 Esta empresa tam ardua, que o moneo  
 A subidos & illustres mauimentos;  
 (Manoel, que a Ioanne soccedeo  
 No reino, & nos altiuos pensamentos)  
 Logo como tomou do reino cargo,  
 Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como do nobre pensamento  
 Daquella obrigaçam, que lhe ficara  
 De seus antepassados, (cujo intento,  
 Foy sempre acrecentar a terra chara)  
 Nam deixasse de ser hum so momento  
 Conquistado: No tempo que a luz clara  
 Foge, & as estrellas nitidas que saem  
 A repouso conuidão, quando caem.

Estando ja deitado no aureo leito,  
 Onde imaginações mais certas sam,  
 Reuoluendo continuo no conceito  
 De seu officio, & sangue a obrigaçam,  
 Os olhos lhe occupou o sonno aceito,  
 Sem lhe defoccur o coraçam:  
 Porque tanto que lasso se adormece  
 Morfeo en varias formas lhe aparece.

OS LYSTADAS DE L. DE CA:

Aqui se lhe apresenta que subia  
Tam alto que tocava aa prima Esphera  
Donde diante varios mundos via  
Nações de muita gente estranha, & fera:  
E laa bem junto donde nace o dia  
Despois que os olhos longos estendera,  
Vio de antigos longinquos & altos montes  
Nacerem duas claras & altas fontes.

Aues agrestes, feras & alimarias  
Pello monte seluatico habitauam,  
Mil arvores syluestres & eruas varias.  
O passo & o trato aas gentes atalbauam:  
Estas duras montanhas aduersarias,  
De mais conuersaçam, por si mostrauam  
Que desde Alão peccou aos nossos annos  
Nam as romperão nunca pês humanos.

Das agoas se lhe antolha que saião  
Por elle os largos passos inclinando,  
Dous homês, que muy velhos parecião  
De aspeito, inda que agreste, venerando:  
Das pontas dos cabellos lhe saião  
Gotas, que o corpo todo vão banhando,  
A cor da pelle baça & denegrida  
A barba hirsuta, intonsa, mas comprido,

Dambos

CANTO QVARTO. 74

Dambos de dous a fronte coroadã  
Ramos nam conhecidos, & eruas tinha,  
Hum delles a presença tras cansada  
Como quem de mais longe ali caminha,  
E a sã a agoa com impeto alterada  
Parecia que doutra parte vinha,  
Bem como Alfeo de Arcadia em Syracusa  
Vay buscar os abraços de Aretusa.

Este que era o mais graue na pessoa  
Destarte pera o Rey de longe brada,  
O tu a cujos reinos & coroa  
Grande parte do mundo está guardada,  
Nos outros, cuja fama tanto voa  
Cuja ceruiz bem nunca foy donada,  
Te auisamos que he tempo que ja mandes  
A receber de nos tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra  
Celeste, tenho o berço verdadeiro,  
Estoutro he o Indo Rey, que nesta terra  
Que ves, seu nacimiento tem primeiro,  
Custar temos com tudo dura guerra,  
Mas insistindo tu por derradeiro,  
Com nam vistas victoriosas, sem receyo,  
A quantas gentes ves poras o freyo.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não disse mais o rio Illustre & sancto,  
Mas ambos desparecem num momento,  
Acorda Emanuel cum nouo espanto  
E grande alteraçam de pensamento:  
Estendeo niſto Febo o claro manto:  
Pello escuro Emisperio somnolento:  
Veyo a menham no ceo pintando as cores  
De pudibunda rosa & roxas flores.

Chama o Rei os sonhores a conselho,  
E prôpoemlhe as figuras da visam,  
As palauras lhe diz do sancto velho,  
Que á todos foram grande admiraçam:  
Determinam o nautico aparelho,  
Pera que com sublime coraçam  
Vaa a gente que mandar cortando os mares  
A buscar nouos climas, nouos ares.

Eu que bem mal cuidaua que em effeito  
Se possesse o que o peito me pedia,  
Que sempre grandes cousas deste geito  
Presago o coraçam me prometia:  
Nam sey por que razão, por que respeito,  
Ou por que bom sinal que em mi se via,  
Me poem o inchyto Rei nas mãos a chaue  
Deste cometimento grande, & graue.

E com rogo & palauras amor.sas,  
 Que he hũ mãdo nos Reis que a mais obriga,  
 Me disse: As cousas arduas & lustrosas  
 Se alcançam com trabalho & com fadiga:  
 Faz as pessoas altas & famosas,  
 A vida que se perde & que periga,  
 Que quando ao medo infame não se rende  
 Então, se menos dura mais se estende.

Eu vos tenho entre todos escolhido  
 Para hũa empresa qual a vos se deue,  
 Trabalho illustre, duro & esclarecido,  
 O que eu sey que por mi vos sera leue:  
 Não s'fri mais, mas logo: O Rey subido,  
 Auenturarme a ferro, a fogo, a neuê,  
 He tam pouco por vos, que mais me pena  
 Ser esta vida cousa tam pequena.

Imaginay tamzinhas auenturas  
 Quaes Euristêo a Alcides inuentaua,  
 O lião Cleonêo, Arpias duras  
 O porco de Erimanto, a Ydra braua:  
 Decer em fim aas sombras vans & escuras  
 Onde os campos de Dite a Estige laua,  
 Porque a mayor perigo, a môr affronta  
 Por vos, o Rey, o spirito & carne he prôpta.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Com merces sumptuosas me agardece,  
E com razões me louua esta vontade,  
Que a virtude louuada viue & crece,  
E o louuor altos casos persuade:  
A acompanhar me logo se offerece  
Obrigado damor & damizade,  
Não menos cobiçoso de honra & fama,  
O charo meu Irmão Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,  
De trabalhos muy grande soffredor,  
Ambos sam de valia & de conselho  
Dexperencia em armas & furor:  
Ja de manceba gente me aparelho  
Em que crece o desejo do valer,  
Todos de grande esforço, & assi parece  
Quem a tamanhas cousas se offerece.

Forão de Emanuel remunerados,  
Porque com mais amor se apercebessem,  
E com palauras altas animados  
Pera quantos trabalhos soccedessem:  
Assi foram o Mynias ajuntados,  
Pera que o veo dourado combatessem,  
Na Fatulça nao, que ousou primeira  
Tentar o mar Euxinio, aventureira.

E já no porto da inclita *Vlissea*,  
 Cum aliuoroço nobre, & cum desejo,  
 (Onde o licor mestura & branca areia  
 Co salgaao *Neptuno* o doce *Tejo*.)  
 As naos prestes estão, & não refreia  
 Temor nenhum o iuuenil desêpejo,  
 Porque a gente maritima & a de *Marte*  
 Estam pera seguirme a toda parte.

Pellas prayas vestidos os soldados,  
 De varias cores vem, & varias artes,  
 E não menos de esforço aparelhados  
 Pera buscar do mundo nouas partes:  
 Nas fortes naos os ventos sossegados,  
 Ondeão os aerios estandartes,  
 Ellas prometem vendo os mares largos  
 De ser no *Olimpo* estrellas como a de *Argos*.

Despois de aparelhados desta sorte  
 De quanto tal viagem pede & manda,  
 Aparelhamos a alma pera a morte,  
 Que sempre aos nautas ante os olhos anda:  
 Pera o sumo poder que a *Etherea* corte  
 Sostenta so coa vista veneranda,  
 Imploramos fauor que nos guiasse,  
 E que nossos começos aspirasse.

Partimonos assi do sancto templo,  
 Que nas Praias do mar està assentado,  
 Que o nome tem da terra, pera exemplo,  
 Donde Deos foy em carne ao mundo dado:  
 Certificote, o Rey; que se contemplo  
 Como fuy destas prayas apartado  
 Cheyo dentro de duuida & receyo,  
 Que a penas nos meus olhos ponho o freyo

A gente da cidade aquelle dia  
 ( Hús por amigos, outros por parentes,  
 Outros por ver semente ) concorria  
 Saudosos na vista, & descontentes:  
 E nos coa virtuosa companhia  
 De mil religiosos diligentes,  
 Em procissam solene a Deos orando  
 Pera os bateis viemos caminbando.

Em tam longo caminho & duuidoso,  
 Por perdidos as gentes nos julgauam  
 As molheres cum choro piadoso,  
 Os homẽs com suspiros que arrancauam:  
 Mãis, Esposas, Irmãs, que o temeroso  
 Amor mais desconfia, acrecentauam  
 A desesperaçam, & frio medo  
 De ja nos nam tornar a ver tam cedo.

Qual



Qual vay dizendo : O filho a quem eu tinha  
 So pera refrigerio, & doce emparo  
 Desta cansa la ja velhice minha,  
 Que em choro acabará, penoso & amaro:  
 Porque me deixas, misera & mezquinha?  
 Porque de mi te vas, o filho charo  
 A fazer o funero enterramento,  
 Onde sejas de peixes mantimento?

Qualem cabelo: O doce & amado esposo  
 Sem quem não quis amor que viuer possa,  
 Porque is auenturar ao mar iroso  
 Essa vida que he minha, & nam he vossa?  
 Como por hum caminho duuidoso  
 Vos esquece a afeicam tam doce nossa?  
 Nosso amor, nosso vão contentamento,  
 Quereis que com as vellas leue o vento.

Nestas & outras palauras que diziam  
 De amor, & de piadosa humanidade,  
 Os velhos & os mininos os seguiam,  
 Em quem menos es forço poẽ a ydade:  
 Os montes de mais perto respondiam  
 Quasi moidos de alta piedade,  
 A branca areia as lagrimas banhauam,  
 Que em multidadam co ellas se igoalauam.

OS LVSTADAS DE L. DE CA:

Nos outros sem a vista aleuantarmos,  
Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,  
Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
Do proposito firme começado:  
Determiney de assi nos embarcarmos  
Sem o despedimento costumado,  
Que pasto que he de amor vsança boa  
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

Mas hum velho daspeito venerando,  
Que ficaua nas prayas, entre a gente,  
Postos em nos os olhos, meneando  
Tres vezes a cabeça, descontente,  
Avoz pesada hum pouco aleuantando,  
Que nos no mar ouuimos claramente,  
Cum saber so dexperiencias feyto  
Tais palauras tirou do experto peito:

O gloria de mandar, o vãã cobicia  
Desta vaidade, a quem chamamos Fama,  
O fraudulentto gosto, que se atica  
Cũa aura popular, que honra se chama:  
Que castigo tamanho & que justiça  
Fazes no peito vãõ que muito te ama,  
Que mortes, que perigos, que tormentas  
Que crueldades nelles esprimentas.

Dura inquietaçam dalma & da vida  
 Fonte de desemparos & adulterios,  
 Sagaz consumidora conbecida  
 De fazendas, de reynos, & de imperios:  
 Chamante illustre, chamante subida,  
 Sendo dina de infames vituperios,  
 Chamante Fama, & Gloria soberana,  
 Nomes com quem se o pouo nescio engana.

A que nouos desastres determinas  
 De leuar estes reynos & esta gente?  
 Que perigos, que mortes lhe destinas  
 Debaixo dalgum nome preminente?  
 Que promessas de reynos, & de minas  
 Douro, que lhe faras tam facilmente?  
 Que famas lhe prometeras, que historias?  
 Que triumphos, que palmas, que victorias?

Mas ô tu geraçam daquelle insano  
 Cujõ peccado & desobediencia  
 Não samente do reino soberano  
 Te pos neste desterro & triste ausencia:  
 Mas in da doutro estado mais que humano  
 Da quieta & da simpres innocencia,  
 Idade douro tanto te priou  
 Que na de ferro & darmas te deitou.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

La que nesta gostosa vaidade  
Tanto enleuas a leue fantasia,  
la que aa bruta crueza & feridade  
Pos. ste nome esforço & valentia:  
la que prezas em tanta quantidade  
O desprezo da vida, que deuia  
De ser sempre estimada, pois que ja  
Temeo tanto perdella quem a dà.

Não tens junto com tigo o Ismaelita  
Com quem sempre teras guerras sobejas?  
Nãõ segue elle do Arabio a ley maldita,  
Se tu polla de Christo so pellejas?  
Nam tem cidades mil, terra infinita  
Se terras & riqueza mais desejas?  
Nam he elle por armas esforçado  
Se queres por victorias ser louuado.

Deixas criar aas portas o inimigo  
Por yres buscar outro de tam longe,  
Por quem se despoouo o reino antigo  
Se enfraqueça & se vaa deitando a longe:  
Buscas o incerto & incognito perigo  
Porque a fama te exalte & te lisonje,  
Chamando te senhor com larga copia  
Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.  
O maldito

O maldito o primeiro que no mundo  
 Nas ondas vellas pos em seco lenho,  
 Dino da eterna pena do profundo,  
 Se he justa a justa ley que sigo & tenho:  
 Nunca juyzo algum alto & profundo,  
 Nem cythara sonora, ou viuo engenho,  
 Te dê por isso fama, nem memoria:  
 Mas contigo se acabe o nome & a gloria.

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo  
 O fogo que ajuntou ao peito humano,  
 Fogo que o mundo em armas accendeo  
 Em mortes, em desonras (grande engano)  
 Quanto milhor nos fora Promoteo,  
 E quanto pera o mundo menos dano,  
 Que a tua estatua illustre nam tiuera  
 Fogo de altos desejos, que a mouera.

Nam cometera o moço miserando  
 O carro alto do pay, nem o ar vazio  
 O grande Architector co filho, dando  
 Hum, nome ao mar, & o outro fama ao rio:  
 Nenhum cometimento alto & nefando  
 Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,  
 Deixa intentado a humana geraçam:  
 Misera sorte, estranha condiçao.

F I M.

**Canto Quinto.**



Stas sentenças tais

o velho honrado  
Vociferando estava, quando es  
brimos

As asas ao sereno & sossegado  
Vento, & do porto amado nos partimos;  
E como he ja no mar costume usado  
A vella desfraldando o ceo ferimos;  
Dizendo Boa viagem, logo o vento  
Nos troncos fezo usado mouimento.

Entrava neste tempo o eterno lume,  
No animal Nemejo truculento,  
E o mundo que com tempo se consume  
Na seista idade andava enfermo & lento:  
Nella ve, como tinha por costume  
Cursos do Sol quatorze vezes cento,  
Com mais nouenta & sete, em que corria  
Quando no mar a armada se estendia.

CANTO QUINTO: 1286

La a vista pouco & pouco se desterra  
Daquelles patrios montes que ficauam,  
Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra  
De Sintra, & nella os olhos se alongauam.  
Ficauamos tambem na amada terra  
O coraçam, que as magoas là deixauam,  
E ja despois que toda se escondo  
Não vimos mais em fim que mar & ceo.

Assi fomos abrindo aquelles mares  
Que geraçam algũa nam abrio,  
As nouas ilhas vendo & os nouos ares,  
Que o generoso Enrique descobrio  
De Mauritania os montes & lugares  
Terra que Anteo num tempo possuyou,  
Deixando aa mão esquerda, que aa direita  
Não ha certeza doutra, mas sospeita.

Passamos a grande Ilha da madeira  
Que do muito aruoredo assi se chama,  
Dis que nos pouoamos, a primeira,  
Mais celebre por nome, que por fama:  
Mas nem por ser do mundo a derradeira  
Se lhe auenta jão quantas Venus ama,  
Antes sendo esta sua se esquecera  
De Cypro, Guido, Pafos, & Cythèra.

Deixamos

Deixamos de Massilia a esteril costa,  
 Onde seu gado os Azenegues pastão,  
 Gente que as frescas agoas nunca gosta  
 Nem as eruas do campo bem lhe abastão:  
 A terra a nenhum fruto em fim desposta,  
 Onde as aues no ventre o ferro gastão,  
 Padecendo de tudo extrema inopia  
 Que aparta a Barbaria de Etiopia.

Passamos o lemite aonde chega  
 O Sol, que pera o Norte os carros guia,  
 Onde jazemos pouos, a quem nega  
 O filho de Climene a cor do dia:  
 Aqui gentes estranhas lava e rega  
 Do negro Sanaga a corrente fria,  
 Onde o Cabo Arsinario o nome perde  
 Chamando se dos nossos Cabo verde.

Passadas tendo ja as Canarias ilhas  
 Que tiuerão por nome Fortunadas,  
 Entramos nauegando pollas filhas  
 Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas  
 Terras por onde nouas maravilhas  
 Andaram vendo ja a nossas armadas,  
 Ali tomamos porto com bom vento  
 Por tomarmos da terra mantimento.

A aquellas



LA CANTIO QVINTO. 1123

A aquella ilha a portamos, que tomou  
 O nome do guerreiro Sanctiago,  
 Sancto que os Espanhoes tanto ajudou  
 A fazerem nos Mouros brauo estrago.  
 Daqui tanto que Boreas nos ventou  
 Tornarmos a cortar o immenso lago,  
 Do salgado Oceano, & assi deixamos  
 A terra onde o refresco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte  
 De Africa, que ficaua ao Oriente  
 A prouincia Laloso, que reparte  
 Por diuersas nações a negra gente:  
 A muy grande Mandinga, por cuja arte,  
 Logramos o metal rico & luzente,  
 Que do curuo Gambea as agoas bebe  
 As quaes o largo Atlantico recebe.

As Dorcadas passamos, pouoadas  
 Das Irmaãs, que outro tempo ali viuião;  
 Que de vista total sendo priuadas  
 Todas tres dhum so olho se seruião:  
 Tu so, tu cujas tranças em espadas  
 Neptuno lá nas agoas acendião,  
 Tornada ja de todas a mais fea  
 De binoras encheste a ardente areia.

L Sempre

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Sempre em fim pera o Austro a aguda proa  
No grandissimo golfão nos metemos,  
Deixando a serra asperrima Lyoa  
Co Cabo a quem das Palmas nome demos:  
O granderio, onde batendo soa  
O mar nas prayas notas, que ali temos,  
Ficou, co a Ilha illustre que tomou  
O nome dhum que o lado a Deos tocou.

Ali o muy grande reyno está de Congo  
Por nós ja conuertido á fee de Christo,  
Por onde o Zaire passa claro e longo  
Rio pellos antigos nunca visto:  
Por este largo mar em fim me alongo  
Do conhecido pollo de Calisto,  
Tendo o termino ardente ja passado  
Onde o meyo do mundo he limitado.

Ia descuberto tinhamos diante  
La no nouo Hemisferio noua estrella,  
Não vista de outra gente, que ignorante  
Alguns tempos esteue incerta della:  
Vimos a parte menos rutilante  
E por falta de estrellas menos bella,  
Do Polo fixo, onde inda se nam sabe  
Que outra terra comece, ou mar acabe.

Assi passando aquellas regiões  
 Por onde duas vezes passa Apolo,  
 Dous inuernos fazendo & dous verões  
 Em quanto corre dhum ao outro Polo:  
 Por calmas, por tormentas & oppressões  
 Que sempre faz no mar o yrado Eolo,  
 Vimos as Vrsas a pesar de luno  
 Banbarem-se nas agoas de Neptuno.

Contarte longamente as perigosas  
 Cousas do mar, que os homẽs não entendem,  
 Subitas trouoadas, temerosas,  
 Relampados que o ar em fogo acendem:  
 Negros chuueiros, noites tenebrosas,  
 Bramidos de trouões que o mundo fendem,  
 Não menos he trabalho, que grande erro  
 Ainda que tiuesse a voz de ferro.

Os casos vi que os rudos marinheiros  
 Que tem por mestra a longa experiencia,  
 Contão por certos sempre & verdadeiros  
 Julgando as cousas so polla apparencia:  
 E que os que tem juizos mais inteiros  
 Que so por puro engenho & por ciencia,  
 Vem do mundo, os segredos escondidos  
 Julgão por falsos, ou malentendidos.

Vi claramente visto o lume viua  
 Que a maritima gente tem por santo,  
 Em tempo de tormenta & vento esquiuo  
 De tempestade escura & triste pranto.  
 Não menos foy a todos excessiuo  
 Milagre, & cousa certo de alto espanto,  
 Ver as nuuës do mar com largo cano.  
 Soruer as altas agoas do Oceano.

Eu o vi certamente ( & não presumo  
 Que a vista me enganaua ) leuantarse,  
 No ar hum vaporzinho & sutil fumo,  
 E do vento trazido, rodearse:  
 De aqui leuado hum cano ao Polo sumo  
 Se via, tão delgado que enxergarse  
 Dos olhos facilmente nam podia,  
 Da materia das nuuës parecia.

Hia se pouco & pouco acrescentando  
 E mais que hum largo masto se engrossaua,  
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando  
 Os golpes grandes de agoa em si chupaua:  
 Estauase cõ as ondas ondeando,  
 Encima delle hũa nuuem se espessaua,  
 Fazendose mayor, mais carregada  
 Co cargo grande d'agoa em si tomada.

Qual

Qual roxa sangue suga se veria  
 Nos beixos da alimaria (que imprudente,  
 Bebendo a recolheo na fonte fria)  
 Fartar co sangue alheyo a sede ardente:  
 Chupando mais & mais se engrossa & cria,  
 Ali se enche & se alarga grandemente,  
 Tal a grande columna, enchendo aumenta  
 A si, & a nuuem negra que sustenta.

Mas despois que de todo se fartou  
 O pé que tem no mar a si recolhe,  
 E pello ceo chouendo em fim voo  
 Porque coa agoa a jacente agoa molhe:  
 Aas ondas torna as ondas que tomou:  
 Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,  
 Vejão agora os sabios na escriptura  
 Que segredos sam estes de Natura.

Se os antigos Philosophos, que andarã  
 Tantas terras, por ver segredos dellas,  
 As maravilhas que eu passei, passaram  
 A tam diuersos ventos dando as vellas:  
 Que grandes escripturas que deixaram  
 Que influçam de sinos & de estrellas,  
 Que estranhezas, que grandes qualidades,  
 E tudo sem mentir, puras verdades.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro  
Habita, cinco vezes apressada,  
Agora meyo rosto, agora inteiro  
Mostrará, em quãto o mar cortaua a armada  
Quando da Etereagauea hum marinheiro  
Prompto coa vista, terra, terra brada,  
Salta no bordo aluoroçada a gente  
Cos olhos no Orizante do Oriente.

A maneira de nuuës se comecam  
A descubrir os montes que enxergamos,  
As ancoras pesadas se adereçam,  
As vellas ja chegados amainamos:  
E pera que mais certas se conheçam  
As partes tam remotas onde estamos,  
Pello nouo instrumento do Astrolabio  
Inuencam de futil juizo & sabio.

Desembarcamos logo na espaçosa  
Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver cousas estranhas deseiosa  
Da terra que outro pouo nam pisou:  
Porem eu cos pilotos na arenosa  
Praya, por vermos em que parte estou,  
Me detenho, em tomar do sol a altura  
E compassar a vniuersal pintura.

Achamos

Achamos ter de todo ja passado  
 Do Semicapro pexe a grande meta,  
 Estando entre elle & o circulo gelado  
 Austral, parte do mundo mais secreta:  
 Eis de meus companheiros rodeado  
 Vejo hum estranho vir de pelle preta,  
 Que tomarão per força, em quanto apanha  
 De mel os doces fauos na montanha.

Tornado vem na vista, como aquelle  
 Que nam se vira nunca em tal estremo,  
 Nem elle entende a nos, nem nos a elle,  
 Seluagem mais que o bruto Polifemo:  
 Começolhe a mostrar da rica pelle  
 De Colcos o gentil metal supremo,  
 A prata fina, a quente especiaria:  
 A nada disto o bruto se mouia.

Mando mostrarlhe peças mais somenos  
 Contas de Christalino transparente,  
 Alguns soantes cascaueis pequenos,  
 Hum barrete vermelho, cor contente:  
 Vi logo por sinais & por acenos  
 Que com isto se alegra grandemente,  
 Mando o soltar com tudo & assi caminha  
 Pera a pouoaçam, que perto tinha.

OS LVSTADAS DE L. DE CA:

Mas logo ao outro dia seus parceiros  
Todos nús, & da cor da escura treua,  
Decendo pellos asperos outeiros  
As peças vem buscar que estoutro leua:  
Domesticos ja tanto & companheiros  
Se nos mostrão, que fazem que se atreua,  
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato  
E partirse co elles pello mato.

He Velloso no braço confiado  
E de arrogante cre que vay seguro,  
Mas, sendo hum grande espaço ja passado,  
Em que algum bom sinal saber procuro:  
Estando, a vista alçada, co cuidado  
No aventureyro, eis pello monte duro  
Aparece, & segundo ao mar caminha  
Mais apressado do que fora vinha.

O batel de Coelhe foy de pressa  
Pollo tomar, mas antes que chegasse,  
Hum Etiope ousado se arremessa  
A elle, porque nam se lhe escapasse:  
Outro & outro lhe saem: vesse em pressa  
Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse,  
Acudo eu logo, & em quanto o remo aperto  
Se mostra hum bando negro descuberto.



Da espessa nuuem setas & pedradas  
 Chouem sobre nos outros sem medida,  
 E nam foram ao vento em vão deitadas  
 Que esta perna trouxe eu dali ferida:  
 Mas nos como pessoas magoadas  
 A reposta lhe demos tam tecida,  
 Que em mais que nos barretes se sospeita  
 Que a cor vermelha leuão desta feita.

E sendo já Velloso em saluamento  
 Logo nos recolhemos pera a armada,  
 Vendo a malicia fea & rudo intento  
 Da gente bestial, bruta & maluada:  
 De quem nenhum milhor conhecimento  
 Podemos ter da India desejada,  
 Que estarmos inda muyto longe della  
 E assi torney a dar ao vento a vella.

Disse entam a Velloso hum companheiro  
 (Começando se todos a sorrir)  
 Oula Velloso amigo, aquelle outeiro  
 He milhor de decer que de subir:  
 Si he, responde o ousado aventureiro  
 Mas quando eu pera ca vi tantos vir,  
 Daquelles cães, de pressa hum pouco vim  
 Por me lembrar que estaueis ca sem mim.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Contou entam que tanto que passaram  
Aquelle monte, os negros de quem fallo,  
Auante mais passar o nam deixaram,  
Querendo, se não torna, ali matallo:  
E tornando se, logo se emboscaram  
Porque saindo nos pera tomallo,  
Nos podessem mandar ao reino escuro  
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porem ja cinco Soes eram passados  
Que dali nos partiramos, cortando  
Os mares nunca doutrem nauegados,  
Prosperamente os ventos assoprando:  
Quando bũa noite estando descuidados  
Na cortadora proa vigiando  
Hũa nuuem que os ares escurece  
Sobre nossas cabeças aparece,

Tão temerosa vinha & carregada,  
Que pos nos corações hum grande medo,  
Bramindo o negro mar, de longe brada  
Como se desse em vão nalgum rochedo:  
O poteštade, disse, sublimada  
Que ameazo diuino, ou que segredo,  
Este clima, & este mar nos apresenta,  
Que môr cousa parece que tormenta?

Não

Não acabaua, quando hũa figura  
Se nos mostra no ar, robusta & valida,  
De disforme & grandissima estatura,  
O rosto carregado, a barba esqualida:  
Os olhos encouados, & a postura  
Medonha & maa, & a cor terrena & palida  
Cheos de terra & crespos os cabellos,  
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso  
Certificarte, que este era o segundo  
De Rodes estranhissimo Colosso,  
Que hum dos sete milagres foy do mundo:  
Cum tã de voz nos falla horrendo & grosso  
Que pareceo sair do mar profundo,  
Arrepião se as carnes & o cabello  
A mi, & a todos, soo de ounillo & vello.

E disse: O gente ousada mais que quantas  
No mundo cometerão grandes cousas,  
Tu que por guerras cruas, taes & tantas  
E por trabalhos vãos nunca repousas:  
Pois os vedados terminos quebrantas  
E nauegar meus longos mares ousas,  
Que eu tãto tempo ha que guardo & tenho  
Nunca arados de stranho, ou proprio lenho:

Pois

Pois vens ver os segredos escondi los  
 Da natureza, & do humido elemento,  
 A nenhum grande humano concedidos  
 De nobre, ou de immortal merecimento:  
 Ouue os danos de mi, que apercebidos  
 Estam, a teu sobejo atreuimento,  
 Por todo o largo mar & polla terra  
 Que inda has de sojugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem  
 Que tu fazes, fizerem de atreuidas  
 Inimiga teram esta paragem  
 Com ventos & tormentas desmedidas.  
 E da primeira armada que passagem  
 Fizer por estas ondas insuffridas,  
 Eu farey dimprouiso tal castigo  
 Que seja môr o dano que o perigo:

Aqui espero tomar se não me engano  
 De quem me descobrio suma vingança,  
 E nam se acabará so nisto o dano  
 De vossa pertinace confiança:  
 Antes em vossas naos vereys cada anno  
 Se he verdade o que meu juyzo alcança,  
 Naufragios, perdições de toda sorte,  
 Que o menor mal de todos seja a morte.  
 E do

E do primeiro Illustre, que a ventura  
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,  
 Serey eterna & noua sepultura  
 Por juizos incognitos de Deos:  
 Aqui porà da Turca armada dura  
 Os soberbos & prosperos tropheos,  
 Comigo de seus danos o ameaça  
 A destruida Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virá de honrada fama  
 Liberal, caualeiro, enamorado  
 E consigo trará a fermosa dama  
 Que Amor por gram merce lhe terà dado:  
 Triste ventura, & negro fado os chama  
 Neste terreno meu, que duro & yrado,  
 Os deixará dhum cru naufragio viuos  
 Pera verem trabalhos excessiuos.

Verão morrer com fome os filhos charos  
 Em tanto amor gèrados & nacidos,  
 Verão os Cafres asperos & auaros  
 Tirar aa linda dama seus vestidos:  
 Os cristalinos membros & perclaros  
 Aa calma, ao frio, ao ar verão de spidos,  
 Depois de ter pisada longamente  
 Cos delicados pês a area ardente.

Everão

E verão mais os olhos que escaparem  
 De tanto mal, de tanta desventura,  
 Os dous amantes miserros ficarem  
 Na feruida & implacabile esp'ffura:  
 Ali de spois que as pedras abrandarem  
 Com lagrimas de dôr, de magoa pura,  
 Abraçados as almas so'taram  
 Da fermosa & miserrima prisa.

Mais hia por diante o monstro horrendo  
 Dizendo nossos fados, quando alçado  
 Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo  
 Corpo, certo me tem marauilhado.  
 A boca, & os olhos negros retorcendo,  
 E dando hum espantoso & grande brado,  
 Me respondeo, com voz pesada & amara  
 Como quem da pergunta lhe pesara.

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo  
 A quem chamais vos outros Tormentorio,  
 Que nũca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,  
 Plinio, & quantos passaram fuy notorio:  
 Aquí toda a Africana costa acabo  
 Neste meu nunca visto Promontorio,  
 Que per o Polo Antartico se estende  
 A quem vossa ouzadia tanto offende.

Fuy

Fuy dos filhos asperrimos da terra  
 Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,  
 Chameime Adamastor, & fuy na guerra  
 Contra o que vibra os rayos de Vulcano:  
 Nam que possesse serra sobre serra  
 Mas conquistando as ondas do Oceano,  
 Fuy capitam do mar, por onde andaua  
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

Amores da alta esposa de Peleo  
 Me fizeram tomar tamanha empresa,  
 Todas as Deosas desprezey do ceo  
 So por amar das agoas a Princeza:  
 Hum dia a vi coas filhas de Nereo  
 Sair nua na praya, & logo presa,  
 A vontade senti, de tal maneira  
 Que in.la não sinto cousa que mais queira.

Como fosse cousa impossibil alcançalla  
 Polla grandeza fea de meu gesto,  
 Determiney por armas de tomalla  
 E a Doris este caso manifesto:  
 De medo a Deosa entam por mi lhe falla:  
 Mas ella cum fermoso riso honesto,  
 Respondeo: Qual sera o amor bastante  
 De Nympha que sustente o dhum Gigante.

Com

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Com tudo por liurarmos o Oceano  
De tanta guerra, eu buscarey maneira,  
Com que com minha honra escuse o dano.  
Tal resposta me torna a mensageira:  
Eu que cair nam pude neste engano,  
(Que he grande dos amantes a cigueira)  
Encherãome com grandes abundanças  
O peito de de sejos & esperanças.

La nescio, ja da guerra desistindo  
Hũa noite de Doris prometida,  
Me aparece de longe o gesto lindo  
Da branca Thetis vnica de spida:  
Como doudo corri de longe, abrindo  
Os braços, pera aquella que era vida  
Deste corpo, & começo os olhos bellos  
A lhe beijar, as faces & os cabellos.

O que não sey de nojo como o conte  
Que crendo ter nos braços quem amaua,  
Abraçado n.e achey cum duro monte  
De aspero mato, & de espessura braua:  
Estando cum penedo fronte a fronte:  
Queu pollo rosto angelico apertaua,  
Não fiquey homem não, mas mudo & queido  
E junto dhum penedo outro penedo.

O nim pba



O Nimpha a mais fermosa do Oceano  
 Ia que minha presença nam te agrada,  
 Que te custaua terme neste engano,  
 Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada:  
 Daqui me parto irado, & quasi insano  
 Da magoa & da desonra ali passada  
 A buscar outro mundo, onde nam visse  
 Quem de meu pranto, & de meu mal se risse.

Erão já neste tempo meus Irmãos  
 Vencidos & em miseria extrema postos,  
 E por mais segurar-se os Deoses vãos  
 Alguns a varios montes sottopostos:  
 E como contra o Ceo nam valem mãos,  
 Eu que chorando andaua meus desgostos,  
 Comecey a sentir do fado amigo  
 Por meus atreuimentos o castigo.

Conuertefeme a carne em terra dura,  
 Em penedos os ossos se fizeram,  
 Estes membros que ves & esta figura  
 Por estas longas agoas se estenderam:  
 Em fim minha grandissima estatura  
 Neste remoto cabo conuerteram  
 Os Deoses, & por mais dobradas magoas  
 Me anda Thetis cercando destas agoas.

Assi contaus & cum medonho choro  
 Subito dante os olhos se apartou,  
 Desfez se a nuuem negra, & cum sonoro  
 Bramido, muito longe o mar soou:  
 Eu, leuando as mãos ao sancto coro  
 Dos Anjos, que tam longe nos guiou,  
 A Deos pedi que remouesse os duros  
 Casos, que Alamastor contou futuros.

La Phlegon, & Pyreis virham tirando  
 Cós outros dous o carro radiante,  
 Quando a terra alta se nos foy mostrando  
 Em que foy conuertido o gram gigante:  
 Ao longo desta costa, começando  
 Ia de cortar as ondas do Levante,  
 Por ella a abaixo hum pouco nauegamos  
 Onde segunda vez terra tomamos.

A gente que esta terra possuya  
 Posto que to los Etiopes eram,  
 Mais humanos no trato parecia  
 que os outros, que tão mal nos receberão:  
 Com bailos & com festas de alegria  
 Pella praya arenosa a nos vierão,  
 As molheres confizo & o manso gado  
 Que apacentauão, gordo & bem criado.

CANTO QUINTO: 78

As molheres queimadas vem encima  
 Dos vagarosos bois, ali sentadas  
 Animais que elles tem em mais estima  
 Que todo o outro gado das manadas:  
 Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,  
 Na sua lingua cantão concertadas,  
 Co doce som das rusticas auenas  
 Imitando de Titiro as Camenas:

Estes como na vista prazenteiros  
 Fosse[m], humanamente nos trataram,  
 Trazendonos galinhas & carneiros  
 Atroco doutras peças que leuaram:  
 Mas como nunca em fim meus companheiros  
 Palaura sua algũa lhe alcançaram  
 Que desse algum sinal do que buscamos:  
 As vellas dando, as ancoras leuamos,

La aqui tinhamos dado hum gram rodeyo  
 Aa costa negra de Africa, & tornaua  
 A proa a demandar o ardente meyo  
 Do Ceo, & o Polo Antartico ficaua:  
 Aquelle ilheo deixamos, ande veyo  
 Outra armada primeira, que b[is]caua  
 O tormentorio Cabo, & descuberto,  
 Naquelle ilheo fez seu limite certo.

Daqui fomos cortando muitos dias  
 Entre tormentas tristes e bonanças,  
 No largo mar fazendo nouas vias  
 So conduzidos de arduas esperanças:  
 Co mar hum tempo andamos em porfias  
 Que como tudo nelle sam mudanças,  
 Corrente nelle achamos tão possante  
 que passar não deixaua por diante.

Era mayor a força em demasia  
 Segundo pera tras nos obrigaua,  
 Do mar, que contra nos ali corria  
 que por nos a do vento que assoprava:  
 Injurado Noto da porfia  
 Em que co mar ( parece ) tanto estaua  
 Os assopros esforço iradamente  
 Com que nos fez vencer a gram corrente

Trazia o Solo dia celebrado  
 Em que tres Reis das partes do Oriente,  
 Forão buscar hum Rey de pouco nado  
 No qual Rey outros tres ha juntamente:  
 Neste dia outro porto foy tomado  
 Por nos, da mesma ja contada gente,  
 Num largo rio, ao qual o nome demos  
 Do dia em que por elle nos metemos.

Destá

CANTO QUINTO.

Esta gente refresco algum tomamos,  
E do rio fresca agoa, mas com tudo  
Nenhum sinal aqui da India achamos  
No pouo com nos outros casi mudo:  
Ora vê Rey quamanha terra andamos  
Sem sair nunca deste pouo rudo,  
Sem vermos nunca noua, nem sinal,  
Da desejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados  
Andariamos todos, quam perdidos,  
De fomes, de tormentas quebrantados  
Por climas & por mares nam sabidos:  
E do esperar com prido tam cansados  
Quanto a desesperar ja compellidos,  
Per ceos não naturais, de qualidade  
Inimiga de nossa humanidade.

Corrupto ja & danado o mantimento  
Danoso & ma'o ao fraco corpo humano,  
E alem disso nenhum contentamento  
Que se quer da esperanca fosse engano:  
Cres tu que se este nosso ajuntamento  
De soldados, nam fera Lusitano,  
Que durara elle tanto obediente  
Por ventura a seu Rey & a seu regente?

OS LUSIADAS DE LOPES DE CA:

Cres tu que ja nam forão leuautodos  
Contra seu capitam se os resistira,  
Fizendo se Piratas, obrigados  
De desesperaçam, de fome, de iras  
Grandemente, por certo estam prouados  
Pois que nenhum trabalho grande os tira  
Daquella Portuguesa alta excellencia  
De lealdade firme, & obediencia.

Deixando o porto em fim do doce rio  
E tornando a cortar a agoa salgada,  
Fizemos desta costa algum de fuio  
Deitando pera o pego toda a armada:  
Porque ventando Noto manso & frio  
Nã nos apinhasse a agoa da enseada,  
Que a costa faz ali daquella banda.  
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Esta passada, logo o leue leme  
Encomendado ao sacro Nicolao,  
Pera onde o mar na costa brada & geme  
A proa inclina dhũa & doutra nao.  
Quando in lo o coração que espera & teme  
E que tanto fiou dhum fraco pao,  
Do que esperaua ja desesperado  
Foy dhũa nouidade aluorocado.

E se

CANTO QUINTO: 93

E foy, que estando ja da costa perto  
Onde as prayas & valles bem se vião,  
Num rio, que ali se ao mar aberto  
Bateis aa vela emiração & sayão:  
Alegria muy grande foy por certo  
Acharmos ja pessoas que sabião  
Navegar, por que entrellas esperamos  
De achar nouas algúas, como achamos.

Ethiopes sam todos, mas parece  
Que com gente mi hor comunicauão,  
Palaura algúa Arabia se conbece  
Entre a lingoagem /ua que falauão,  
E com pano delgado que se tece  
De algodão, as cabeças apertauão,  
Com outro que de tinta azul se tinge  
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

Pella Arabica lingoa que mal falão,  
E que Fernão martinz muy bem entende  
Dizem, que por nos, que em grãdeza igoalã  
As nossas, o seu mar se certo & fñde.  
Mas que la donde sae o Sol, se abalão  
Pera onde a costa ao Sul se alarga, & estède  
E do Sul pera o Sol, terra onde auia  
Gente assi como nos da cor do dia.

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Muy grandemente aqui nos alegramos  
Coa gente, & com as nouas muito mais.  
Pellos sinais que neste rio achamos  
O nome lhe ficou dos bõs sinais:  
Hum padrão nesta terra aleuamos  
Que para asfinalir lugares tais  
Trazia alguns, o nome tem do bello  
Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, cascas & dostrinhos,  
Nojosa criaçam das agoas fundas,  
Alimpamos as naos, que dos caminhos  
Lonjos do mar, vem sordidas & immundas  
Dos hospedes que tinbamos vezinhos  
Com mostras apraziveis & jocundas,  
Ouuemos sempre o vsado mantimento  
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas nam foy, da esperança grande & immensa  
Que nesta terra ouuemos, limpa & pura  
A alegria: mas logo a recompensa  
A Ramnusia com noua desventura:  
Assi no ceo sereno se dispensa,  
Coesta condiçam pesada & dura  
Nacemos, o pesar tera firmeza,  
Mas o bem logo muda a natureza:  
E foy



CANTO QUINTO. VI 29

E foy que de doença crua & feya  
A mais que eu nunca vi, desemparrarão  
Muitos a vila, & ã terra estranha & alheia  
Os ossos pera sempre sepultarão:  
Quem auerá que sem o ver o creya  
Que tam disformemente ali lhe incharão,  
As ginzinas na boca, que crecia  
A carne, & juntamente apodrecia.

Apodrecia cum fetido & bruto  
Cheiro, que o ar vizinho inficionaua,  
Não tinhamos ali medico astuto,  
Sururgião sutil menos se achaua:  
Mas qualquer neste officio pouco instructo  
Pella carne ja podre assi cortaua,  
Como se fora morta, & bem conuinha  
Pois que morto ficaua quem a tinha.

Em fim que nesta incognita espessura  
Deixamos pera sempre os companheiros,  
Que em tal caminho & em tanta desuetura  
Forão sempre com nosco auentureiros  
Quam facil he ao corpo a sepultura  
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros  
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,  
Receberam de todo o illustre os ossos.

Assi

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Aſi que deſte porto nos partimos  
Com mayor eſperança & mór triſteza,  
E pela coſta abaixo o mar abrimos  
Buscando algum ſinal de mais firmeza:  
Na dura Moçambique em fim ſurgimos,  
De cuja falſidade & má vileza  
La ſe as ſabedor, & dos enganos  
Dos pouos de Mombaça pouo humanos.

Ate que aqui no teu ſeguro porto,  
Cuja brandura & doce tratamento,  
Darà ſaude a hum viuo, & vida a hũ morto,  
Nos trouxe a piedade do alto aſſento:  
Aqui reponſou, aqui doce conforto,  
Nova quietaçam do pensamento  
Nos deſte, & vès aqui ſe atente viuſte,  
Te contey tudo quanto me pedifte.

Iulgas agora Rey ſe ouue no mundo  
Gentes que tais caminhos cometeſſem?  
Crès tu que tanto Eneas & o facundo  
Uliffes, pello mundo ſe eſtendeſſem?  
Ou ſou algum a ver do mar profundo  
Por mais verſos que delle ſe eſcreueſſem,  
Do que eu vi, a poder deſforço & de arte  
E do que inda ei de ver, a oitaua parte?  
Eſſe

Esse que bebo tanto da agoa Aonia  
 Sobre quem tem contenda peregrina,  
 Entre si, Rodes, Smirna, & Colofonia,  
 Atenas, Yos, Argo, & Salamina:  
 E soutro que esclarece toda a Ausonia,  
 A cuja voz altifona & diuina  
 Ouuindo, o patrio Mincio se adormece,  
 Mas o Tibre co som se ensoberuece.

Cantem, louuem, & escreuão sempre estremos  
 Desses seus Semideoses, & encareção,  
 Fingindo Magas, Circes, Polifemos,  
 Syrenas que co canto os adormeção:  
 Dem lbe mais nauegar à vella & remos  
 Os Cicones, & a terra onde se esquecem  
 Os companheiros em gostando o Loto,  
 Dem lbe perder nas agoas o Piloto.

Ventos soltos lbe finjão & imaginem  
 Dos odres, & Calipfos namoradas,  
 Harpias, que o manjar lbe contaminem  
 Decer das sombras nuas ja passadas:  
 Que por muito & por muito que se afinem  
 Nestas Fabulas vaãs tambem sonhadas,  
 A ver lade que eu conto nua & pura  
Vence toda grandiloca e scriptura.

OS LYSTADAS DE LIDE CA.

Da boca do ficundo capitamissas ordos sup  
Pendendo estauam todos embebidos,  
Quando deu fim aa longa narraçam  
Dos altos feitos grandes & subidos:  
Louua o Rey o sublime coraçam  
Dos Reis em tantas gueroas conbecidos,  
Da gente louua a antiga fortaleza,  
A lealdade danimo & nobreza.

Vay recontando o pouo que se admira  
O caso cada qual que mais notou,  
Nenhum delles da gente os olhos tira  
Que tam longos caminhos rodeou:  
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira  
Que o irmão de Lampecia mal guiou,  
Por vir a descansar nos Thetios braços  
E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor & a justa gloria  
Dos proprios feitos, quando sam soados,  
Qualquer nobre trabalha que em memoria  
Vença, ou ygoale os grandes ja passados:  
As enuejas da illustre & alhea historia  
Fazem mil vezes feitos sublimados,  
Quem valerosas obras exercita  
Louuor alheo muito o esperta & encita.

Não

CANTO QUINTO: 95

Não tinha em tanto os feitos gloriosos  
 De Achilles, Alexandro na pelleja,  
 Quanto de quem o canta, os numerosos  
 Versos, isso so louua, isso deseja:  
 Os tropheos de Melciades famosos  
 Temistocles despertam so de enueja,  
 E diz, que nada tanto o deleitava  
 Como a vez que seus feitos celebraua:

Trabalha por mostrar Vasco da Gama  
 Que essas nauegações que o mundo canta,  
 Não merecem tamanha gloria & fama:  
 Como a sua, que o ceo & a terra espanta:  
 Si mas aquelle Heroe que estima & ama  
 Com dões, merces, fauores, & honra tanta  
 A lira Mantuana faz que soe  
 Eneas, & a Romana gloria voe.

Dà a terra Lusitana Scipiões,  
 Cesares, Alexandros, & da Augustos,  
 Mas não lhe dà com tudo aquelles dões  
 Cujá falta os faz duros & robustos  
 Octauio, entre as mayores oppressões  
 Compunha versos doutos & venustos,  
 Não dirá Fulvia certo que he mentira  
 Quando a deixana Antonio por Glasira.  
 Vay

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vay Cesar sojugando toda França  
E as armas não lhe empedem a sciencia,  
Mas nũa mão a pena, & noutra a lança  
Igoalaua de Cicero a eloquencia:  
O que de Scipião se sabe & alcança  
He nas comedias grande experiencia,  
Lia Alexandro a Homero de maneira  
Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

Em fim não ouue forte capitão  
Que não fosse tambem douto & sciente,  
Da Lacia, Grega, ou Barbara nação  
Se nam da Portuguesa tam somente:  
Sem vergonha o não digo, que a rezão  
Dalgun nam ser por versos excelente,  
He não se ver prezado o verso & rima,  
Porque quem não sabe arte não na estima.

Por isso & não por falta de natura  
Não ha tambem Virgilios nem Homeros,  
Nem auerá se este costume dura  
Pios Eneas, nem Achiles feros:  
Mas o pior de tudo he que a ventura  
Tam asperos os fez, & tam Austeros,  
Tão rudos, & de ingenho tam remisso  
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

Aas

Aas Musas agardeça o nosso Gama

O muito amor da patria, que as obriga  
A dar aos seus na lira nome & fama  
De toda a illustre & bellica fadiga:  
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,  
Caliope nam tem por tam amiga,  
Nem as filhas do Tejo, que deixassem.  
As tellas douro fino, & que o cantassem.

Porque o amor fraterno & puro gosto  
De dar a todo o Lusitano feito  
Seu louvor, he somente o pro suposto  
Das Tagides gentis, & seu respeito:  
Porem nam deixe em fim de ter desposto  
Ninguem a grandes obras sempre o peito,  
Que por esta, ou por outra qualquer via  
Não perdera seu preço & sua valia.

F I M.

## Canto Seifto.



**N**A M fabia em que

modo festejasse

O Rey Pagão os fortes nauegan-  
tes,

Pera que as amizades alcançasse

Do Rey Christão, das gentes tam possantes;

Pesalhe que tam longe o apousentasse

Das Europeas terras abundantes,

Aventura, que nam no fez vizinho

Donde Hercules ao mar abriu o caminho.

Com jogos, danças, & outras alegrias

A segundo a policia Melindana

Com vsadas & ledas pescarias

Com que a Lageia Antonio alegre & engana

Este famoso Rey todos os dias

Festeja a companhia Lusitana,

Com banquetes, manjares desusados

Com frutas, aues, carnes, & pescados.

Mas



Mas vendo o Capitão que se detinha  
 Ia mais do que deuia, & o fresco vento  
 O conuida que parta & tome a sinha,  
 Os Pilotos da terra & mantimento,  
 Não se quer mais deter, que ainda tinha  
 Muito pera cortar do falso argento,  
 Ia do Pagão benigno se despede  
 Que a todos amizade longa pede.

Pedelhe mais, que aquelle porto seja  
 Sempre com suas Frotas visitado,  
 Que nenhum outro bem mayor deseja  
 Que dar a tais barões seu reino & estado:  
 E que em quanto seu corpo o sprito reja  
 Estar à de continuo aparelhado,  
 A pôr a vida & reino totalmente  
 Por tão bom Rey, por tam sublime gente.

Outras palauras tais lhe respondia  
 O Capitão, & logo as vellas dando,  
 Pera as terras da Aurora se partia,  
 Que tanto tempo ha ja que vay buscando:  
 No Piloto que leua nam auia  
 Falsidade, mas antes vay mostrando  
 A naucaçam certa, & assi caminha  
 Ia mais seguro do que dantes vinha.

OS LVSIANOS DE L. DE CA.

As ondas navegam do Oriente

La nos mares da India, & encergauam

Os talamos do Sol, que nace ardente,

La quasi seus desejos se acabam:

Mas o mau de Tioneo, que na alma sente

As venturas, que entam se aparelhauam,

Aa gente Lusitana dellas dina,

Arde, morre, blasfema & defatina.

Via estar todo o Ceo determinado

De fazer de Lisboa noua Roma,

Nam no pode estoruar, que destinado

Esta doutra poder que tudo doma,

Do Olimpo dece em fim desesperado,

Nouo remedio em terra busca & toma,

Entra no humilde reino, & vaise da corte

Daquelle a quem o mar cayo em sorte.

No mais interno fundo das profundas

Cavernas altas, onde o mar se esconde,

La donde as ondas saem furibundas,

Quando aas iras do vento o mar responde,

Neptuno mora, & moram as jocundas

Nereidas, & outros Deoses do mar, onde

As agoas cumpo deixam aas cidales,

Que habitao estas humidas deidades.

Descobre

CANTO SEXTO.

Descobre o fundo nunca descoberto  
 As areas ali de prata fina,  
 Torres altas se vem no campo aberto  
 Da transparente massa cristalina,  
 Quanto se chegão mais os olhos perto,  
 Tanto menos a vista determina  
 Se he crystallo que vê, se diamante,  
 Que assi se mostra cl. ro & radiante.

As portas douro fino, & marchetadas  
 Do rico aljof. r que nas combas nace,  
 De esculptura fermosa estão lavradas,  
 Na qual do irado Baco a vista pace.  
 Evê primeiro em cores variadas  
 Do velho Caos a tam confusa face,  
 Vem se os quatro elementos trasladados  
 Em diuersos officios occupados.

Ali sublime o Fogo estaua encima,  
 Que em nebulia materia se sustinha,  
 Daqui as causas viuas sempre auma,  
 Despois que Promoteo furtado o timba:  
 Logo apos elle leue se sublima  
 O inuisibil ar, que mass asinha  
 Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,  
 Algum deixa no mundo estar vazio.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Estava a terra em montes reueſtida  
De verdes eruas & arvores floridas,  
Dando paſto diuerſo & dando vida  
Aas alimarias nella produzidas.  
A clara forma ali estava eſculpida  
Das agoas entre a terra deſparzidas,  
De peſcados cri. m. to varios modos,  
Com ſeu humor mantendo os corpos todos.

Noutra parte eſculpida estava a guerra  
Que thierão os Deos ſes coa Gigantes,  
E da Tiſeo de baixo da alta ferra  
De Etna, que as flamas lanca crepitantes.  
Eſculpido ſe vê ferindo a terra  
Neptuno, quando as gente ignorantes.  
Delle o cavallo ouuerão, & a primeira  
De Minerua pacifica Ouliveira.

Pouca tardança faz Leyo irado  
Na viſta deſtas couſas, meſentrando  
Nos paços de Neptuno, que auifado  
Da vinda ſua, o estava ja aguardando.  
Aas portas o recebe, acompanhado  
Das Nymphas, que ſe eſtão marauilhando,  
De ver que cometendo t. il caminho,  
Entre no reino dagoa o Rey do vinho.  
O Neptuno

O Neptuno, lhe disse, não te espantes  
 De Baco nos teus reinos receberes,  
 Porque também cos grandes & possantes  
 Mostra a Fortuna injusta seus poderes:  
 Manda chamar os Deoses do mar, antes  
 Que fale mais, se ouvirme o mais quiseres;  
 Verão da desventura grandes modos,  
 Oução todos o mal que toca a todos.

Julgando ja Neptuno que seria  
 Estranho caso aquelle, logo manda  
 Tritão, que chame os Deoses da agoa fria,  
 Que o mar habitão dhũa & doutra banda,  
 Tritão, que de ser filho se gloria  
 Do Rey, & de Salacia veneranda,  
 Era mancebo grande, negro & feyo  
 Trombeta de seu pay, & seu correyo.

Os cabellos da barba, & os que decem  
 Da cabeça nos ombros, todos erão,  
 Hũs limos prenhes dagoa, & bem parecem  
 Que nunca brando pentem conhecerão:  
 Nas pontas pendurados nam falecem  
 Os negros misilhões, que ali se gerão,  
 Na cabeça por gorra tinha posta  
 Hũa muy grande casca de Lagosta:

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

O corpo nũ, & os membros genitais  
Por não ter ao nadar impedimento,  
Mas porem de pequenos animais  
Do mar, todos cubertos cento & cento:  
Camarões, & Cangrejos, & outros mais  
Que recebem de Phebo crescimento,  
Ostras, & Camarões do musco sujos,  
As costas coa casca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida  
Que trazia, com força ja tocava  
A voz grande canora foy ouvida  
Por todo o mar, que longe retumbava:  
Ia toda a companhia apercebida  
Dos Deoses, pera os paços caminhava  
Do Deos, que fez os muros de Dardania,  
Destroidos despois da Grega insania.

Vinha o padre Oceano acompanhado  
Dos filhos & das filhas que gerara,  
Vem Nereo, que com Doris foy casado,  
Que todo o mar de Nymphas pouoara:  
O Propheta Proteo, deixando o gado  
Maritimo paecer pella agoa amara,  
Ali veyo tombem, mas ja sabia  
O que o padre Lyeo no mar queria:

Vinha

Vinha por outra parte a linda esposa  
 De Neptuno, de Celo & Vesta filha  
 Grauz, & leda no gesto, & tam fermosa  
 Que se amansaua o mar de maravilha:  
 Vestida hũa camisa preciosa  
 Trazia de delgada beatilha,  
 Que o corpo cristalino deixa verse,  
 Que tanto bem não he pera esconderse.

Anfitrite fermosa como as flores,  
 Neste caso nam quis que falecesse,  
 O Delfim traz consigo, que aos amores  
 Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:  
 Cos olhos que de tudo sam senhores  
 qualquer parecerá que o Sol venceesse,  
 Ambas vem pella mão, ygoal partido  
 Pois ambas sam esposas dhum marido.

Aquella que das furias de Atamante  
 Fugindo, veyo a ter diuino estado,  
 Consigo traz o filho, bello Infante,  
 No numero dos Deoses relatado:  
 Pella praya brincando vem diante  
 Com as lindas conchinhas, que o salgado  
 Mar sempre cria, & aas vezes pela areia  
 No colo o toma a bella Panopea.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

E o Deos que foy num tempo corpo humano,  
E por virtude da erua poderosa  
Foy conuertido em pexe, & deste dano  
Lhe resultou deidade gloriosa,  
Inda vinha chorando o feio engano,  
Que Circos tinha vsado cõa fermosa  
Scylla, que elle ama, desta sendo amado  
Que a mais obriga amor mal empregado.

La finalmente todos assentados  
Na grande sala nobre & diuinal,  
As Deofas em riquissimos estrados,  
Os Deofes em cadeiras de cristal:  
Forão todos do Padre agasalhados,  
Que co Thebano tinha assento ygoal:  
De fumos enche a casa a rica massa  
Que no mar nace, & Arabia é cheiro passa.

Estando sossegado ja o tumulto  
Dos Deofes, & de seus recebimentos,  
Começa a descobrir do peito occulto,  
A causa o Tyoneo de seus tormentos:  
Hum pouco carregando se no vulto,  
Dando mostra de grandes sentimentos,  
So por dar aos de Luso triste morte  
Coferro alheyo, fala desta sorte.

Princepe



Principe que de juro senhoreas  
 Dhum Polo ao outro Polo o mar irado,  
 Tu que as gentes da terra toda enfreas,  
 Que nam passem o termo limitado:  
 E tu padre Oceano, que rodeas  
 O mundo vniuersal, & o tens cercado:  
 E com justo decreto assi permites,  
 Que dentro viuão so de seus limites.

E vos Deoses do mar, que nam soffreis  
 Injuria algũa em vosso reino grande,  
 Que com castigo ygoal vos não vingueis,  
 De quem quer que por elle corra, & ande:  
 Que descuido foy este em que viueis?  
 Quem pode ser que tanto vos abrande,  
 Os peitos, com razão endurecidos  
 Contra os humanos fracos & atreuidos?

Vistes que com grandissima ousadia  
 Foram ja cometer o Ceo Supremo,  
 Vistes aquella insana fantasia  
 De tentarem o mar com vella & remo:  
 Vistes, & ainda vemos cada dia,  
 Soberbas & insolencias tais, que temo  
 Que do mar & do Ceo em poucos anos,  
 Venhão Deoses a ser, & nos humanos.

Vedes

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Vedes agora a fraca geração  
Que dhum vassallo meu o nome toma,  
Com soberbo, & altino coração,  
A vos, & a mi, & o mundo todo doma:  
Vedes o vosso mar cortando vão  
Mais do que fez a gente alta de Roma,  
Vedes o vosso reino deuassando  
Os vossos estatutos vão quebrando.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro  
No vosso reino este caminho abrirão,  
Boreas injuriado, & o companheiro  
Aquila, & os outros todos resistirão:  
Pois se do ajuntamento aventureiro  
Os ventos esta injuria assi sentirão  
Vos a quem mais compete esta vingança,  
que esperais, porque a pondeis em tardança?

Enam consinto Deoses que cuideis  
Que por amor de vos do ceo deci,  
Nem da magoa da injuria que sofreis,  
Mas da que seme faz tambem a mi:  
Que aquellas grandes honras, que sabeis  
que no mundo ganbey, quando venci  
As terras Indianas do Oriente,  
Todas vejo abatidas desta gente.

que

CANTO SEXTO: 103

Que o gram Senhor & fados que destinão,  
Como lhe bem parece, o baixo mundo,  
Famas mores que nunca determinão  
De dar a estes barões no mar profundo:  
Aqui vereis o Deoses como insinão  
O mal tambem a Deoses: que a segundo  
Se ve, ninguem ja tem menos valia  
que quem com mais razão valer denia.

E por isso do Olimpo ja fugi,  
Buscando algum remedio a meus pesares,  
Por ver o preço, que no Ceo perdi,  
Se por dita acharey nos vossos mares:  
Mais que dizer, & nam passou daqui,  
Porque as lagrimas ja correndo a pares  
Lhe saltarão dos olhos, com que logo  
Se acendem as Deidades dagoa em fogo.

A Ira com que subito alterado  
O coraçam dos Deoses foy nuu ponto,  
Nã soffreo mais conselbo bem cuidado,  
Nem dilação, nem outro algum desconto:  
Ao grande Eolo mandão ja recado  
Da parte de Neptuno, que sem conto  
Solte as furias dos ventos repugnantes,  
Que nam aja no mar mais nauegantes.

Bem

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Bem quísera primeiro ali Proteo  
Dizer neste negocio o que sentia,  
E segundo o que a todos pareceo  
Era algũa profunda prophecia:  
Porem tanto o tumulto se moueo  
Subito na diuina companhia,  
Que Thetis indinada lhe bradou,  
Neptuno sabê bem o que mandou.

Ia la o soberbo Hypotades soltaua  
Do carcere fechado os furiosos  
Ventos, que com palãuras animaua,  
Contra os varões audaces & animosos:  
Subito o ceo sereno se obumbraua,  
Que os ventos mais que nunca impetuosos  
Começão nouas forças a yr tomando,  
Torres, montes & casas derribando.

Em quantò este conselho se fazia  
No fundo aquoso, a leda lassa Frota  
Com vento sossegado proségua  
Pello tranquillo mar, a longa rota:  
Era no tempo quando a luz do dia  
Do Eolo Emisperio está remota,  
Os do quarto da prima se deitauão  
Perã o segundo os outros despertauão.

Vencidos

Vencidos vem do sono, & mal despertos  
 Bocijando a miude se encostauam,  
 Pellis antenas, todos mal cubertos,  
 Contra os agudos ares que assopravam:  
 Os olhos contra seu querer abertos  
 Mas estregando os membros estirauam,  
 Remedios contra o sono buscar querem,  
 Historias contão, casos mil referem.

Com que melhor podemos, hum dizia,  
 Este tempo passar, que he tam pesado,  
 Se não com algum conto de alegria  
 Com que nos deixe o sono carregado?  
 Responde Lionardo, que trazia  
 Pensamentos de firme namorado,  
 Que contos poderemos ter melhores  
 Pera passar o tempo, que de amores?

Não he, disse Veloso, cousa justa  
 Tratar branduras em tanta aspereza,  
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,  
 Nam fosse amores, nem delicadeza:  
 Antes de guerra feruida & robusta  
 A nossa historia seja, pois dureza  
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo  
 Que o trabalho por vir mo está dizendo.

Consente

' OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Consentem niſto todos, & encomendam  
AVeloso que conte isto que aproua,  
Contarey disse, sem que me reprehendam  
De contar couſa fabuloſa, ou noua:  
E porque os que me ouuirem daqui aprêdão  
A fazer feitos grandes de alta proua,  
Dos nacidos direy na noſſa terra,  
E eſtes sejam os doze de Inglaterra,

No tempo que do reino a redea leue  
Ioão filho de Pedro moderaua,  
Deſpois que ſoſsegado & liure o teue  
Do vizinho poder que o moliſtana;  
La na grande Inglaterra, que da neue  
Boreal ſempre abunda, ſen eua  
A fera Erinis dura & mã cizania  
Que luſtre foſſe a noſſa Luſitania,

Entre as damas gentis da corte Ingleſa,  
Enobres corteſãos, a caſo hum dia  
Se leuantou diſcordia em ira acẽſa,  
Ou foy opinião, ou foy porfia:  
Os Corteſãos a quem tam pouco peſa  
Solitar palauras graues de ouſadia  
Dizem que prouaram, que honras & ſãmas  
Em tais damas não ha, pera ſer damas.  
E que

E que se ouuer alguem com lança & espada  
 Que queira sustentar a parte sua,  
 Que elles em campo raso, ou estacada  
 Lhe daram fea infamia, ou morte crua:  
 A femiñil fraqueza pouco usada  
 Ou nunca a oprobrios tais, vendose nua  
 De forças naturais conuenientes  
 Socorro pede a amigos & parentes.

Mas como fossem grandes & possantes  
 No reino os inimigos, nam se atreuem  
 Nem parentes, nem feruidos amantes  
 A sustentar as damas, como deuem:  
 Com lagrimas fermosas & bastantes  
 A fazer que em socorro os Deoses leuem  
 De todo o Ceo, por rostos de alabastro  
 Se vão todas ao Duque de Alencastro.

Era este Ingres potente, & militara  
 Cos Portugueses ja contra Castella,  
 Onde as forças magnanimas prouara  
 Dos companheiros, & benigna estrella:  
 Não menos nesta terra esperimentara  
 Namorados affetos, quando nella  
 A filha viu, que tanto o peito doma  
 Do forte Rey, que por molher a toma.

Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Este que socorrer lhe nam queria,  
Por nam causar discordias intestinas  
Lhe diz, quando o direito pretendia  
Do reino la das terras lberinas,  
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
Tanto primor, & partes tam diuinas,  
Que elles sos poderião, se nam erro  
Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

E se agruadas damas sois seruidas,  
Por vos lhe mandarey embaixadores,  
Que por cartas discretas & polidas,  
De vosso agrauo os façam sabedores,  
Tambem por vossa parte encarecidas  
Com palauras das agos & damores,  
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo  
Que ali terees socorro & forte esteyo.

Destarte as aconselha o Duque experto,  
E logo lhe nomea doze fortes,  
E porque cada dama bum tenha certo,  
Lhe manda que sobrelles lancem sortes,  
Que ellas so doze sam: & descuberto  
Qual a qual tem caido das consortes,  
Cadhũa escrene ao seu por varios modos,  
E todas a seu Rey, & o Duque a todos.



Ia chega a Portugal o mensageiro,  
 Toda a corte aluoroça a novidade,  
 Quisera o Rey sublime ser primeiro,  
 Mas não lho soffre a Regia Magestade:  
 qualquer dos cortesãos aventureiro  
 (Deseja ser, com feruida vontade,  
 E so fica por bemaumenturado,  
 Quem ja vem pello Duque nomeado.

Lana leal cidade, donde teue  
 Origem (como he fama) o nome eterno  
 De Portugal, armar madeiro leue  
 Manda o que tem o leme do gouerno:  
 Apercebem se os d.ze em tempo breue  
 D'armas, & roupas de vso mais moderno  
 De elmos, cimeiras, letras & primores,  
 Cavalos, & concertos de mil cores.

Ia do seu Rey tomado tem licença  
 Pera partir do Douro celebrado,  
 Aquelles, que escolhidos por sentença  
 Foram do Duque Ingres esperimentado:  
 Não ha na companhia differença  
 De caualleiro, de siro, ou esforçado:  
 Mas hum so, que Magrico se dizia,  
 Destarte falla aa forte companhia.

Fortíſſimos confocios, eu deſejo  
 A muito ja de andar terras eſtranhas,  
 Por ver mais agoas, q̃ as do Douro & Tejo,  
 Varias gentes, & leis, & varias manhas:  
 Agora que aparelho certo vejo,  
 (Pois que do mūdo as couſas ſam tamarhas)  
 Quero ſe me deixais, ir ſo por terra,  
 Por que eu ſerey comoſco em Ingraterra.

E quando caſo for, que eu impedido  
 Por quem das couſas he vltima linhá,  
 Não for com voſco ao prazo inſtituido  
 Pouca falta vos faz a falta minha:  
 Todos por my fareis o que he diuido:  
 Mas ſe a verdade o ſpirito me adiuinha,  
 Rios, montes, fortuna, ou ſua enueja,  
 Nam faram que eu com voſco la nam ſeja.

Aſſi diz, & abraçados os amigos,  
 E tomada licença, em fim ſe parte,  
 Paſſa Lião, Caſtella vendo antigos  
 Lugares, que garbára o patrio Marte:  
 Navarra, cos altiſſimos perigos  
 Do Perineo, que Eſpanha & Galia parte:  
 Viſtas em fim de França as couſas grandes,  
 No grande emperio foy parar de Frandes.

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,  
 Sem passar se deteuue muitos dias,  
 Mas dos onze a illustrissima companha  
 Cortão do mar do Norte as ondas frias:  
 Chegados de Ingraterra aa costa estranha,  
 Pera Londres ja fazem todos vias,  
 Do Duque sam com festa agasalhados,  
 E das damas servidos & animados,

Chegase o prazo, & dia asbinalado,  
 De entrar em campo ja cos doze Ingrefes,  
 Que pello Rey ja tinham segurado,  
 Armanse delmos, greuas, & de arneses:  
 Ia as damas tem por si fulgente & armado  
 O Mauorte feroz dos Portugueses,  
 Vestem se ellas de cores & de sedas  
 De ouro, & de joyas mil, ricas & ledas,

Mas aquella, a quem fora em sorte dado  
 Magrico, que não vinha, com tristeza  
 Se veste, por nam ter quem nomeado  
 Seja seu caualleiro, nesta empresa:  
 Bem que os onze apregoão, que acabado  
 Será o negocio & si na corte Ingresa,  
 Que as damas vencedoras se contem  
 Poão que dons & tres ad seus falleção.

OS LIVSIADAS DE L. DE CA:

In num sublime & pubrico theatro  
Se assenta o Rey Ingres com toda a corte,  
Estauão tres & tres, & quatro & quatro,  
Bem como a cada qual cabe em sorte:  
Nam sam vistos do Soldo Tejo ao Brato,  
De força, esforço, & danimo mais forte,  
Outros doze sair como os Ingreses  
No campo, contra os onze Portugueses.

Mas ligão os caualos escumando  
Os aureos freos, com feroz semblante,  
Estaua o Sol nas armas rutilando  
Como em cristal, ou rigido diamante:  
Mas enxergase num & noutro bando  
Partido desigual & dissonante  
Dos onze contra os doze: quando a gente  
Começa a aluoroçar se ger almente.

Viram todos o rosto aonde auia  
A causa principal do rebolico,  
Eis entra hum caualleiro, que trazia  
Armas, cauallo, ao bellico seruiço:  
Ao Rey & aas damas fala, & logo se hia  
Pera os onze, que este era o gram Magrico  
Abraça os companheiros como amigos,  
A quem nam falta certa nos perigos.

A dama:

A dama como ouuio, que este era aquelle  
 Que vinha a defender seu nome & fama  
 Se alegre & veste ali do animal de Hele  
 Que a gente bruta mais que virtude ama:  
 la dão sinal & o som da tuba impelle  
 Os belicosos animos que inflama  
 Picão de esporas largam redeas logo  
 Abaixão lanças, fere a terra fogo.

Dos caualos o estrepito parece  
 que faz, que o chão debaixo todo treme,  
 O coração no peito, que estremece  
 De quem os olha, se aluoroça, & teme  
 qual do caualo voa, que nam dece,  
 qual co caualo em terra dando, geme,  
 qual vermelhas as armas faz de brancas,  
 qual cos penachos do elmo acouta as ancas.

Algum dali tomou perpetuo sono,  
 E fez da vida ao fim breue interualo,  
 Correndo algum cauallo vay sem dono,  
 E noutra parte o dono sem caualo:  
 Cae a soberba Ingreja de seu trono,  
 Que dous ou tres ja fora vão do valo,  
 Os que de espada vem fazer batalha,  
 Mais athão ja que arnes, escudo & malha.

De LVSIADAS DE LI. DE CAI

Gastar paluras em contar estremos  
De golpes feros, cruas estocadas,  
He desses gastadores, que sabemos  
Maos do tempo, com fabulas fonhadas:  
Basta por fim do caso, que entendemos  
Que com finezas altas & offamadas,  
Cos nossos fica a palma da victoria,  
Eas damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores  
Nos seus paços, com festas & alegria,  
Cozinheiros occupa, & caçadores  
Das damas a fermosa companhia,  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,  
Enquanto se detem em Ingraterra,  
Até tornar aa doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gram Magriço  
Dejeoso de ver as cousas grandes,  
La se deixou ficar, onde hum seruiço  
N tavelaa condeessa fez de Frandes:  
E como quem nã era ja nãuiço  
Em todotrance, onde tu Marte mandes,  
Hum Frances mata em campo, que o destino  
Lateue de Trocato & de Coruino.

Outro

Outro tambem dos doze em Alemanha  
 Se lança, & teue hum fero desafio  
 Cum Germano enganoso, que com manha  
 Nam diuida o quis pôr no extremo fio:  
 Contando assi Velofo, ja a companha  
 Lhe pede, que nam faça tal desuio  
 Do caso de Magrico, & vencimento  
 Nem deixe o de Alemanha em esquecime<sup>to</sup>.

Mas neste passo assi promptos estando,  
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,  
 O apito toca, acordam de spertando  
 Os marinheiros dhua & doutra banda:  
 E porque o vento vinha refrescando,  
 Os traquetes das gaueas tomar manda,  
 Alerta, disse, estay, que o vento crece  
 Daquella nuuem negra que aparece.

Não eram os traquetes bem tomados,  
 Quando dà a grande & subita procella,  
 Amaina, disse o mestre a grandes brados  
 Amaina, disse, amaina a grande vella,  
 Não esperam os ventos indinados  
 Que amainassem, mas juntos dando nella  
 Em pedaços a fazem, cum ruido  
 Que o mundo pareceo ser destruydo.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

O ceo fere com gritos niſto a gente,  
Cum ſubito temor, & deſacordo,  
Que no romper da vela a Nao pendente  
Toma gram ſuma dagoa pello bordo,  
Alija diſſe o meſtre, rjamente,  
Alija tudo ao mar, nam falte acordo,  
Vão outros dar a bomba nam ceſſando,  
Aa bomba que nos imos alagando.

Correm logo os ſoldados animoſos  
A dar aa bomba, & tanto que chegarã,  
Os balanços, que os mares temeroſos  
Derão aa Nao, num bordo os derribaram:  
Tres marinheiros duros, & forçoſos,  
A menear o leme nam baſtaram,  
Talhas lbe punhão dhũa & doutra parte  
Se aproueitar dos homês força & arte.

Os ventos eram tais, que nam poderam  
Moſtrar mais força dimpeto cruel,  
Se pera derribar entam vieram  
A fortiſſima torre de Babel:  
Nos altiſſimos mares, que creceram,  
A pequena grandura dhum batel,  
Moſtra a poſſante nao, que moue eſpanto  
Vendo que ſe ſoſtem nas ondas tanto.

A nao



A nao grande, em que vay Paulo da Gama,  
 Quebrado leua o masto pello meyo,  
 Quasi toda alagada: a gente chama  
 Aquelle que a saluar o mundo veyo:  
 Não menos gritos vãos ao ar derrama  
 Toda a Nao de Coelho, com receyo,  
 Com quanto teue o mestre tanto tento  
 Que primeiro amainou que desse o vento.

Agora sobre as nuuens os subião  
 As ondas de Neptuno furibundo,  
 Agora a ver parece que decião  
 As intimas entranhas do profundo:  
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião  
 Arruinar a machina do mundo,  
 A noite negra & feya se alumia,  
 Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

As Alcioneas aues triste cãto  
 Iunto da costa braua leuantarão,  
 Lembrandose de seu passado pranto,  
 Que as furiosas agoas lhe causarão:  
 Os Delfins namorados entre tanto  
 La nas couas maritimas entrarão,  
 Fugindo aa tempestade, & ventos duros  
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.  
 Nunca

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nunca tam viuos rayos fabricou  
Contra a fera soberba dos Gigantes,  
O gram ferreiro sordido, que obrou  
Do enteado as armas radiantes,  
Nem tanto o gram Tonante arremessou  
Relampados ao mundo fulminantes,  
No gram diluio, donae sós viueram  
Os dous que em gente as pedras conuerteram.

Quantos montes entam, que derribaram  
As ondas que batiam denodadas,  
Quantas arvores velhas arrancararam  
Do vento brauo as furias indinadas:  
As forçosas raizes nam cuidaram  
Que nunca pera o ceo fossem viradas,  
Nem as fundas arêas que podessem  
Tanto os mares que encima as reuoluessem.

Vendo Vasco da Gama que tam perto  
Do fim de seu desejo se perdia,  
Vendo ora o mar ate o inferno aberto,  
Ora com noua furia ao ceo subia,  
Confuso de temer, da vida incerto,  
Onde nenhum remedio lhe valia,  
Chama aquelle remedio sancto & forte  
Que o impossibil pode, desta sorte.

Diuina

CANTO SEXTO: 127 1 to 6

Divina guarda, angelica, celeste,  
 Que os ceos, o mar & terra senhoreas,  
 Tu que a todo Israel fugio deste  
 Por metade das agoas Eritreas:  
 Tu que liuraste Paulo & defendeste  
 Das Syrtes arenosas & ondas feas,  
 E guarda-te cos filhos o segundo  
 Pouoador do alagado & vacuo mundo.

Se tenho novos medos perigosos  
 Doutra Scylla & Caribdis ja passados,  
 Outras Syrtes, & baixos arenosos,  
 Outros Aroceraunios infamados,  
 No fim de tantos cosos trabalhosos,  
 Porque somos de ti desemparados,  
 Se este nosso trabalho nam te offende,  
 Mas antes teu seruiço so pretende?

O ditosos aquelles que puderam  
 Entre as agudas lanças Affricanas  
 Morrer, em quanto fortes sostineram  
 A sancta Fe, nas terras Mauritanas,  
 De quem feitos illustres se soberam,  
 De quem ficam memorias soberanas,  
 De quem se ganha a vida com perdella,  
 Doce fazendo a morte as honras della.

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Aſi dizendo os ventos que lutauão,  
Como touros indômitos bramando,  
Mais & mais atormenta acrecentauão,  
Pella miuda enxarcia aſſuuiando:  
Relampados medonhos nam ceſſauão,  
Feros trouões que vem representando  
Cair o ceo dos exos sobre a terra,  
Conſigo os elementos terem guerra.

Mas ja a amorosa ſtrela ſcintilaua  
Diante do Sol claro, no Orizante  
Mensageira do dia, & visitaua  
A terra, & o largo mar, com ledã fronte:  
A deoſa que nos ceos a governaua,  
De quem foge o enſifero Oriente,  
Tanto que o mar, & a chara armada vira,  
Tocada junto foy de medo, & de ira.

Estas obras de Bacô ſam por certo,  
Diſſe, mas nam ſera, que auante leue  
Tã danada tençam, que deſcuberto  
Me ſera ſempre o mal a que ſe atrene,  
Iſto dizendo, dece ao mar aberto,  
No caminho gaſtando eſpaço breue,  
Em quanto manda as nimphas amoroſas  
Grimaldas nas cabeças por de roſas.

Grimaldas

Grinaldas manda pôr de varias cores  
 Sobre cabellos louros a porfia,  
 Quem nam dirá, que nace[m] roxas flores  
 Sobre ouro natural, que amor infia:  
 Abrandar determina por amôres  
 Dos ventos a nojosa companhia,  
 Mostran tolbe as anadas Nymphas bellas,  
 Que mais fermosas vinham que as estrellas.

Assi foy, porque tanto que chegaram  
 A vista dellas, logo lhe falecem  
 As forças com que dantes pellejaram,  
 E ja como rendidos lhe obedecem:  
 Os pês & mãos, parece, que lhe atarã[m]  
 Os cabellos que os rayos escurecem,  
 A Boreas, que do peito mais queria,  
 Assi disse a bellissima Oritia.

Não creas, fero Boreas, que te creyo  
 Que me tiueste nunca amor constante,  
 Que brandura he de amor mais certo arreyo,  
 E nam conuem furor a firme amante:  
 Se ja nam pôes a tanta insania freyo,  
 Não esperes de my daqui em diante,  
 Que possa mais amirre, mas temer te,  
 Que amor contigo, em medo se conuerte.

Assi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Assimesmo a fermosa Galatea

Dizia ao fero Noto, que bem sabe  
Que dias ha que em vella se recrea,  
E bem creè que com elle tudo acabe,  
Não sabe o brauo tanto bem se o crea,  
Que o coraçam no peito lhe não cabe,  
De contente de ver que a dama o manda,  
Pouco cuida que faz se logo abranda.

Desta maneira as outras amansauam  
Subitamente os outros amadores,  
E logo aa linda Venus se entregauam,  
Amanfadas as iras e os furores,  
Ella lhe prometeo vendo que amauam  
Sempiterno fauor em seus amores,  
Nas bellas mãos tomandolhe omenagem  
De lhe screm leais esta viagem.

La a manham clara daua nos outeiros,  
Por onde o Ganges murmurando soa,  
Quando da celsa gauea os marinheiros  
Enxergarão terra alta pella proa,  
La fora de tormenta, e dos primeiros  
Mares, o temor vão do peito voa,  
Disse alegre o Piloto Melindano,  
Terra he de Calecu, se não me engano.

Esta

Esta he por certo a terra que buscais  
Da verdadeira India, que aparece:  
E se do mundo mais não desejais,  
Vosso trabalho longo aqui fenece:  
Soffrer aqui nam pode o Gama mais,  
De ledo em ver que a terra se conbece,  
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo  
A merce grande a Deos agradeceo.

As graças a Deos daua, & razam tinha  
Que nam samente a terra lhe mostraua,  
Que com tanto temor buscando vinha  
Porquem tanto trabalho esprimentaua,  
Mas via se liurado tam asinha  
Da morte, que no mar lhe aparelhaua  
O vento duro, feruido, & medonho,  
Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meyo destes horridos perigos  
Destes trabalhos graues & temores  
Alcanção os que sam de fama amigos  
As honras immortais, & graos mayores:  
Nam encostados sempre nos antigos  
Troncos nobres de seus antecessores,  
Nam nos leitos dourados, entre os finos  
Animais de Mosconia Zebellinos.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Não cos manjares novos & exquisitos,  
Não cos passeos molles & ouciosos,  
Não cos varios deleites & infinitos  
Que afeminão os peitos generosos:  
Não cos nunca vencidos apetitos  
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,  
Que nam soffre a nenhum que o passo mude  
Pera algũa obra heroica de virtude.

Mas com buscar co seu forçoso braço  
As honras, que elle chame proprias suas,  
Vigiando, & vestindo o forjado aço  
Soffrendo tempestades & ondas cruas:  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul, & regiões de abrigo nuas,  
Engulindo o corrupto mantimento  
Temperado com hum arduo sofrimento.

E com forçar o rosto que se enfia,  
A parecer seguro ledo, inteiro,  
Pera o pilouro ardente, que assueia  
E leua a perna, ou braço ao companheiro:  
Destarte o peito hum calo honroso cria  
Desprezador das honras, & dinheiro  
Das honras, & dinheiro, que a ventura  
Forjou, & não virtude justa & dura.  
Destarte



Destarte se esclarece o entendimento,  
 Que experiencias fazem repousado,  
 E fica vendo, como de alto assento  
 O baixo tracto humano embarçado,  
 Este onde tiuer força o regimento  
 Direito, & nam de affeitos occupado,  
 Subirá (como deue) a illustre mando,  
 Contra vontade sua, & nam rogando.

F I M.

## Canto Septimo.



A se viã chegado

junto aa terra,  
 Que desejada ja de tantos for.  
 Que entre ascorrentes Indicas se  
 encerra,

E o Ganges, que no ceo terreno mora:  
 Ora sus gente forte que na guerra  
 Quereis leuar a palma vencedora,  
 Ia sois chegados, ja tendes diante  
 A terra de riquezas abundante.

P

A vos

OS LUSIADAS DE L. DE CÂ:

A vos, ò geraçam de Lusó digo,  
Que tam pequena parte sois no mundo:  
Nam digo inda no mundo, mas no amigo  
Cural de quem gouerna o ceo rotundo:  
Vos, a quem nam somente algum perigo  
Estorua conquistar o pouo immundo:  
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia  
Da Madre, que nos ceos está em essencia.

Vos Portugueses poucos, quanto fortes,  
Que o fraco poder vosso nam pesais,  
Vos que aa custa de vossas varias mortes  
A lei da vida eterna dilatais:  
Assi do ceo deitadas sam as sortes,  
Que vos por muito poucos que se jais,  
Muito façais na sancta Christandade:  
Que tanto, ò Christo exaltas a humildade.

Vedelos Alemães, soberbo gado,  
Que por tam largos campos se apacenta,  
Do successor de Pedro rebelado,  
Nouo pastor, e noua ceita inuenta:  
Vedelo em feas guerras occupado,  
Que inda co cego error se nam contenta,  
Nam contra o superbissimo Otomano:  
Mas por fair do jugo soberano.

Vedelo

Vedelo duro Ingres, que se nomea  
 Rei da velha & sanctissima cidade,  
 Que o torpe Ismaelita senborea,  
 (Quem vio honr a tam longe da verdade)  
 Entre as Boreais neuës se recrea,  
 Noua maneira faz de Christ andade,  
 Pera os de Christo tem a espada nua,  
 Não por tomar a terra que era sua:

Guardalhe por entanto hum falso Rei,  
 A cidade Hierosolima terrestre,  
 Em quanto elle nam guarda a sancta lei,  
 Da cidade Hieroselima celeste:  
 Pois de ti Gallo indigno que direy?  
 Que o nome Christianissimo quiseste,  
 Nam pera defendelo, nem guardalo,  
 Mas pera fer contra elle, & derribalo:

Achas que tês direito em senhorios  
 De Christãos, sendo o teu tam largo & tão  
 E nam contra o Cynifio & Nilorios  
 Inimigos do antigo nome sancto,  
 Ali se ande prouar da espada os fios,  
 Em quem quer reprouar da Igreja o canto,  
 De Carlos, de Luis, o nome & a terra  
 Erdaste, & as causas nam da justa guerra?

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Pois que direy daquelles que em delicias,  
Que o vil ocio no mundo traz consigo,  
Gastão as vidas, logrão as diuicias,  
Esquecidos de seu valor antigo:  
Nascem da tyrania inimicicias,  
Que o pouo forte tem de si inimigo,  
Contigo Italia fallo, ja sumersa  
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

O miseros Christãos, pola ventura  
Sois os dentes de Cadmo de sparzidos,  
Que hũs aos outros se dão aa morte dura,  
Sendo todos de hum ventre produzidos?  
Nam vedes a diuina sepultura  
Possuida de cães, que sempre vnidos  
Vos vem tomar a vossa antiga terra,  
Fazendose famosos pola guerra?

Vedes que tem por vso & por decreto,  
Do qual sam tam inteiros obseruantes,  
Ajuntarem o exercito inquieto,  
Contra os pouos, que sam de Christo amantes:  
Entre vos nunca deixa a fera Aleto  
De sarnear tizantias repugnantes,  
Olhay festais seguros de perigos,  
Que elles & vos, sois vossos inimigos.  
Se cobiza

CANTO SEPTIMO: 117

Se cobiza de grandes senhorios  
Vos faz yr conquistar terras alheas,  
Nam vedes que Paçtolo & Hermorios,  
Ambos voluem auríferas areas,  
Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios,  
Affrica esconde em si luzentes veas,  
Mouauos ja se quer riqueza tanta,  
Pois mouer vos não pode a casa Sancta.

Aquellas inuenções feras & nouas,  
De instrumentos mortais da artelharía,  
Ia deuem de fazer as duras prouas,  
Nos muros de Bizancio, & de Turquia:  
Fazei que torne la aas siluestres couas,  
Dos Caspios montes, & da Citia fria,  
A Turca geraçam, que multiplica  
Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos  
Bradando vos estão, que o pouo bruto  
Lhe obriga os caros filhos aos profanos  
Preceptos do alcorão (duro tributo)  
Em castigar os feitos inhumanos  
Vos gloriay de peito forte, & astuto,  
E não queirais lououres arrogantes,  
De serdes contra os vossos muy possantes.

OS LUSIADAS DE L. DE CÆ.

Mas em tantos que cegos, & sedentos  
Andais de vosso sangue, o gente insana,  
Nam faltar um Christãos atreuiment os  
Nesta pequena casa Lusitana  
De Affrica tem maritimos assentos,  
He na Asia mais que todas soberana,  
Na quarta parte noua os campos ara,  
E se mais mundo ouuera la chegára.

E vemos em tanto que acontece  
A aquelles tam famosos nauegantes,  
Despois que a branda Vennus enfraquece  
O furor vão dos ventos repugnantes:  
Despois que a larga terra lhe aparece,  
Fim de suas perfias tam constantes,  
Onde vem semean de Christo a ley,  
E dar nouo costume, & nouo Rei.

Tanto que aa noua terra se chegaram,  
Leues embarcações de pescadores  
Acharam, que o caminho lhe mostraram  
De Calecu onde eram moradores:  
Pera la logo as proas se inclinaram,  
Porque esta era a cidade das milhores  
Do Malabar milhor, onde viuia  
O Rei que a terra toda possuia.

Alem do Indo jaz, e aquem do Gange,  
 Hum terreno muy grande, e assaz famoso  
 Que pela parte Austral o mar abrange,  
 E pera o Norte o Emodio cauernoso.  
 Iugo de Reis diuersos o constrange  
 A varias leis: algũs o vicioso  
 Mahoma, algũs os Idolos adoram,  
 Algũs os animais, que entre elles moram:

La bem no grande monte, que cortando  
 Tam larga terra, toda Asia discorre,  
 Que nomes tam diuersos vai tomando,  
 Segundo as regiões por onde corre,  
 As fontes saem, donde vem manando  
 Os rios, cuja gram corrente morre  
 No mar Indico, e cercão todo o peso  
 Do terreno, fazendo o Chersoneso.

Entre hum e o outro rio: em grande espaço  
 Say da larga terra hũa longa ponta  
 Quasi piramidal, que no regoço  
 Do mar com Cellão ufula confronta,  
 E junto donde nasce o largo braço  
 Gangetico, o rumor antigo conta:  
 Que os vizinhos da terra moradores  
 Do cheiro se mantem das finas flores.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Mas agora de nomes, & de vsança,  
Nouos & varios sam os habitantes:  
Os Delys, os Patanes, que em possança  
De terra, & gente, sam mais abundantes,  
Decanis, Oriás, que a esperança  
Tem de sua saluaçam nas resonantes  
Agoas do Gange, & a terra do Bengala  
Fertil de sorte que outra nam lhe igoala.

O Reino de Cambaia belicoso  
( Dizem que foy de Poro Rei potente )  
O Reino de Narsinga poderoso,  
Mais de ouro & pedras, que de forte gentes:  
Aqui se enxerga la do mar vndoso  
Hum monte alto, que corre longamente,  
Seruindo ao Malabar de forte muro,  
Com que do Canará viue seguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate,  
Do pé do qual pequena quantidade  
So estende hũa fralda estreita, que combate  
Do mar a natural ferocidade:  
Aqui de outras cidades sem debate,  
Calecu tem a illustre dignidade,  
De cabeça de Imperio rica, & bella,  
Samorim se intitula o senhor del'a.

Chegada



CANTO SEPTIMO. 117

Chegada a frota ao rico senhorio,  
Hum Portugues mandado logo parte,  
A fazer sabedor o Rei gentio  
Da vind. sua a tam remota parte:  
Entrando o mensageiro pelo Rio,  
Que ali nas ondas entra, a não vista arte  
A cor, o gesto estranho, o traje novo  
Fez concorrer a vello todo o pouo.

Entre a gente que a vello concorria,  
Se chega hum Mahometa, que nascido  
Fora na região da Berberia,  
La onde fora Anteo obedecido:  
Ou pela vezinhança ja teria  
O Reino Lusitano conhecido,  
Ou foy ja a smalado de seu ferro,  
Fortuna o trouxe a tam longo de ferro.

Em vendo o mensageiro com jocundo  
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana  
Lhe disse, quem te trouxe a estoutro mundo,  
Tam longe da tua patria Lusitana?  
Abrindo lhe responde o mar profundo,  
Por onde nunca veio gente humana,  
Vimos buscar do Indo a gram corrente,  
Por onde a Lei divina se acrecente.

Espantado

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Espantado ficou da gram viagem,  
O mouro que Monçaide se chamaua,  
Ouvindo as opressões que na passagem  
Do mar, o Lusitano lhe contaua,  
Mas vendo em fim, que a força da mensajem  
So pera o Rei da terra releuaua,  
Lhe diz que estaua fora da cidade,  
Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a noua lhe chegasse  
De sua estranha vinda, se queria  
Na sua pobre casa repousasse,  
E do manjar da terra comeria;  
E despois que se hum pouco recreasse,  
Co elle pera a armada tornaria,  
Que alegria nam pode ser tamanha,  
Que achar gente vizinha em terra estranha.

O Portugues aceita de vontade  
O que o ledo Monçaide lhe offerece,  
Como se longa fora ja a amizade,  
Co elle come & bebe, & lhe obedece:  
Ambos se tornam logo da cidade,  
Pera a frota, que o Mouro bem conhece,  
Sobem aa Capitaina, & toda a gente  
Monçaide recebeo benignamente.

O capitão

O Capitam o abraça em cabo ledo,  
 Ouuido clara a lingua de Castella,  
 Junto de si assenta, & prompto & queda  
 Pela terra pergunta, & cousas della:  
 Qual se ajuntava em Rodope o aruoredo,  
 So por ouuir o amante da donzella  
 Euridice, tocando a lira de ouro,  
 Tala gente se ajunta a ouuir o Mouro.

Elle começa, o gente que a natura  
 Vizinha fez de meu paterno ninho,  
 Que destino tam grande, ou que ventura  
 Vos trouxe a cometer des tal caminho:  
 Nam he sem causa não occulta, & escura  
 Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,  
 Por mares nunca doutro lenho arados,  
 A Reinos tam remotos & apartados.

Deos por certo vos traz, porque pretende  
 Algum seruiço seu por vos obrado:  
 Por isso so vos guia, & vos defende  
 Dos inimigos do mar, do vento yrado:  
 Sabey que estais na India, onde se estende  
 Diuerso pouo, rico & prosperado,  
 De ouro luzente, & fina pedraria,  
 Cheiro suave, ardente especiaria.

Esta

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Esta prouincia, cujo porto agora  
Tomado tendes, Malabar se chama,  
Do culto antigo os Idolos adora,  
Que ca por estas partes se derrama:  
De diuersos Reis he, mas dum so fora  
Noutro tempo, segundo a antiga fama,  
Saramà Perimal foy derradeiro  
Rei, que este Reino teue vnido & inteiro.

Porem como a esta terra entam viessem,  
De la do seyo Arabico outras gentes,  
Que o culto Mahometico trouxessem,  
No qual me instituirão meus parentes,  
Succedeo que pregando conuertessem  
O Perimal, de sabios & elloquentes,  
Fazem lhe a ley tomar com feruor tanto,  
Que profupos de nella morrer sancto.

Naos arma, & nellas mete curioso  
Mercadoria que offereça rica,  
Pera yr nellas a ser religioso,  
Onde o propheta jaz, que a ley publica:  
Antes que parta, o Reino poderoso  
Cos seus reparte, porque nam lhe fica  
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,  
Ricos de pobres, lures de sojeitos,

A hum

CANTO SEPTIMO. VI 119

A hum Cochim, & a outro Cananor,  
 A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,  
 A qual Coulaõ, a qual dá Cranganor  
 E os mais, a quem o mais serue & contenta  
 Hum so moço, a quem tinha muito amor,  
 Despois que tudo deu, se lhe apresenta,  
 Pera este Calecu samente fica,  
 Cid ide ja por tracto nobre & rica.

Esta lhe dà co titulo excellente  
 De Emperador, que sobre os outros mande,  
 Isto feito se parte diligente,  
 Pera onde em sancta vida acabe, & ande,  
 E daqui fica o nome de potente  
 Cam ri, mais que todos digno, & grande  
 Ao moço, & descendentes, donde vem  
 Este, que agora o Imperio manda & tem.

Aley da gente toda rica & pobre,  
 De fabulas composta se imagina:  
 Andão nũs, & samente hum pino cobre  
 As partes, que a cubrir natura ensina.  
 Dous modos ha de gente, porque a nobre  
 Naires chamados sam, & a menos digna  
 Poleás tem por nome, a quem obriga  
 Aley não mesturar a casta antiga.  
 Porque

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porque os q̄ vsaram sempre hum mesmo officio,  
De outro nam podem receber consorte,  
Nem os filhos teram outro exercicio,  
Senam o de seus passados ate morte,  
Pera os Naires he certo grande vicio  
Destes serem tocados de tal sorte,  
Que quando algum se toca por ventura,  
Com ceremonias mil se alimpa & apura.

Desta sorte o Iudaico pouo antigo  
Nam tocava na gente de Samaria,  
Mais estranhezas inda das que digo  
Nesta terra vereis de vsança varia,  
Os Naires sos sam dados ao perigo  
Das armas, sos defendem da contraria  
Banda o seu Rei, trazendo sempre vsada  
Na esquerda a adarga, e na direita a espada,

Bramenes sam os seus religiosos,  
Nome antigo, & de grande preminencia,  
Oferuaõ os preceitos tam famosos  
Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia:  
Nam matão consa viua, & temerosos  
Das carnes tem grandissima abstinencia,  
Somente no venereo ajuntamento  
Tem mais licença, & menos regimento.  
Gerais

Gerais sam as molheres: mas samente  
 Pera os da geraçam de seus maridos:  
 Ditosa condiçam, ditosa gente,  
 Que nam sam de ciumes offendidos.  
 Estes & outros costumes variamente  
 Sam pelos Malabares admitidos,  
 A terra he grossa em trato, em tudo aquillo  
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

Assi contava o Mouro: mas vagando  
 Andava a fama ja pela cidade,  
 Da vinda desta gente estranha, quando  
 O Rei saber mandava da verdade,  
 Ia vinham pelas ruas caminhando,  
 Rodeados de todo sexo, & idade,  
 Os principaes que o Rei buscar mandára,  
 O Capitam da armada que chegára.

Mas elle, que do Rei ja tem licença  
 Pera desembarcar, acompanhado  
 Dos nobres Portugueses sem detença  
 Parte de ricos panos adornado:  
 Das cores a fermosa diferença  
 A vista alegre ao pouo aluoroçado,  
 O remo compassado fere frio  
 Agora o mar, despois o fresco rio.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Na praia hum regedor do Reino estaua,  
Que na sua lingua Catual se chama,  
Rodeado de Naires, que e speraua  
Com desusada festa o nobre Gama:  
La na terra nos braços o leuaua,  
E num portatil leito hũa rica cama  
Lhe offereçe em que va, costume usado,  
Que nos hombros dos homẽs he leuado.

Desta arte o Malabar, de starte o Luso,  
Caminhão la pera onde o Rei o espera:  
Os outros Portugueses vão ao uso  
Que infantaria segue esquadra fera:  
O pouo que concorre vay confuso  
De ver a gente estranha, e bem quisera  
Perguntar: mas no tempo ja passado  
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, e o Catual hião fallando  
Nas cousas que lhe o tempo offerecia,  
Monçaide entrelles vay interpretando  
As palauras que de ambos entendia:  
Assi pela cidade caminhando,  
Onde hũa rica fabrica se erguia  
De hum sumptuoso templo ja chegauão  
Pelas portas do qual juntos entravão.



Ali estam das deidades as figuras  
 Esculpidas em pao, & em pedra fria,  
 Varios de gestos, varios de pinturas,  
 A segundo o Demonio lhe fingia:  
 Vem se as abominaueis esculturas,  
 Qual a Chimera em membros se varia,  
 Os Christãos olhos a ver Deos vsados  
 Em forma humana estam marauilhados.

Hum na cabeça cornos esculpidos,  
 Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,  
 Outro num corpo rostos tinha unidos,  
 Bem como o antigo Iano se pintaua:  
 Outro com muitos braços diuididos  
 A Briarea parece que imitaua:  
 Outro fronte Canina tem de fora,  
 Qual Anubis Mensfitico se adora.

Aqui feita do barbaro gentio  
 A supersticiosa adoraçam,  
 Direitos vão sem outro algum desuio,  
 Pera onde estaua o Rei do pouo vão:  
 Engrossando se vai da gente o fio,  
 Cos que vem ver o estranhô Capitam,  
 Estam pelos telhados & janellas  
 Velhos & moços, donas & donzellas.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

La chegão perto, & não passos lentos,  
Dos jardins odoriferos fermosos,  
Que em se escondem os regios apossentos,  
Altos de torres não, mas sumptuosos,  
Edificão se os nobres seus assentos,  
Por entre os aruoredos deleitosos,  
Assi viuem os Reis daquella gente,  
No campo & na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a sutileza  
Se enxerga da Dedalea facultade,  
Em figuras mostrando por nobreza  
Da India a mais remota antiguidade:  
Affiguradas vão com tal viueza  
As historias daquella antiga idade,  
Que quem dellas tiver noticia inteira,  
Pela sombra conhece a verdadeira.

Estava hum grande exercito que pisa  
A terra Oriental, que o Idaspe lava,  
Rege o hum capitam de fronte lisa,  
Que com frondentes Tirsos pelejava,  
Por elle edificada estava Nisa  
Nas ribeiras do rio, que manava,  
Tam proprio, que se ali estiuer Semelle,  
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

Mais

Mais auante bebendo seca o rio,  
 Muy grande multidão da Assiria gente,  
 Sujeta a feminino senborio,  
 De hũa tam bella, como incontiente:  
 Ali tem junto ao lado nunca frio,  
 Esculpido o feroz ginete ardente,  
 Com quem teria o filho competencia,  
 Amor nefando, bruta incontinencia.

Daqui mais apartadas tremolauão  
 As bandeiras de Grecia gloriosas,  
 Terceira Monarchia, e sojugauão,  
 Ate as agoas Gangeticas vndosas:  
 Dum capitão mancebo se guiauão  
 De palmas rodeado valerosas,  
 Que já não de Filipo, mas sem falta  
 De progenie de Iupiter se exalta.

Os Portugueses vendo estas memorias,  
 Dizia o Catual ao Capitão,  
 Tempo cedo virá que outras victorias,  
 Estas que agora olhais abaterão:  
 Aqui se escreueram nonas historias,  
 Por gentes estrangeiras que virão  
 Que os nossos sabios magos o alcançarão,  
 Quando o tempo futuro especularão.

E dizlhe mais a magica sciencia,  
 Que pera se euitar força tamanha,  
 Nam valerá dos homẽs resistencia,  
 Que contra o Ceo não val da gente manha:  
 Mas tambem diz que a bellica excellencia.  
 Nas armas, & na paz, da gente estranha  
 Sera tal, que sera no mundo ouuido  
 O vencedor, por gloria do vencido.

Assi fallando entrauam ja na sala,  
 Onde aquelle potente Emperador  
 Nũa camilha jaz, que nam se içoala  
 De outra algũa no preço & no lauor:  
 No recostado gesto se aßinala  
 Hum venerando & prospero senhor,  
 Hum pano de ouro cinge, & na cabeça  
 De preciosas gemas se adereça.

Bem junto delle hum velho reuerente,  
 Cos gíolhos no chão, de quando em quando  
 Lhe daua a verde folha da erua ardente  
 Que a seu costume estaua ruminando:  
 Hum Bramẽne, pessoa preminente,  
 Pera o Gama vem com passo brando,  
 Pera que ao grande Principe o apresente,  
 Que diante lhe acena que se assente.

Sentado

Sentado o Gama junto ao rico leito,  
 Os seus mais afastados, prompto em vista:  
 Estava o Samori no trajo & geito  
 Da gente, nunca de antes delle vista:  
 Lançando a graue voz do sabio peito,  
 Que grande authoridade logo aquista  
 Na opinião do Rei, & do pouo todo  
 O Capitam lhe falla deste modo.

Hum grande Rei, de la das partes, onde  
 O ceo volubil com perpetua roda  
 Da terra a luz solar coa terra esconde,  
 Tingindo a que deixou de escura nodã,  
 Ouuindo do rumor que la responde  
 O eco, como em ti da India toda  
 O principado está, & a magestade,  
 Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeos ati manda,  
 Por te fazer saber que tudo aquillo  
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda  
 De riquezas, de la do Tejo ao Nilo.  
 E desde fria plaga de Gelanda,  
 Ate bem donde o Sol nam muda o estilo  
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia.  
 Tudo tem no seu Reino em grande copia:

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E se queres com pactos, & lianças  
De paz, & de amizade sacra, & nua,  
Comercio consentir das abundanças  
Das fazendas da terra sua, & tua,  
Porque creçam as rendas, & abastanças,  
Por quem a gente mais trab. lha & sua,  
De vossos Reinos, sera certamente  
De ti proueito, & d'elle gloria ingente.

E sendo assi que o nõ desta amizade,  
Entre vos firmemente permaneca,  
Estara prompto a toda aduersidade,  
Que por guerra a teu Reino se offereça:  
Com gente, armas, & naos de qualidade  
Que por yrrião te tenha, & te conheça,  
E da vontade em ti sobristo posta  
Me des a my certissima resposta.

Tal embaixada daua o Capitam,  
A quem o Rei gentio re spondia,  
Que em ver embaixadores de naçam  
Tam remota, gram gloria recebia:  
Mas neste caso a vltima tençam  
Com os de seu conselho tomaria,  
Informand' se certo de quem era  
O Rei, & a gente, & terra que differa.  
E que

E que em tanto podia do trabalho  
 Passado yr repousar, & em tempo breue  
 Daria a seu despacho hum justo talho,  
 Com que a seu Rei reposta alegre leue:  
 Ia nisto punha a noite o vsado atalho  
 Aas humanas canseiras, porque ceue  
 De doce sono os membros trabalhados,  
 Os olhos ocupando ao ocio dados.

Agasalhados foram juntamente

O Gama, & Portugueses no apousente  
 Do nobre Regedor da Indica gente  
 Com festas & geral contentamento:  
 O Catual no cargo diligente  
 De seu Rei, tinha ja por regimento  
 Saber da gente estranha donde vinha  
 Que costumes, que lei, que terra tinh

Tanto que os igneos carros do fermoso  
 Mancebo Delio vio, que a luz renoua,  
 Manda chamar Moncaide, desejofo  
 De poderse informar da gente noua:  
 Ia lhe pergunta prompto & curioso,  
 Se tem noticia inteira, & certa proua,  
 Dos estranhos quem sam, que ouuido tinha  
 Que he gente de sua patria muy vizinha.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Que particularmente ali lhe desse  
Informaçam muy larga, pois fazia  
Nisso seruiço ao Rei, porque soubesse  
O que neste negocio se faria:  
Mençaide torna, posto que eu quisesse  
Dizerte disto mais nam saberia,  
Somente sey que he gente la de Hespanha  
Onde o meu ninho, & o Sol no mar se banha.

Tem a ley dum Propheta, que gerado  
Foi sem fazer na carne detrimento  
Da mãy, tal que por baso està aprouado  
Do Deos, que tem do mundo o regimento:  
O que entre meus antigos he vulgado  
Delles, he que o valor sanguinolento  
Das armas, no seu braço resplandeçe,  
O que em nossos passados se parece.

Porque elles com virtude sobrehumana,  
Os deitaram dos campos abundosos  
Do rio Tejo, & fresca Goadiana,  
Com feitos memoraueis, & famosos:  
E nam contentes inda, & na Affricana  
Parte, cortando os mares procelosos  
Nos nam querem deixar viuer seguros,  
Tomando nos cidades & altos muros.

Não



Nam menos tem mostrado esforço & manha,  
 Em quaesquer outras guerras que acõteção,  
 Ou das gentes beligeras de Espanha,  
 Ou la dalgũs que do Pirene deção.  
 Assim que nunca em fim com lança estranha  
 Se tem, que por vencidos se conbecção,  
 Nem se sabe inda não, te afirmo & assello,  
 Pera estes Anibais nenhum Marcello.

E esta informação nam for inteira  
 Tanto quanto conuem, delles pretende  
 Informarte, que he gente verdadeira,  
 A quem mais falsidade enoja & offende:  
 Vay ver lbe a frota, as armas, & a maneira:  
 Do fundido metal, que tudo rende,  
 E folgaras de veres a policia  
 Portuguesa na paz & na milicia.

Ia com desejos o Idolatra ardia,  
 De ver isto, que o Mouro lbe contava,  
 Manda esquipar bateis, que yr ver queria  
 Os lenhos em que o Gama nauegava:  
 Ambos partem da praia, a quem seguia  
 A Naira geracem, que o mar coalhava,  
 Aa Capitaina sobem forte & bella,  
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

Purpureos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Purpureos sam os toldos, & as bandeiras  
Do rico fio sam, que o bicho gera,  
Nellas estam pintadas as guerreiras  
Obras, que o forte braço ja fizera:  
Batalhas tem campais aventureiras,  
Desafios crueis, pintura fera,  
Que tanto que ao gentio se apresenta,  
A tento nella os olhos apacenta.

Pelo que ve pergunta: mas o Gama  
Lhe pedia primeiro que se affente,  
E que aquelle deleite que tanto ama  
A ceita Epicuria, esperimente:  
Dos espumantes vasos se derrama  
O licor, que Noe mostràra aa gente:  
Mas comer o Gentio nam pretende,  
Que a ceita que seguia lho defende.

A trombeta que em paz no pensamento,  
Imagem faz de guerra, rompe os ares,  
Co fogo o diabolico instrumento,  
Se faz ouuir no fundo la dos mares:  
Tudo o Gentio nota: mas o intento  
Mostrava sempre ternos singulares  
Feitos dos homês, que em retrato breue  
A muda poesia ali descrene.

Al, se

Alçase em pê, co elle os Gamas junto,  
 Coelho de outra parte, & o Mauritano  
 Os olhos poem no bellico trasunto  
 De hum velho branco, aspeito venerando,  
 Cujos nome nam pode ser defuncto  
 Em quanto ouuer no mundo trato humano,  
 No trajo a Grega vsinça está perfeita,  
 Hum ramo por insignia na direita.

Hum ramo na mão tinba: mas o cego  
 Eu que cometo insano, & temerario,  
 Sem vos Nymphas do Tejo, & do Mondego,  
 Por caminho tam arduo, longo, & vario:  
 Vosso fauor inuoco, que nauego  
 Por alto mar, com vento tam contrario,  
 Que se nam me ajudais, ei grande medo,  
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhay que ha tanto tempo, que cantando  
 O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,  
 A fortuna me traz peregrinando,  
 Nouos trabalhos vendo, & novos danos  
 Agora o mar, agora esprimentando  
 Os perigos Mauorcios inhumanos,  
 Qual Canace que à morte se condena,  
 Nũa mão sempre a espada, & noutra a pena  
 Agora

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Agora com pobreza auorrecida,  
Por hospícios alheios degradado,  
Agora da esperança já adquirida,  
De nouo mais que nunca derribado:  
Agora aas costas escapando a vida,  
Que dum fio pendia tam delgado,  
Que não menos milagre foi saluar-se:  
Que pera o Rei Iudaico acrecentar-se.

E ainda Nymphas minhas não bastaua,  
que tamanhas misérias me cercassem:  
Senam que aquelles que eu cantando andaua  
Tal premio de meus versos me tornassem  
A troco dos descansos que esperaua,  
Das capellas de louro que me honrassem,  
Trabalhos nunca vsados me enuentaram,  
Com que em tam duro estado me deitaram.

Vede Nymphas que engenhos de senhores  
O vosso Tejo cria valerosos,  
Que assi sabem prezar com tais fauores  
A quem os faz cantando gloriosos:  
Que exemplos a futuros escriptores,  
Pera espertar engenhos curiosos,  
Pera porem as cousas em memoria,  
Que merecerem ter eterna gloria.

Pois

Pois logo em tantos males he forçado,  
 Que so vosso fauor me nam falleça,  
 Principalmente aqui, que sou chegado  
 Onde feitos diuersos engrandeca:  
 Daimo vos sos, que eu tenho ja jurado  
 Que nam no empregue em quẽ o nam mereça  
 Nem por lisonja louue algum subido,  
 Sob pena de nam ser agradecido.

Nem creais Nymphas nam que fama desse  
 A quem ao bem camum, & do seu Rei  
 Anteposer seu proprio interesse:  
 Imigo da diuina & humana ley,  
 Nenhum ambicioso, que quisesse  
 Subir a grandes cargos, cantarey,  
 So por poder com torpes exercicios  
 Vsar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que vse de seu poder bastante  
 Pera seruir a seu desejo feio,  
 E que por comprazer ao vulgo errante  
 Se muda em mais figuras que Proteio,  
 Nem Camenas tambem cuideis que cante  
 Quem com habito honesto & graue veio,  
 Por contentar o Rei no officio nouo,  
 A despir & roubar o pobre pouo.


Nem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nem quem acha que he justo & que he dereito  
Guardase a ley do Rei seueramente,  
E nam acha que he justo & bom respeito,  
Que se pague o suor da seruil gente.  
Nem quem sempre com pouco experto peito  
Razões aprende, & cuida que he prudente,  
Pera taxar com mão rapace & escassa,  
Os trabalhos alheios, que nam passa.

Aquelles sos direy que auenturaram  
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida  
Onde perdendoa, em fama a dilataram,  
Tambem de suas obras merecida:  
Apolo, & as Musas que me acompanharam,  
Me dobraram a furia concedida  
Em quanto eu tomo alento descansado,  
Por tornar ao trabalho mais folgado.

F I M.

 Canto Oçtauo.


## A primeira figura

se detinha

O Catual, que vira estar pintada.

Que por diuisa hum ramo na mão tinha,  
 A barba branca, longa, & penteada:  
 quem era, & porque causa lhe conuinha  
 A diuisa que tem na mão tomada,  
 Paulo responde, cuja voz discreta  
 O Maurilano sabio lhe interpreta.

Estas figuras todas que aparecem,  
 Brauos em vista, & feros nos aspeitos,  
 Mais brauos, & mais feros se conhecem  
 Pela fama, nas obras, & nos feitos  
 Antigos sam, mas inda resplandecem  
 Co nome, entre os engenhos mais perfeitos,  
 Este que ves he Luso, donde a fama  
 O nosso Reino Lusitania chama.

Foi

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Foy filho & companheiro do Thebano,  
Que tam diuerſas partes conquistou  
Parece vindo ter ao ninho Hispano,  
Seguindo as armas que continuo vſou,  
Do Douro, Guadiana o campo vſano,  
La dito Elifio, tanto o contentou  
Que ali quis dar, aos ja cansados offos  
Eterna ſepultura, & nome aos noſſos.

O ramo que lhe ves pera diuiſa,  
O verde Tyrſo foy de Baco vſado,  
O qual aa noſſa idade amoſtra & auifſa  
Que foi ſeu companheiro & filho amado.  
Ves outro, que do Tejo a terra piſa,  
Deſpois de ter tam longo mar arado,  
Onde muros perpetuos edifica,  
E templo a Palas, que em memoria fica.

Vliſſes he o que faz a ſancta caſa  
Aa Deoſa, que lhe da lingua facunda,  
Que ſe la na Asia Troia inſigne abraſa,  
Ca na Europa Lisboa ingente funda.  
Quem ſera eſt outro ca que o campo arraſa  
De mortos, com preſença furibunda?  
Grandes batalhas tem deſbaratadas,  
Que as Agueas, nas bandeiras tem pintadas.



Assim o Gentio diz, responde o Gama,  
 Este que ves pastor ja foi de gado,  
 Viriato sabemos que se chama,  
 Destro na lança mais que no cajado:  
 Injuriada tem de Roma a fama,  
 Vencedor inuencibil afamado,  
 Nam tem coelle não, nem ter puderam  
 O primor que com Pirro ja tiveram.

Com força não: com manha vergonhosa,  
 A vida lhe tirarão que os espanta,  
 Que o grãde aperto em gente, inda q̃ honrosa  
 Aas vezes leis magnanimas quebranta:  
 Outro está aqui que contra a patria yrosa  
 Degradado com nósco se alevanta,  
 Escolbeo bem com quem se alevantasse  
 Pera que eternamente se illustrasse.

Vés com nósco tambem vence as bandeiras  
 Dessas aues de Iupiter validas,  
 Que ja naquelle tempo as mais guerreiras  
 Gentes de nos souberam ser vencidas:  
 Olba tam sotis artes & maneiras,  
 Pera adquerir os pounos tam fingidas  
 A fatidica Cerua que o auisa,  
 Elle he Sertorio, & ella a sua diuisa.

R

Olba

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Olha estoutra bandeira & ve pintado,  
O gram progenitor dos Reis primeiros,  
Nos Vnzairo o fazemos, poreu nado  
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:  
Despois de tercos Mouros superado  
Galegos, & Leoneses caualleiros,  
Aa casa Sancta passa o Sancto Enrique,  
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

Quem he me dize estoutro que me espanta,  
Pergunta o Malabar marauilhado,  
Que tantos esquadroes, que gente tanta,  
Com tam pouca, tem roto & destroçado:  
Tantos muros asperrimos quebranta,  
Tantas batalhas da nunca cansado,  
Tantas coroas tem por tantas partes,  
A seus pes derribadas, & estandartes?

Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,  
Que todo Portugal aos Mouros toma,  
Por quem no Estigio jura a fama,  
De mais não celebrar nenhum de Roma:  
Este he aquelle zeloso a quem Deos ama,  
Com cujo braço o Mouro imigo doma,  
Pera quem de seu Reino abaixa os muros,  
Nada deixando ja pera os futuros.

Se Cesar, se Alexandre Rei tiueram,  
 Tam pequeno poder, tam pouca gente,  
 Contra tantos inimigos quantos eram,  
 Os que desbarataua este excellente,  
 Nam creas que seus nomes se estenderam  
 Com glorias imortais tam largamente:  
 Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,  
 Ve que os de seus vassallos sam notaveis:

Este que ves olhar com gesto yrado,  
 Pera o rompido Alummo mal soffrido,  
 Dizendo lhe que o exercito espalhado,  
 Recolha, & torne ao campo defendido:  
 Torna o moço do velho acompanhado,  
 Que vencedor o torna de vencido,  
 Egas moniz se chama o forte velho  
 Pera leais vassallos claro espelho.

Nello ca vai os filhos a entregarse,  
 Acorda ao colo, nu de seda & pano,  
 Porque nam quis o moço sogeitarse,  
 Como elle prometera ao Castelbano:  
 Fez com siso & promessas leuantarse  
 O cerco que ja estaua soberano,  
 Os filhos & molher obriga aa pena,  
 Pera que o senhor salue, a si condena:

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Nam fez o Consultante que cercado  
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,  
Quando a passar por baixo foi forçado  
Do Samnítico jugo triumphante:  
Este pelo seu pouo injuriado,  
Assi se entrega so firme & constante,  
E doutro assi, & os filhos naturais,  
E a consorte sem culpa, que doe mais.

Ves este que saíndo da cilada,  
Dá sobre o Rei que cerca a villa forte,  
La o Rei tem preso, & a villa descercada  
Illustre feito digno de Mauorte,  
Velo ca vay pintado nesta armada  
No mar tambem aos Mouros dando a morie  
Tomandolhe as galês, leuando a gloria,  
Da primeira maritima victoria.

E dom Fuas Roupinho que na terra,  
E no mar re splandece juntamente,  
Co fogo que acendeo junto da serra  
De Abila, nas gales da Maura gente  
Olha como então justa & sancta guerra  
De acabar pelejando está contente:  
Das mãos dos Mouros entra a felice alma  
Triunfando nos ceos com justa Palma.

Não

Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro  
 Trajo, sair da grande armada noua,  
 Que ajuda a combater o Rei primeiro  
 Lisboa, de si dando sancta proua:  
 Olha Enrique famoso cavalleiro,  
 A Palma que lhe nasce junto aa coua,  
 Por elles mostra Deos milagre visto,  
 Germanos sam os Martyres de Christo.

Hum Sacerdote vè brandindo a espada,  
 Contra Aronches que toma, por vingança  
 De Leiria, que de antes foi tomada,  
 Por quem por Maphamede enresta a lança;  
 He Teotonio Prior: mas vè cercada  
 Sanctarem, & veras a segurança  
 Da figura nos muros, que primeira  
 Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

Vello ca donde Sancho desbarata  
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,  
 Os inimigos rompendo, o Alfevez mata,  
 E Hispaluco pendam derriba em terra,  
 Mem Moniz he, que em si o valor retrata,  
 Que o sepulchro do pay cus ossos terra,  
 Digno destas bandeiras, pois sem falta  
 A contraria derriba, & a sua exalta.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha aquelle que deçe pela lança,  
Com as duas cabeças dos vigias,  
Onde a cilada esconde, com que alcança  
A cidade por manhas & ousadas:  
Ella por armas toma a semelhança  
Do cavalleiro, que as cabeças frias  
Na mão leuava, feito nunca feito,  
Giraldo sem pañor he o forte peito.

Nam vês hum Castelhão, que agrauado,  
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo  
Dos de Lara, cos Mouros he deitado,  
De Portugal fazendo se inimigo?  
Abrantes villa toma acompanhado  
Dos duros infieis que traz consigo:  
Mas vê que hum Portugues com pouca gente  
O desbarata & o prende ousadamente.

Martim Lopez se chama o cavalleiro,  
Que destes leuar pode a palma & o louro:  
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,  
Que em lança de aço torna o Bago de ouro:  
Vello entre os duvidosos tam inteiro,  
Em não negar batalha ao bravo Mouro,  
Olha o simbolo ceo que lhe aparece,  
Com que nos poucos seus o esforço cresce.

Vês

Vês vão os Reis de Cordoua & Seuilha,  
 Rotos, cos outros dous, & nam de espaço,  
 Rotos? mas antes mortos, maravilha  
 Feita de Deos, que nam de humano braços  
 Vês ja a villa de Alcaçare se humilha,  
 Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,  
 A dom Matheus o Bispo de Lisboa,  
 Que a coroa de palma ali coroa.

Olha hum Mestre que deçe de Castella,  
 Portugues de naçam, como conquista  
 A terra dos Algarues, & ja nella  
 Nam acha que por armas lhe resista,  
 Com manha, esforço, & com benigna estrelle  
 Villas, castellos toma a escalla vista.  
 Vês Tauila tomada aos moradores,  
 Em vingança dos sete caçadores:

Vês com belica astucia ao Mouro ganha  
 Silues, que elle ganhou com força ingente,  
 He dom Pain Correa, cuja manha  
 E grande esforço faz enueji a gente  
 Mas nam passes os tres q'ê Frãça & Espanha  
 Se fazem conhecer perpetuamente,  
 Em desafios, justas & torneos,  
 Nellas deixando publicos trofeos.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Vellos co nome vem de auentureiros,  
A Castella, onde o preço sos leuaram  
Dos jogos de Belona verdadeiros,  
Que com dano de algũ se exercitaram,  
Ve mortos os soberbos caualleiros,  
Que o principal dos tres desafiaram,  
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,  
Que pode nam temer a ley Letea.

Atenta num que a fama tanto estende,  
Que de nenhun passado se contenta,  
Que a patria que de hum fraco fio pende  
Sobre seus duros hombros a sustenta,  
Não no ves tinto de yra, que reprende  
A vil desconfiança inerte & lenta  
Do pouo, & faz que tome o doce freyo,  
De Rei seu naturo, & nam de alheyo.

Olha por seu conselho & oufadia,  
De Deos guiada so, & de sancta Estrella:  
So pode o que impossibil parecia,  
Vencer o pouo ingente de Castella:  
Ves por industria, esforço, & valentia  
Outro estrago & victoria clara & bella  
Na gente, assi feroz como infinita,  
Que entre o Tarteso, & o Goadiana habita:

Mas



Mas nam ves quasi ja desbaratado,  
 O poder Lusitano, pela ausencia  
 Do Capitam deuoto, que apartado  
 Orando inuoca a suma & trina essencia:  
 Vello com pressa ja dos seus achado,  
 Que lhe dizem que lhe falta resistencia  
 Contra poder tamanho, & que viesse,  
 Porque consigo esforço aos fracos desse.

Mas olha com que sancta confianca,  
 Que inda nam era tempo respondia,  
 Como quem tinha em Deos a seguranca  
 Da victoria, que logo lhe daria:  
 Assi Pompilio, ouuindo que a possanca  
 Dos imigos a terra lhe corria,  
 A quem lhe a dura noua estava dando,  
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

Se quem com tanto esforço em Deas se atreue,  
 Ouuir quiseses como se nomea,  
 Portugues Capitam chamar se deue:  
 Mas mais de dom Nuno Aluarez se arrea,  
 Ditosa patria que tal filho teue:  
 Mas antes pai, que em quanto o Sol rodea  
 Este globo de Ceres & Neptuno,  
 Sempre suspirara por tal aluno.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Na mesma guerra vê que presas ganha,  
Estoutro Capitam de pouca gente,  
Comendadores vence, e o gado apanha,  
Que leuauam roubado ousadamente:  
Outra vez vê que a lança em sangue banha  
Destes, so por liurar com amor ardente  
O preso amigo, preso por leal,  
Pero Rodriguez he do Landroal.

Olha este de leal o como paga  
O perjuro que fez e vilengano,  
Gil Fernandez he de Eluas quem o estraga,  
E faz vir a passar o vltimo dano:  
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga  
Co sangue de seus donos Castelhanao:  
Mas olha Rui Pereira que co rosto  
Faz escudo aas gales, diante posto,

Olha que dezesete Lusitanos,  
Neste outeiro subidos se defendem,  
Fortes de quatro centos Castelhanos,  
Que em derredor pelos tomar se estendem,  
Porem logo sentiram com seus danos,  
Que nam so se defendem, mas offendem,  
Digno feito de ser no mundo eterno,  
Grande no tempo antigo e no moderno.

Sabese

Sabese antigamente que trezentos  
 la contra mil Romanos pelejaram,  
 No tempo que os viris atreuimentos  
 De Viriato tanto se illustraram,  
 E delles alcançando vencimentos  
 Memoraveis, de eranças deixaram,  
 Que os muitos por ser poucos nam temamos  
 O que despois mil vezes amostramos.

Olha cada dous Infantes Pedro & Henrique,  
 Progenie generosa de loane,  
 Aquelle faz que fama illustre fique  
 Delle em Germania, com que a morte engane  
 Este, que ella nos mares o pubrique,  
 Por seu descobridor, & desengane  
 De Ceita a Maura tumida vaidade,  
 Primeiro entrando as portas da cidade.

Ves o Conde dom Pedro que sustenta  
 Dous cercos contra toda a Barbaria,  
 Ves outro Conde esta que representa  
 Em terra Marte, em forças & ousadia,  
 De poder defender se nam contenta  
 Alcacere da ingente companhia:  
 Mas do seu Rei defende a cara vida,  
 Pondo por muro a sua, ali perdida.

Outros

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Outros muitos verias que os pintores  
Aqui tambem por certo pintariam;  
Mas faltalhe pincel, faltão lhe cores,  
Honra, premio, fauor que as artes criam,  
Culpa dos viciosos successores,  
Que degenerão certo, & se desuiam  
Do lustre, & do valor dos seus passadós,  
Em gostos & vaidades atolados.

Aquelles pais illustres que ja deram  
Principio aa geracão que delles pende,  
Pela virtude muyto antão fizeram,  
E por deixar a casa que descende,  
Cegos, que dos trabalhos que tiueram,  
De alta fama & rumor delles se estende,  
Escuros deixam sempre seus menores,  
Com lhe deixar de scanjos corruptores.

Outros tambem ha grandes & abastados,  
Sem nenhum tronco illustre donde venham,  
Culpa de Reis, que aas vezes a priuados  
Dão mais que a mil, q̃ esforço & saber tenhã  
Estes os seus nam querem ver pintados,  
Crendo que cores vãs lhe nam conuenham,  
E como a seu contrairio natural,  
Aa pintura que falla querem mal.

Não nego que á com tudo descendentes  
 Do generoso tronco, & casa rica  
 Que com costumes altos & excellentes  
 Sustentam a nobreza que lhe fica:  
 E se a luz dos antigos seus parentes  
 Nelles mais o valor nam clarifica,  
 Nam falta ao menos, nem se faz escura.  
 Mas destes achá poucos a pintura.

Assi está declarando os grandes feitos,  
 O Gama que ali mostra a varia tinta,  
 Que a douta mão tam claros, tam perfeitos  
 Do singular artifice ali pinta:  
 Os olhos timba promptos & dereitos,  
 O Catual na historia bem distinta,  
 Mil vezes perguntava, & mil ounis,  
 As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostrava duuidosa,  
 Porque a alampada grande se escondia  
 Debaixo do Orizonte & luminosa  
 Leuava aos Antipodas o dia,  
 Quando o Gentio, & a gente generosa,  
 Dos Naires, da nao forte se partia  
 A buscar o repouso que descansa,  
 Os lassos animais, na noite mansa.

Entre

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Entre tanto os Aruspices famosos  
Na falsa opiniam, que em sacrificios  
Anteuem sempre os casos duuidosos,  
Por sinais diabolicos, & indicios  
Mandados do Rei proprio, estudiosos  
Exercitauam a arte & seus officios,  
Sobre esta vinda desta gente estranha,  
Que aas suas terras vem da ignota Espanha.

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,  
De como a noua gente lhe seria  
Iugo perpetuo, eterno catiueiro,  
Destruicam de gente, & de valia:  
Vai se espantado o atonito agoureiro  
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)  
Os sinais temerosos que alcançara  
Nas entranhas das victimas que oulharã.

A isto mais se ajunta que hum deuoto  
Sacerdote da ley de Maphamede,  
Dos odios concebidos nam remoto,  
Contra a diuina Fe, que tudo excede,  
Em forma do Propheta falso & noto,  
Que do filho da escrava Agar procede,  
Baco odioso em sonhos lhe aparece,  
Que de seus odios inda se nam dece.

E diz

E diz lhe assi, guardaiuos gente minha,  
 Do mal que se aparelha pelo imigo  
 Que pelas agoas humidas caminha,  
 Antes que esteis mais perto do perigo:  
 Isto dizendo acorda o Mouro asinha,  
 Espantado do sonho: mas consigo  
 Cuida que não he mais que sonho vsado  
 Torna a dormir quieto & sosegado.

Torna Bacho dizendo, nam conheces  
 O gram legislador que a teus passados  
 Tem mostrado o preceito a que obedeces  
 Sem o qual foreis muitos baptizados?  
 Eu parti rudo vello, & tu adormeces?  
 Pois saberas que aquelles que chegados  
 De nouo sam, seram muy grande dano  
 Da lei que eu dey ao nescio pouo humano.

Em quanto he fraca a força desta gente,  
 Ordena como em tudo se resista,  
 Porque quando o Sol sae facilmente  
 Se pode nelle por a aguda vista:  
 Porem despois que sobe claro & ardente,  
 Se agudeza dos olhos o conquista,  
 Tam cega fica, quanto ficareis  
 Se raizes criar lhe nam tolheis.

Isto dito

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Isto dito, elle & o sono se despede,  
Tremendo fica o atonito Agareno  
Salta da cama, lume aos seruos pede,  
Laurando nelle o feruido veneno:  
Tanto que a noua luz que ao Sol precede  
Mostrara rosto Angelico & sereno,  
Conuoca os principais da torpe ceita,  
Aos quais do que sonbou dá conta estreita.

Diuerfos pareceres & contrarios  
Ali se dão segundo o que entendiam;  
Astutas traições, enganos varios,  
Persidias inuentauam & teciam:  
Mas deixando conselhos temerarios,  
Destruicam da gente pretendiam,  
Por manhas mais sotis & ardis milhores  
Com peitas adquerindo os regedores.

Com peitas, ouro, & dadinas secretas  
Conciliam da terra os principais,  
E com razões notaveis & discretas  
Mostram ser perdicam dos naturais,  
Dizendo que sam gentes inquietas,  
Que os mares discorrendo Occidentais,  
Viuem so de piraticas rapinas,  
Sem Rei, sem leis humanas ou diuinas.

O quanto



O quanto deue o Rei que bem governa,  
 De olhar que os conselheiros, ou priuados,  
 De consciencia & de virtude interna,  
 E de sincero amor sejam dotados:  
 Porque como este posto na superna  
 Cadeira, pode mal dos aparatados  
 Negocios, ter noticia mais inteira,  
 Do que lhe der a lingua conselheira.

Nem tam pouco direy que tome tanto  
 Em grosso, a consciencia limpa & certa  
 Que se enleue num pobre & humilde manto  
 Onde ambição a caso ande encuberta,  
 E quando hū bom em tudo he justo & sancto  
 E em negocios do mundo pouco acerta,  
 Que mal coelles poder'à ter conta,  
 A quieta innocencia, em so Deos pronta.

Mas aquelles auaros Catuaís  
 Que o Gentiūco pouo governauam,  
 Induzidos das gentes infernais,  
 O Portugues de spacho dilatauam:  
 Mas o Gama, que nam pretende mais,  
 De tudo quanto os Mouros ordenauam,  
 Que leuar a seu Rei hum sinal certo  
 Do mundo, que deixa descuberto.

S Nisto

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nisto trabalha so, quem bem sabia  
Que despois que leuasse esta certeza,  
Armas & naos, & gente mandaria  
Manoel, que exercita a summa alteza,  
Com que a seu jugo & ley someteria  
Das terras, & do mar a redondeza,  
Que elle nam era mais que hum diligente  
Descobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei Gentio determina,  
Porque com seu despacho se tornasse,  
Que ja sentia em tudo da malina  
Gente impedir se quanto desejasse.  
O Rei que da noticia falsa & indina  
Nam era despanstar se se spanstasse,  
Que tam credulo era em seus agouros,  
E mais sendo affirmados pelos Mouros.

Este temor lhe esfria o baixo peito:  
Por outra parte a forza da cobicia,  
A quem por natureza esta sujeito,  
Hum desejo immortal lhe acende & atica:  
Que bem ve que grandissimo proueito  
Fara, se com verda.le & com justicia  
O contrato fizer por longos annos,  
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

Sobre

Sobre isto nos conselhos que tomava,  
 Achava muy contrarios pareceres,  
 Que naquelles, com quem se aconselhava,  
 Executa o dinheiro seus poderes:  
 O grande capitam chamar mandava,  
 A quem chegado disse, se quiseses  
 Confessarme a verdade limpa & nua,  
 Perdam alcanças da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaxada  
 Que de teu Rei me deste, que he fingida:  
 Porque nem tu és Rei, nem patria amada:  
 Mas vagabundo vas passando a vida:  
 Que quem da Hisperia vltima alongada  
 Rei, ou senhor de insania desmedida,  
 Ha de vir cometer com naos & frotas  
 Tam incertas viagens & remotas?

E se de grandes Reinos poderosos,  
 O teu Rei tem a regia magestade,  
 Que presentes me trazes valerosos,  
 Sinais de tua incognita verdade:  
 Com peças & dões altos sumptuosos  
 Se lia dos Reis altos a amizade:  
 Que sinal nem penhor não he bastante,  
 As palavras dum vago nauegante.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Se por ventura vindes desterrados,  
Como ja foram homẽs d'alta sorte,  
Em meu Reino sereis agosalhados,  
Que tola a terra he para pira o forte:  
Ou se piratas sois ao mar vsados,  
Dizeimo sem temor de infamia, ou morte:  
Que por se sustentar em toda idade,  
Tudo faz a vital neccidade.

Isto assi dito, o Gama que ja tinha  
Suspeitas das insidias que ordenaua  
O Mahometico odio, donde vinha  
Aquillo que tam mal o Rei cuidaua:  
Cũa a'ta confiança, que conuinha,  
Com que seguro credito alcançaua,  
Que Venus Acid'ilia lhe influa,  
Tais palauras do sabro peito abria.

Se os antigos delitos, que a malicia  
Humana cometio na priscidade  
Nam causaram, que o vaso da iniquicia,  
Açoute tam cruel da Christandade,  
Viera por perpetua inimicia  
Na geraçam de Adão, co a falsidade  
O poderoso Rei da torpe seita,  
Nam comeberas tu tam nã suspeita.

Mas

Mas porque nenhum grande bem se alcança  
 Sem grandes opressões, & em todo o feito  
 Segue o temor os passos da esperança,  
 Que em suor viue sempre de seu peyto,  
 Me mostras tu tão pouca confiança  
 Desta minha verdade: sem respeito  
 Das razões em contrario que acharias  
 Senão creffes a quem nam crer denias.

Porque se eu de rapinas so viueffe  
 Vndiuago, ou da patria desterrada,  
 Como cres que tam longe me viesse,  
 Buscar assento incognito & apartado?  
 Porque esperanças, ou porque interesse,  
 Viria esprimentando o mar yrado,  
 Os Antarticos frios, & os ardores  
 Que sofrem do Carneyro os moradores?

Se com grandes presentes dalta estima  
 O credito me pedes do que digo,  
 Eu não vim mais q̃ a achar o estranho Clima  
 Onde a natura pos teu Reyno antigo:  
 Mas se a Fortuna tanto me sublima,  
 Que eu torne à minha patria, & reino amigo  
 Então veràs o dom soberbo & rico  
 Com que minha tornada certifico.

Se te parece inopinado feito,  
 Que Rei da vltima Hisperia ati me mande,  
 O coraçam sublime, o regio peito,  
 Nenhum caso possibil tem por grande.  
 Bem parece que o nobre & gram conceito  
 Do Lusitano espirito demande  
 Maior credito, & fe de mais alteza,  
 Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos  
 Reis nossos firmemente propuserão  
 De vencer os trabalhos, & perigos,  
 Que sempre às grandes cousas se opuserão  
 E descobrindo os mares inimigos  
 Do quieto descanso, pretenderão  
 De saber que fim tinham, & onde estauam  
 As derradeiras praias que lauauam.

Conceito digno foi do ramo claro  
 Do ventur. so Rei, que arou primeiro  
 O mar, por yr deitar do ninho caro  
 O morador de Abila derradeiro:  
 Este por sua industria, & engenho raro,  
 Num madeiro ajuntando outro madeiro,  
 Descobrir pode a parte, que faz clara  
 De Argos, da Idra a luz, da Lebre, e da Ara.  
Crecendo

Crescendo cos successos bons primeyros  
 No peyto as ousadias, descobriram  
 Pouco & pouco caminbos estrangeyros,  
 Que hūs succedendo aos outros profeguiram:  
 De Affrica os moradores derradeyros  
 Austrais, que nunca as sete flammaz viram,  
 Forão vistos de nos, atras deyxando  
 Quantos eslam os Tropiccos queymando:

Assi com firme peyto, & com tamanho  
 Proposito vencemos à Fortuna,  
 Ate que nos no teu terreno estranho  
 Viemos por a vltima coluna:  
 Rompendo a força do liquido estanho  
 Da tempestade horrifica, & importuna  
 Ati chegamos, de quem so queremos  
 final, que ao nosso Rey de ti leuemos.

Esta he a verdade Rey, que nam faria  
 Por tam incerto bêm, tam fraco premio  
 Qual, nam sendo isto assi, esperar podia,  
 Tam longo tam fingido, & vão proemio:  
 Mas antes de scansar me deyxaria  
 No nunca de scansado & fero gremio  
 Da madre Thetis, qual pirata inimico  
 Dos trabalhos alheyos feyto rico.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Aſi que o Rey, ſe minha grão verdade  
Tês por qual he, ſincera, & não dobrada  
Ajuntame ao deſpacho breuidade,  
Não me impidas o goſto da tornada:  
E ſe inda te parece falſidade,  
Cuyda bem na razão que eſta prouada,  
Que com claro juyzo pode verſe,  
Que facil he a verdade dentenderſe.

Atento eſtaua o Rey na ſegurança,  
Com que prouaua o Gama o que dezia,  
Concebe delle certa conſiança,  
Credito firme, em quanto proferia,  
Pondera, das palauras ha abasſtança,  
Iulga na autoridade grão valia,  
Começa de julgar por enganados  
Os Catuaes corrutos, mal julgados.

Iuntamente a cobice do proueyto,  
Que eſpera do contrato Luſitano,  
O faz obedecer, & ter reſpeyto,  
Co Capitão, & nam co Mauro engano,  
Enfim ao Gama manda, que direyto  
Aas naos ſe vâ, & ſeguro dalgum dano  
Poſſa a terra mandar qualquer fazenda,  
Que pela eſpeciaria troque, & venda.  
Que



Que mande da fazenda enfim lhe manda,  
 Que nos Reynos Gangeticos faleça,  
 Salgũa traz idonea la da banda  
 Donde a terra se acaba, & o mar começa.  
 Ia da Real presença veneranda  
 Se parte o Capitam, pera onde peça  
 Ao Catual, que delle tinha cargo  
 Embarcaçam, que a sua esta de largo.

Embarcação que o leue aas naos lhe pede:  
 Mas o mao Regedor, que novos laços  
 Lhe machinaua, nada lhe concede,  
 Interpondo tardanças & embaraços:  
 Coelle parte ao caes, porque o arrede  
 Longe quanto poder dos regios paços,  
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,  
 Faça o que lhe insinar sua malicia.

La bem longe lhe diz, que lhe daria  
 Embarcaçam bastante, em que partisse,  
 Ou que pera a luz crastina do dia  
 Futuro, sua partida diffirisse:  
 Ia com tantas tardanças entendia  
 O Gama, que o Gentio consentisse  
 Na matençam dos Mouros, torpe & fera,  
 O que delle ate li nam entendera.

Era

OS LVSIADAS DE L. DE CA

Era este Catual, hum dos que estauam  
Corrutos pela Maumetana gente,  
O principal por quem se governauam  
As cidades do Samorim potente:  
Delle somente os Mouros esperauam  
Efeyto a seus enganos torpemente,  
Elle, que no concerto vil conspira  
De suas esperanças nam delira;

O Gama com instancia lhe require  
Que o mande por nas naos, & nam lhe val,  
E que assi lho mandára, lhe refere,  
O nobre successor de Perimal:  
Porque razam lhe impede & lhe difere  
A fazenda trazer de Portugal,  
Pois aquillo que os Reis já tem mandado  
Nam pode ser por outrem derogado?

Pouco obedece o Catual corruto  
Atais palauras, antes reuoluendo  
Na fantasia algum sutil, & astuto  
Engano diabolico, & estupendo,  
Ou como banhar possa o ferro bruto  
No sangue auorrecido, estaua vendo,  
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,  
Porque nenhũa aa patria mais tornasse.

Que

Que nenhum torne aa patria so pretende  
 O conselho infernal dos Maumetanos,  
 Porque nam saiba nunca onde se estende  
 A terra Boa o Rei dos Lusitanos:  
 Não parte o Gama em fim, que lho defende  
 O Regedor dos barbaros profanos,  
 Nem sem licença sua yrse podia,  
 Que as almá dias todas lhe tolbia.

Aos brados & razões do Capitam,  
 Responde o Idolatra, que mandasse  
 Chegar aa terra as naos, que longe estão,  
 Porque milhor dali fosse, & tornasse:  
 Sinal he de inimigo, & de ladram,  
 Que la tam longe a frota se alargasse,  
 Lhe diz, por que do certo & fido amigo  
 He nam temer do seu nenhum perigo.

Nestas palauras o discreto Gama  
 Enxerga bem, que as naos deseja perto  
 O Catual, por que com ferro, & flama  
 Lhas assalte, por odio descuberto:  
 Em varios pensamentos se derrama:  
 Fantasiando está remedio certo,  
 Que desse a quanto mal se lhe ordenava,  
 Tudo temia, tudo em fim cuidava

Qual

Qual o reflexo lume do polido  
 Espelho de aço, ou de cristal fermoso,  
 Que do rayo solar sendo ferido,  
 Vai ferir noutra parte luminoso,  
 E sendo da ouciosa mão mouido  
 Pela casa do moço curioso,  
 Anda pelas paredes, & telhado,  
 Tremulo, aqui & ali, & deffossigado.

Tal o vago juyzo fluctuana  
 Do Gama preso, quando lhe lembrara  
 Coelho, se por caso o esperara  
 Na praia cos bateis, como ordenara:  
 Logo secretamente lhe mandara,  
 Que se tornasse aa frota, que deixara,  
 Nam fosse salteado dos enganos,  
 Que esperara, dos feros Maumetasos.

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte,  
 Imitar os illustres, & igoalalos.  
 Voar co pensamento a toda parte,  
 Adiuinhar perigos, & euitallos:  
 Com militar engenho, & sutil arte  
 Entender os imigos, & enganalos,  
 Crer tudo em fim, que nunca louuarey  
 O Capitão que diga, não cuidey.

*Insiste*

Insiste o Malabar em telo preso,  
 Senão m'inda chegar a terra a armada,  
 Elle constante & de yra nobre aceso,  
 Os ameacos seus nam teme nada:  
 Que antes quer sobre si tomar o peso,  
 De quanto mal a vil malicia os fida  
 Lhe andar armada, que por em ventura  
 A frota de seu Rei, que tem segura.

Aquella noite esteve ali detido,  
 E parte do outro dia, quando ordena  
 De se tornar ao Rei: mas impedi-lo  
 Foy da guarda que tinha não pequena:  
 Cometelhe o Gentio outro partido,  
 Teme-ido de seu Rei castigo, ou pena,  
 Se sabe esta malicia, a qual asinha  
 Saberá, se mais tempo ali o detinha.

Diz lhe que man.le vir toda a fazenda  
 Vendibil, que trazia, pera terra,  
 Pera que de vagar se troque & venda,  
 Que quem nam quer commercio busca guerra:  
 Posto que os maos prepositos entenda  
 O Gama, que o dana-lo peito encerra,  
 Consente, porque sabe por verdade,  
 Que compra coa fazenda a liberdade.

Concertáse

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Concertãse que o negro mande dar  
Embarcações idoneas com que venha,  
Que os seus bateis nam quer auenturar,  
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:  
Partem as almãdias a buscar  
Mercadoria Hispana, que conuenha,  
Escreue a seu yrmão, que lhe mandasse  
A fazenda, com que se resgatasse.

Vem a fazenda a terra, aonde logo  
A agasalhou o infame Catual:  
Coella ficam Aliuaro & Diogo,  
Que a podessem vender pelo que val,  
Se mais que obrigacãm, que mando & rogo,  
No peito vil o premio pode & val,  
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,  
Pois o Gama soltou pela fazenda.

Por ella o solta, crendo que ali tinha  
Penhor bastante, donde recebesse  
Interesse maior do que lhe vinha,  
Se o Capitã mais tempo detiuesse:  
Elle vendo que ja lhe nam conumba  
Tornar a terra, porque nam podesse  
Ser mais retido, sendo aas naos chegado  
Nellas estar se deixa descansado.

Nas naos estar se deixa vagaroso,  
 Até ver o que o tempo lhe descobre,  
 Que nam se fia ja do cobicofo  
 Regedor corrompido & pouco nobre.  
 Veja agora o juyzo curiofo  
 Quanto no rico, assi como no pobre  
 Pode o vil interesse & sede imiga  
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga:

A Polidoro mata o Rey Treicio,  
 Sò por ficar senhor do gram tesouro:  
 Entra, pelo fortissimo edificio  
 Com a filha de Acriso a chuua douro:  
 Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,  
 que a troco do metal luzente, & louro,  
 Entrega aos inimigos a alta torre,  
 Do qual quasi afogada empago morre

Este rende muidis fortalezas,  
 Faz tredores, & falsos os amigos,  
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,  
 E entrega Capitães aos inimigos:  
 Este corrompe virginais purezas,  
 Sem temer de honra, ou fama algũs perigos,  
 Este leprau a as vezes às ciencias  
 Os juyzos cegando, & as consciencias.

Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este interpreta mais que sutilmente  
Os textos este faz & desfaz leis:  
Este causa os perjuros entre a gente:  
E mil vezes tiranos torna os Reis.  
Ate os que so a Deos omnipotente  
Se dedicao, mil vezes ouuireis,  
Que corrompe este encantador, & illude:  
Mas nam sem cor com tudo de virtude.

F I M.

Canto Nono.



Luerão longamen-  
te na cidade  
Sem vender se a fazenda os do-  
us feitores,  
Que os injreis por manha, & falsidade  
Fazem, que nam lha comprem mercadores,  
Que todo seu proposito, & vontade  
Era, deter ali os descubridores  
Da India, tanto tempo que viessem  
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

Lano



Lano seio Eritreo, onde fundada  
 Arsinoe foi do Egipcio Ptolomeo,  
 Do nome da irmã sua assi chamada,  
 Que despois em Suez se conuerteo,  
 Não longe, o porto jaz da nomeada  
 Cidade Meca, que se engrandeceo  
 Com a supersticiã falsã, e profana,  
 Da relegiosa agoa Maumetana.

Giddã se thama o porto, aonde o trato  
 De todo o roxo mar mais florecia,  
 De que tinha proueito grande, e grãto  
 O Soldão que esse Reino possuiã.  
 Daqui aos Malabares, por contrato  
 Dos infieis, fermosa companhia  
 De gran.les naos, pelo Indico Oceano,  
 Especiaria vem buscar cada anno.

Por estas naos os Mouros esperauam,  
 Que como fossem grandes e possantes  
 Aquellas, que o commercio lhe tomauam,  
 Com flamas abras. sem. ci epitantes;  
 Neste socorro tanto confianam,  
 Que já nam querem mais dos nauegantes,  
 Se nam que tanto tempo ali tardassem,  
 Que da fame sa Meca as naos chegassem.

T

Mas

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Mas o Governador dos ceos, e gentes,  
Que pera quanto tem determinado,  
De longe os meios dá conuenientes,  
Por onde vem a effeito o fim fadado,  
Influiu piadosos accidentes  
De efficarem Monçaide, que guardado  
Estaua pera dar ao Gama auiso,  
E merecer por isso o Paraíso.

Este de quem se os Mouros nam guardauão,  
Por ser Mouro como elles, antes era  
Participante em quanto machinauão,  
A tençã lbe d' sobre torpe e feras:  
Muitas vezes as naos que longe estauão  
Visita, e com piedade considera  
O dano, sem razão, que se lbe ordena,  
Pela maligna gente Sarracena.

Informo o cauto Gama das armadas,  
Que de Arabica Meca vem cadano,  
Que agora são do seus tam desfeitas,  
Perã ser instrumento deste dano:  
Diz lbe que vem de gente carregadas,  
E dos trouões horrendos de Vulcano,  
E que pode ser dellas oprimido,  
Segunda estana mal apercebido.

O Gama

O Gama que tambem considerava  
 O tempo, que pera a partida o chama,  
 E que despacho ja nam esperava  
 Milhor do Rei, que os Maumetanos ama:  
 Aos feitores, que em terra estão, mandava  
 Que se tornem aas naos: & porque a fama  
 Desta subita virida os nam impida,  
 Lhe manda que a fizessem escondida.

Porem nam tardou muito, que voan lo  
 Hum rumor nam soasse com verdade,  
 Que forão presos os feitores, quando  
 Foram sentidos virse da cidade:  
 Esta fama as orelhas penetrando  
 Do sabio capitam, com breuidade  
 Faz represaria nūs, que aas naos vierão,  
 A vender pedraria que trouxerão.

Eram estes antigos mercadores  
 Ricos em Calicu, & conhecidos  
 Da falta delles, logo entre os milhores  
 Sentido foi, que estão no mar retidos:  
 Mas ja nas naos os bõs trabalhadores,  
 Vluem o cabrestante, & repartidos  
 Pelo trabalho, hūs puxam pela amarra,  
 Outros quebram co peito duro a barra.

OS LUSTADAS DE L. DE CAJ

Outros pendem da verga, e ja desatam  
A vella, que com grita se soltaua,  
Quando com maior grita ao Rei relatam  
A pressa, com que a armada se leuaua:  
As molheres e filhos, que se matam  
Daquelles que vão presos, onde estaua  
O Samorim, se aqueixão que perdidos  
Hũ tem os pais, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lusitanos  
Com toda sua fazenda liurementemente,  
A pesar das inimigos Maumetanos,  
Porque lhe torne a sua presa gente.  
Desculpas manda o Rei de seus enganos,  
Recebe o Capitam de melhormente  
Os presos, que as desculpas, e tornando  
Alguns negros, se parte as vellas dando.

Parte se costa abaxo, porque entende  
Que em vão co Rei gentio trabalhaua,  
E n querer delle paz, a qual pretende  
Por firmar o comercio que trataua:  
Mas como a quella terra que se estende  
Pela Aurora, sabida ja deixaua,  
Com estas nouas torna aa patria cara,  
Certos sinis leuando do que achara.

Leua algũs Malibares, que tomou  
 Per força, dos que o Sãmorim mandára,  
 Quando os presos feitores lhe tornou:  
 Leua pimenta ardente que comprára:  
 A seca flor de Banda nam ficou,  
 A Noz, & o negro cravo, que faz clara  
 A noua ilha Maluco, coa canella,  
 Com que Ceilão he rica illustre & bella,

Isto tudo lhe ouuera a diligencia  
 De Monçaide fiel, que tambem leua,  
 Que inspirado de Angelica influencia,  
 Quer no liuro de Christo que se escreua,  
 O ditoso Affricano, que a clemencia  
 Diuina assi tirou de scura treua,  
 E tam longe da patria achou maneira,  
 Pera subir aa patria verdadeira.

Apartadas assi da ardente costla,  
 As venturosas naos, leuando a proa  
 Pera onde a natureza tinha posta  
 A Meta Austrina da esperança boa,  
 Leuando alegres nouas & reposta,  
 Da parte Oriental por Lisboa,  
 Outra vez cometendo os duros medos  
 Do mar incerto, temi los & ledos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O prazer de chegar aa patria cara,  
A seus penates caros & parentes,  
Pera contar a peregrina, & rara  
Nauegacão, os varios ceos, & gentes,  
Vir a lograr o premio, que ganhara  
Por tam longos trabalhos, & accidentes,  
Cada hum, tem por gosto tom perf'ito,  
Que o coração para elle he vaso estreito.

Porem a Deos Cipria, que ordenais  
Era pera fauor dos Lusitanos  
Do Padre eterno, & por bom genio da de  
Que sempre os guia ja de longos annos:  
A gloria por trabalhos alcançada,  
Satisfaçam de bem soffri los danos,  
Lbe andaua ja ordenando, & pretendia  
Dar lhe nos mares tristes alegria.

Despois de ter hum pouco reuoluido  
Na mente o largo mar que nauegarãõ,  
Os trabalhos, que pelo Deos nascido,  
Nas Amphioneas Thebas, se causaram,  
La trazia de longe no sentido,  
Pera premio de quanto mal passaram,  
Buscar lhe algum deleite, algum de canso  
No Reino de cristal liquido, & manso.  
Alguns

Algum repouso em fim, com que podesse.  
 Refucillar a lassa humanidade  
 Dos nauégantes seus, como interesse  
 Do trabalho, que incurta a breue idade:  
 Parecelhe razam que conta desse  
 A seu filho, por cuja potestade  
 Os Deoses faz decer ao vil terreno,  
 E os humanos subir ao ceo sereno.

Isto bêm reuoluido, determina  
 De terthe aparelhada la no meio  
 Das agoas, algũa insula diuina  
 Ornada desnaltado & verde arreio:  
 Que muitas tem no reino, que confina  
 Da primeira co terreno seio,  
 Afora as que possue soberanas,  
 Pera dentro das portas Herculanãs.

Ali quer que as aquáticas donzellis,  
 Escreiem os fortissimos b. rões,  
 Todas as que tem titulo de bellas,  
 Glorria dos olhos, & dos corações,  
 Com danças, & coreas, por que nellas  
 Influirã secretas affeições,  
 Pera com mais vontade trabalharem  
 De contentar a quem se affeçoarem.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Tal manha buscou ja, pera que aquelle  
Que de Achises pario, bem recebido  
Fosse no campo que a bouina pelle  
Tomou de esp'igo, por sutil partido:  
Seu filho vai buscar, porque so nelle  
Tem todo seu poder, fero Cupido,  
Que asy como naquella empresa antiga  
A ajudou ja, nestoutra a ajude & siga.

No carro ajunta as aues, que na vida  
Vão da morte as exequias celebrando,  
E aquellas em que ja foi conuertida  
Peristera, as boninas apanhando:  
Em derredor da Deosi ja partida,  
No ar lasciuos beyos se vão dando,  
Ella por onde passa o ar, & o vento  
Serenoz faz, com brandoz mouimento.

La sybre os Idalios montes pende,  
Onde o filho frecheiro estaua entam,  
Ajuntan lo outros muitos, que pretende  
Fazer hũa famosa expediçam  
Contra o mundo reuelde, porque emende  
Erros grandes, que ha dias nelle estam,  
Amando cousas que nos foram dadas,  
Nam pera ser amadas, mas vsadas.



Via Acleon na caça, tam austero,  
 De cego na alegria bruta, insana,  
 Que por seguir hum feo animal fero,  
 Foge da gente, & bella forma humana:  
 E por castigo quer doce, & seüero,  
 Mostra lbe a fermosura de Diana,  
 E guarde se nam seja inda comido  
 Desses cães que agora ama, & consumido.

E vê do mundo todos os principais,  
 Que nenhum no bem público imagina,  
 Vê nelles, que nam tem amor a mais  
 Que asi somete, & a quem Philaucia insua  
 Vê que esses que frequentam os reais  
 Paços, por verdadeira & saã doctrina  
 Vendem adulaçam, que mal consente  
 Mondar se o nouo trigo florecente.

Vê que aquelles que deuem aa pobreza  
 Amor diuino, & ao pouo charidade,  
 Amão somente mandos, & riqueza,  
 Simul indo justiça, & integridade:  
 Da fea tyrania & de aspereza  
 Fazem direito, & vã seueridade:  
 Leis em fauor do Rei se estabelecem,  
 As em fauor do pouo so perecem.

Vem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vê em fim que ninguém ama o que deue,  
Se nam o que somente mal deseja,  
Nam quer que tanto tempo se releue,  
O castigo que duro, & justo seja:  
Seus ministros ajunta, por que leue  
Exércitos conformes aa peleja,  
Que espera ter coa mal regida gente,  
Que lbe nam for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,  
Estão em varias ondas trabalhando,  
Hũs amolando ferros passadores,  
Outros asteas de setas delgaçando,  
Trabalhando cantando estam de amores,  
Varios casos em verso modulando,  
Melodia sonora, & concertada,  
Suave a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortais, onde fojauam,  
Perã as setas as pontas penetrantes,  
Por lenha, cerações arlendo estauam,  
Viuas entranhas inda palpitantes:  
As agoas onde os ferros temperauam,  
Lagrimas sam de miseros amantes,  
A viua flama, o nunca morto l me,  
Desejo he so que queima, & não consume.

Alguas

Algũs exercitando a mão a diuam,  
 Nos duras corações da plebe ruda,  
 Crebros suspiros pelo ar soauam,  
 Dos que feridos vãõ, da seta aguda,  
 Fermosas Nymphas sam as que curauam  
 As chagas recebidas cuja ajuda  
 Nam samente dà vida aos mal feridos:  
 Mas poem em vida os inda nam nascidos.

Fermosas sam algũas & outras feas  
 Segundo a qualidade for das chagas,  
 Que o veneno espalhado pelas veas  
 Curãõ no aas vezes asperas triagas  
 Algũs ficam ligados em cadeas,  
 Por palauras sutis de sabias Magas,  
 Isto acontece aas vezes quando as setas  
 Acertam de leuar eruas secretas.

Destes tiros asst desordenados,  
 Que estes moços mal destros vãõ tirando,  
 Nascem amores mil desconcertados  
 Entre o pouo ferido miserando  
 Et tambem nos heroes de altos estados  
 Exemplos mil se vem de amor nefando,  
 Qual o das moças, Bibli & Cynirea  
 Hum mancebo de Assiria hum de Indea.

E vos

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

É vos ô poderosos por pastoras  
Muytas vezes ferido o peyto vedes,  
E por bayxos, & rudos vos senhoras  
Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,  
Hús esperando andais nocturnas horas,  
Outros subis telhados & paredes,  
Mas eu creyo que deste amor indino,  
He mais culpa a da mãy, que a do minino;

Mas ja no verde prado o carro leue  
Punbão os brancos Cisnes mansamente,  
E Dione, que as rosas entre a neuue  
No rosto traz, dicia diligente.  
O frecheiro, que contra o ceo se atreue,  
A recebella vem, ledo, & contente,  
Vem todos os cupidos seruidores,  
Beijar a mão aa Deosa dos amores.

Ella porque nam gaste o tempo em vão,  
Nos braços tendo o filho, confiada  
Lhe diz, amado filho, em cuja mão  
Toda minha potencia está fundada:  
Filho em quem minhas forças sempre estão,  
Tu que as armas Tifeas tês em nada,  
A socorrerme a tua potestade  
Me traz especial necessidade.

Bem

Bem ves as Lusitanicas fadigas,  
 Que enja de muito longe fauoreço,  
 Porque das Parcas sey minhas amigas,  
 Que me ande venerar & ter em preço,  
 E porque tanto imitam as antigas  
 Obras de meus Romanos, me offereço  
 A lbe dar tanta ajuda em quanto posso,  
 A quanto se estender o poder n'osso.

E porque das insidias do odio so  
 Baco foram na India molestados,  
 E das injurias sos do mar vndoso,  
 Poderão mais ser mortos, que cansados:  
 No mesmo mar, que sempre temeroso  
 Lhe foi, quero que sejam repousados,  
 Tomando aquelle premio, & doce gloria  
 Do trabalho que faz clara a memoria.

E pera isso queria que feridas  
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,  
 Da mor dos Lusitanos encendidas,  
 Que vem de descobrir o noouo mundo,  
 Todas n'ua ilha juntas & subidas,  
 Ilha que nas entranchas do profundo  
 Oceano, terei aparelhada,  
 De dões de Flora, & Zefiro adornada.

Ali.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Ali com mil refrescos & manjares,  
Com vinhos odoriferos, & resas,  
Em cristalinos paços singulares,  
Fermosos leitos, & ellas mais fermosas,  
Em fim com mil deleites nam vulgares,  
Os esperem as Nymphas amorosas,  
Damor feridas, pera lhe entregarem  
Quanto dellas os olhos cobicarem,

Quero que aja no reino Neptonino  
Onde eu nasci, progenie forte & bella,  
E tome exemplo o mundo vil, malino,  
Que contra tua potencia se reuela,  
Porque entendam que muro adamantina,  
Nem triste hypocrésia val contra ella,  
Mal auerà na terra quem se guarde,  
Se teu fogo immortal nas agoas arde,

Assi Venus propos, & o filho inico  
Pera lhe obedecer ja se apercebe,  
Manda trazer o arco eburneo rico,  
Onde as setas de ponta de ouro embebe:  
Com gesto ledo a Cipria, & impudico,  
Dentro no carro o filho seu recebe,  
Ha rede a larga aas aues, cujo canto  
Ha Phaestontea morte choi ou tanta.

Mas diz Cupido, que era necessaria  
 Hũa famosa, & celebre terceyra,  
 Que posto que mil vezes lhe he contraria,  
 Outras muitas ha tem por companheyras:  
 A Deusa Gigantea temeraria,  
 Laclante, mintirosa, & verdadeyra,  
 Que com cem olhos ve, & por onde voa  
 O que vê com mil bocas apregoa.

Vão a buscar, & mandam a diante,  
 Que celebrando va com tuba clara,  
 Os louvores da gente nauegante,  
 Mais do que nunca os dourem celebraras:  
 La murmurando a fama penetrante  
 Pelas fundas eadernas se es alhára,  
 Fala verdade, a vida por verdade,  
 Que junto a Deusa traz Credulidade.

O louvor grande, o rumor excellente  
 No coração dos Deoses, que indinados  
 Forão por Baco contra a illustre gente,  
 Mudando os fez hum pouco afeycoados:  
 O peyto femmil, que leuemente  
 Muda quaesquer propositos tomados.  
 La julga por mau zelo, & por crueza  
 Desejar mulla tanta fortaleza.

D. Speite

Despede nisto o fero moço as setas  
 Húa apos outra, geme o mar cos tiros,  
 Dereitas pelas ondas inquietas,  
 Algũas vão, & algũas fazem giros:  
 Caem as Nymphas, lançam das secretas  
 Entranhãs ardentissimos sóspiros,  
 Caê qualquer, sem ver o vulto que ama,  
 Que tanto como a vista pôde a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea Lha,  
 Com força o moço indomito excessua,  
 Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,  
 Porque mais que nenhũa lhe era esquina:  
 Ia não fica na aljuua seta algũa  
 Nem nos equoreos campos Nympha vira,  
 E se feridas inda estam viuendo,  
 Sera pera sentir que vão morrendo.

Day lugar altãs & ceruleas ondas,  
 Que vedes Venus traz a medicina,  
 Mostrando as brancas vellãs, & redondas,  
 Que vem por cima da água Neptunina:  
 Pera que tu reciproco respondas  
 Ardente Amor aa flama feminina,  
 He forçado que a púdicia honesta  
 Faça quanto lhe Venus amoesta.



Ia todo o bello coro se aparelha  
 Das Nereidas, & junto caminhaua  
 Em coreas gentis, vsança velha,  
 Pera a ilha, a que Venus as guiaua:  
 Ali a fermosa Deusa lha aconselha  
 O que ella fez mil vezes, quando amaua,  
 Ellas que vão do doce amor vencidas,  
 Estam a seu conselho offrecidas.

Cortando vão as naos a larga via  
 Do mar ingente, pera a patria amada,  
 Desejando prouer se de agoa fria,  
 Pera a grande viajem prolongada:  
 Quando juntas com subita alegria,  
 Ouueram visita da ilha naruada,  
 Rompendo pelo ceo a mãe fermosa  
 De Menonio, suave & delectosa.

De longe a ilha virem fresca & bella,  
 Que Venus pelas ondas lha leuaua,  
 ( Bem como o vento leua branca vella )  
 Pera onde a forte armada se enxergaua,  
 Que por que nam passassem, sem que nella  
 Tomassem porto, como d' se iaua,  
 Pera onde as naos nauegão a mouia  
 A Accidalia, que tudo em fim podia:

Mas firme a fez & imobil, como vio  
 Que era dos Nautas vista, & demandada,  
 Qual ficou Delos, tanto que pario  
 Laton i Phebo, & a Deosa aa caça usada:  
 Pera la logo a proa o mar abrio,  
 Onde a costa fazia hũa enseada  
 Curua & quieta, cuja branca area  
 Pintou de ruinas conchas Cytrea.

Tres fermosos outeiros se mostrauam  
 Erguidos com soberba graciosa,  
 Que de gramineo esmalte se adornauam,  
 Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:  
 Claras fontes & limpidas manauam  
 Do cume, que a verdura tem viçosa,  
 Por entre pedras aluas se dirina,  
 A sonora Limpha fugitua.

Num valle ameno, que os outeiros fende  
 Venham as claras agoas ajuntarse,  
 Onde hũa mesa fazem, que se estende  
 Tam bella, quanto pode imaginar-se:  
 Aruoredo gentil sobre ella pende,  
 Como que prompto esta pera afeitar-se,  
 Vendose no cristal resplandecente,  
 Que em si o esta pintando propriamente.

Mil arvores estam ao ceo subindo,  
 Com pomos odoriferos & bellos,  
 A Lorangeira tem no fructo lindo  
 Acor, que tinha Daphne nos cabellos:  
 Encostase no chão, que está caindo  
 A Cidreira cos pesos amarellos,  
 Os fermosos limões ali cheirando  
 Estam virgineas tetas imitando,

As arvores agrestes, que os duteiros  
 Tem com frondente coma emnobrecidos  
 Aemos sam de Alcides, & os Loureiros  
 Do louro Deos amados, & queridos:  
 Mirtos de Cyterea, cos Pinheiros  
 De Cybele por outro amor vencidos,  
 Está apontando o agudo Cipariso  
 Pera onde he posto o Etereo paraíso.

Os dões que dá Pomona, ali natura  
 Produze diferentes nos sabores,  
 Sem ter necessidade de cultura,  
 Que sem ella se dam muito milhores.  
 As Cerejas porpuras na pintura,  
 As Amoras, que o nome tem de amores,  
 O pomo, que da patria Persia veio,  
 Milhor tornado no terreno alheio.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Abre a Romã, mostrando a rubicunda  
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes  
Entre os braços do Ulmeiro está a jocunda  
Vide cãs cachos roxos, & outros verdes:  
E vos se na vossa arvore fecunda  
Per as pyramidaes viuer quiserdes,  
Entregaiuos ao dano, que cos bicos  
Em vos fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella & fina,  
Com que se cobre a rustico terreno,  
Faz ser a de Achemenia menos dina:  
Mas o sombrio valle mais ameno:  
Aí a cabeça o flor Cysfia inclina,  
Subollo tanque lucido & sereno,  
Florece o filho & neto de Cymras,  
Por quem tu Deof. Paphia inda suspiras:

Pera julgar disto ilconsa fora,  
No ceo vendo, & na terra as mesmas cores,  
Se dá a aas flores cor a bella Aurora,  
Ou se lha a dam a ella as bellas flores:  
Pintando estau: ali Zefiro & Flora  
As violas da cor dos amadores,  
O Lirio roxo, a fresca Rosa bella,  
Qual reluze nas faces da donzella.

A cano

A candida Cecem das Matutinas  
 Lagrimas ruiadas, & a Manjarona,  
 Vense as letras nas flores Hyacintinas,  
 Vam queridas do filho de Latona:  
 Bem se enxerga nos pomos & boninas  
 Que competia Cloris com Pomona:  
 Pois se as aues no ar cantando voão,  
 Alegres animais o chão pouvoão.

A longo da agoa o niueo Cisne canta,  
 Resp n le lbe do ramo Philomena,  
 Da sombra de seus cornos nam se espansa  
 Acteon nagoa cristalina & bella:  
 Aqui a fugace Lebre se leuanta  
 Da espessa mata, ou temida Gazella,  
 Ali no bico traz ao caro ninho,  
 O mantimento ô leue passarinho.

Nesta frescura tal de sembarcaram  
 Ia das naos os segundos Argonautas,  
 Onde pola floresta se deixuam  
 Andar as bellas Deusas como incautas,  
 Algũas doces Cytaras tocauam,  
 Algũas arpas, & sonoras frautas,  
 Outras cos arcos de ouro se fingião  
 Seguir os animais, que nam seguião.

Aß: lho aconselhára a mestra experta,  
 Que andassem pelos campos e spalhadas,  
 Que vista dos barões a presa incerta,  
 Se fizessem primeyro desejadas  
 Algũas, que na forma descuberta  
 Do bello corpo estauam confiadas,  
 Posta a artificiosa fermosura,  
 nuas lauar se deyxam na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya  
 Punham os pès de terra cubicosos,  
 Que nam ha nenhum delles, que nam sãya  
 De acharem caça agreste desejosos:  
 Nam cuydam que sem laço, ou redes caya  
 Caça naquelles montes deleytosos  
 Tão suave, domestica, e beruina,  
 Qual ferida lha tinha ja Eiricina.

Algũs que em espingardas, e nas bestas  
 Pera ferir os seruos se fiauam,  
 Pelis sombrios matos, e florestas  
 Determinadamente se linçauam:  
 Outros nas sombras, que de as altas festas  
 Defendem a verdura, passeauam  
 A longo da agoa, que suave, e queda  
 Por aluas pe dras corre aa praya le la.

Começão

Começão de enxergar subitamente

Por entre verdes ramos varias cores,  
 Cores de quem a vista julga, & sente,  
 Que namerão das r' sas, ou da flores,  
 Mas da lam fina, & seda diferente  
 Que mais incita a força dos amores,  
 De que se vestem as humanas rosas,  
 Fazendo-se por arte mais fermosiss.

Da Vel-so espantado hum grande grito,

Senhores caça estranha disse he esta,  
 Se inda duram o Genio antigo rito,  
 A Deosas he sagrada esta floresta:  
 Mais desobrimos do que humano esprito  
 Desejou nunca, & bem se manifesta  
 Que sam grandes as cosas & excellentes  
 Que o mundo encobre ao, homês imprudẽ.

Sigamos esta Deosas, & vejamos,

Se fant'sticas sam, se verdadeiras,  
 Isto dito veluces mais que Gamos,  
 Se lançam a correr pelas ribeiras:  
 Fugindo as Nymphas v'io por entre os ramos  
 Mas mais industriussis que ligeiras,  
 Pouco & pouco surrindo, & gritos dando,  
 Se deixam yr do, Galgos alcançando.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

De hũa os cabellos de ouro o vento leua  
Correndo, & da outra as fraldas delicadas,  
Acendese o desejo que se ceua  
Nas alvas carnes subito mostradas,  
Hũa de industria cae, & ja releua  
Com mostras mais mofias, que indinadas,  
Que sobre ella empecendo tambem caia  
Quem a seguio pela arenosa praia.

Outros por outra parte vão topar,  
Com as Deusas despidas que se lauam,  
Ellas começam subito a gritar,  
Como que assilio tal nome se rauam,  
Hũas fingindo menos estimar  
A vergonha que a força, se lancauam  
Nuas por entre o mato, aos olhos dando  
O que as mãos cobicefas vão negando.

Outra como acudindo mais de pressa,  
A vergonha da Deusa caçadora,  
Esconde o corpo na goa, outra se apressa  
Por tomar os vestidos, que tem fora:  
Tal dos mancebos ha, que se arremessa  
Vestido assi & calçado (que co a mora  
Desse despir, ha medo que inda tarde)  
Amatar na agoa o fogo que nelle arde.

Qual



Qual tão de caçador sagaz & ardido,  
 Vlado a tomar na agoa a aue ferida,  
 Vendo rosto o ferreo cano erguido,  
 Pera a Garçenba, ou Pata conhecida,  
 Antes que soe o estouro, mal sofrido  
 Salta nagoa, & da presa nam duuida,  
 Nadando vay & latindo, asbi o mancebo  
 Remete ha que nam era yрмаã de Phebo.

Lionardo soldado bem desposto,  
 Manhofo, caualleiro, & namorado,  
 A quem amor nam dera hum so desgosto,  
 Mas sempre fora delle mal tratado:  
 E tinba ja por firme presuposto  
 Ser com amores mal afortunado,  
 Porem nam que perdesse a esperança,  
 De inda poder seu fado ter mudança,

Quis aqui sua ventura, que corria  
 Apos Esfire, exemplo de belleza,  
 Que mais caro que as outras dar queria,  
 O que deu pera dar se a natureza,  
 Ia cansado correndo lhe dizia.  
 O fermosura indigna de aspereza,  
 Pois desta vida te concedo a palma,  
 Espera hum corpo de quem leuas a alma.

Todos

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Todas de correr cansim, Nimpha pura,  
Rendendese aa vontade do inimigo,  
Tu so de my so foges na espessura?  
Quem te disse que euera o que te figo?  
Se io em dito ja aquella ventura,  
Que em toda a parte sempre anda comigo,  
Onam na creas, porque eu quando a cria,  
Mil vezes cada hora me mentia:

Nam canses, que me causas: & se queres  
Fugirme, porque nam possa tocar-te,  
Minha ventura he tal, que inda que esperes  
Ella farà que nam possa alcançarte:  
Espera, quero ver, se tu quiseses,  
Que sutil modo busca de escoparte,  
E nota às no fim de ste successo,  
Tra la spica & la man, qual muro he messo,

O não me fujas, assi nunca o breue  
Tempo fujy de tua fermosura,  
Que so com rifeer o passo leue,  
Vencerás da fortuna a força dura:  
Que Empirador, que exercito se atreue.  
A que pentar a furia do ventura,  
Que em quanto d sejey me vay seguindo,  
O que tu so fuas nam me fugindo.

Pois

Põe-te da parte da desdita minha?

Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:

Leuas me hum coração, que liure tinha?

Solta mo, & corroras mais leuemente

Não te carrega essa alma tam mezquinha;

Que nesses fios de ouro reluzente

Atada leuas? ou despois de presa

Lhe mudaste a ventura, & menos pesa?

Nesta esperança so te vou seguindo,

Que ou tu n'um sofrerás o peso della,

Ou na virtude de teu gesto lindo,

Lhe mudará a triste & dura estrella.

E se se lhe mudar, não vas fugindo,

que Amor te ferirá, gentil donzella,

E tu me esperarás, se amor te fere,

E se me esperas, não ha mais que espere!

Ia nam fugia a bella Nímpha, tanto

Por se dar cara ao triste que a seguia,

Como por yr ouuindo o doce canto,

As namoradas magoas que dizia:

Voluendo o rosto ja sereno & sancto,

Toda banhada em riso & alegria,

Cair se deixou aos pés do vencedor,

que todo se desfaz em puro amor.

O que

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

O que fimintos beijos na floresta,  
E que mimiso choro que soava,  
Que afigos tam suaves, que yra honesta  
Que em risinhos alegres se tornaua;  
O que mais passam na menbã & na festa  
Que Venus com prazeres inflamaua,  
Milhor he e sprimentalo que julgalo,  
Mas julgue o quem nam pode e sprimentalo.

Desta arte em fim conformes ja as fermosas  
Nimphas, cos seus amados nauegantes,  
Os ornam de capellas delictosas,  
De louro & de ouro & flores abundantes:  
As mãos aluas lbe dauam como esposas  
Com palauras formais & estipulantes,  
Se prometem eterna companhia  
Em vida & morte, de honra & alegria,

Hũa d'ellas maior, a quem se humilha  
Todo o choro das Nimphas, & obedece,  
Que dizem ser de Celo & Vesta filha,  
O que no gesto bello se parece,  
Enchendo a terra, & o mar de maravilha,  
O Capitão illustre que o mereçe,  
Recebe ali com pompa honesta & régia,  
Mostrando se senhora grande & egregia,  
Que

Que despois de lhe ter dito quem era,  
 Cum alto exordio de alta graça ornado,  
 Dandolhe a entender, que ali viera  
 Por alta influença do imobil fado,  
 Per a lhe descobrir da vinda esphera,  
 Da terra immensa, & mar nam nauegado  
 Os segredos, por alta prophecia  
 O que está sua naçam fo merecia.

Tomando o pela mão a lena & guia  
 Pera o cume dum monte alto & diuino,  
 No qual hũa rica fabrica se erguia  
 De cristal toda, & de ouro puro, & fino:  
 A maior parte aqui passam do dia  
 Em doces jogos, & em prazer continuo,  
 Ella nos paços logra seus amores,  
 As outras pelas sombras entre as flores.

Assi a fermosa, & a forte companhia,  
 O dia quasi todo estão passando,  
 Nũa alma, doce, incognita alegria,  
 O trabalhos tam longos compensando  
 Porque dos feitos grandes, da oufadia  
 Forte & famosa, o mundo está guardando  
 O premio la no fim bem merecido,  
 Com fama grande, & nome alto & subido,  
 Que

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Que as Nymphas do Oceano tam fermosas,  
Thetis & a Ilha angelica pintada,  
Outra cousa nam be, que as deleitosas  
Honras, que a vida fazem sublimada:  
Aquellas preminencias gloriosas,  
O, triumphos, a fronte coroada  
De Palma & Louro, a gloria & maravilha  
Estes sam os deleites desta Ilha.

Que as immortalidades que fingia  
A antiguidade, que os illustres ama,  
La no estrellante Olimpo a quem subia,  
Sobre as afas inclitas da fama,  
Por obras valerosas que fazia,  
Pelo trabalho immenso, que se chama  
Caminho da virtude alto & fragofo:  
Mas no fim doce, alegre & deleitoso.

Nam eram senão premios, que reparte  
Por feitos mortais & soberbnos,  
O mundo cos varões, que esforço & arte  
Diuidos os fizeram, sendo humanos:  
Que Iupiter, Mercurio, Phebo & Marte  
Eneas & Quirino, & os dous Thebanos  
Ceres, Palas, & Iuno com Diana  
Todos foram de fraca carne humana.

Mas

Mas a fama trombeta de obras-tais,  
 Lhe deu no mundo nomes tam estranhos  
 De Deoses, Semideoses immortais  
 Indigetes, Heroicos, & de Magnos  
 Por isso, o vos que as famas estimais,  
 Se quizerdes no mundo ser tamanhos,  
 Despertai ja do sono do ocio ignauo,  
 Que o animo de liure faz escravo.

E ponde na cobiça hum freio duro,  
 E na ambiçam tambem, que indignamente  
 Tomais mil vezes & no torpe & escuro  
 Vicio da tirania infame & urgente:  
 Porque essas honras vaãs, esse ouro puro  
 Verdadeiro valor nam dan aa gente,  
 Milhor he merecellos sem os ter  
 Que possuilos sem os merecer.

Ou day na paz as leis iguais, constantes,  
 Que aos grandes nam dem o dos pequenos,  
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,  
 Contra a ley dos inimigos Sarracenos,  
 Fareis os Reinos grandes & possantes  
 E todos tereis mais, & nenhum menos  
 Possuireis riquezas merecidas,  
 Com as honras, que illustram tanto as vidas.  
 E fareis

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E fareis il ro o Rei que tanto amais,  
Agora cos conselhos bem cuidados  
Agora co as espadas, que immortais  
Vos farão, como os vossos ja passados:  
Impossibilidades nam façais,  
Que quem quis sempre pode: & numerados  
Sereis entre os Heroes esclarecidos,  
E nesta ilha de Venus recebidos

FLM,

**Canto Decimo**  
& ultimo.



As ja o claro ama-

dar de Larissea

Adultera, inclinaua os animais,

La pera o grande lago, que rodea

Temistitam, uos fins Occidentais:

O grande arder do Sol Fauonio enfrea,

Co sopio, que nos tanques naturais

Fuei spa a agoa serena, & despertava

Os Lirios, & lazminis que a colma egrava.

Quando



Quando as fermosas Ninfas cos amantes  
 Pella mão ja conformes & contentes.  
 Subião pera os paços radiantes,  
 E de metais ornados reluzentes:  
 Mandados da Rainha, que abundantes  
 Mesas, daltos manjares, excelentes  
 Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza  
 Restaurem da cansada natureza.

Ali em cadeiras ricas cristallinas,  
 Se assentam dous & dous, amante & dama  
 Noutras aa cabeceira douro finas,  
 Está coa bella Deosa o claro Gama:  
 De ygoarias suaves & diuinias  
 A quem não chega a Egipcia antiga fama,  
 Se accumulão os pratos de fulho buro,  
 Trazidos la do Atlantico tesouro.

Os vinhos odoriferos, que acima  
 Estão nam so do Itálico Falerno,  
 Mas da Ambrosia, que loue tanto estima,  
 Com todo o ajuntamento sempiterno:  
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima  
 Cresças escumas erguem, que no interno  
 Coraçam mouem subita alegria,  
 Saltando coa mistura da goa fria.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Mil praticas a'egres se tocavam  
Risus doces, sutis, & argutos ditos  
Que entre hũ & outra manjar se aliñatãõ  
Despertando os alegres apetitos:  
Musas os instrumentos nam faltãõ,  
Quais no profun lo reyno, os nus e' spiritos  
Fizeram d' se a'isar da ete'na pena,  
Cua voz thũ angelica Syrena.

Cantava a bella Musa, & cos acentos  
Que pellas altos picos vãõ soando,  
Em cõfusão a' xpo il, os instrumentos  
Su ues ue'na ham tempo c' uformando:  
Hum subito silencio enfrea os ventos,  
E fiz bir do'emente murmurando  
As agoas & nas casis naturais  
Alormecer os brutos animais.

Com doce voz e' stã subindo ao ceo  
Altos varões, que estã por vir ao mundo,  
Cujis claras l'leas uio Pr' theo,  
Num globo vãõ, die' fano, rotãdo,  
Que Iupiter em dom l'ho concedeo  
Em l'ubos, & despois no reino fundo  
Vaticinando o disse, & na memoria  
Recolheo logo a Ninfa a clara historia.

Materia

CANTO DECIMO. 283

Materia he de Coturno, & nam de Soto  
 A que a Nymphã ap'endeo no immenso lago  
 Qual Topas nam soube, cu Demodoco,  
 Entre os Pheaces hum, or tro em Carthago.  
 Aqui minha Caliope te inuolo  
 Neste trabalho extremo, por que em pago,  
 Me tornes, do q' fereuo, & em vão preuindo,  
 O gosto de esquecer, que vou per lendo.

Vão os annos decendo, & ja do Estio  
 Ha pouco que passar ate o Otono,  
 A fortuna me faz o engenho frio,  
 Do qual ja não me jucto, nem me abono:  
 Os d'agos me vão leuando ao rio  
 Do negro esquecimento, & eterno sono,  
 Mas tu me dá que cumpra, o gram Rainha  
 Das Musas, co que quero uançãam minha.

Canta do bella Deosa, que viriam  
 Do Tejo, pello mar que o Gama abriua,  
 Armadas que as ribeiras venceriam,  
 Por onde o Oce no Induo s' sp'ra:  
 E que os Gentios Reis, que nam dariam  
 A ceruiz sua ao jugo, o ferro & ira  
 Prouiriam do braço duro & forte,  
 Ate renderse a elle, ou logo aa morte.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Cantaua dhum que tem nos Malabares  
Do sumo sacerdocio a dignidade,  
Que so por nam quebrar cos singulares  
B rões, os nos que dera damizade,  
Sofrerà suas cidades & lugares,  
Com ferro, incenlios, ira & crueldade  
Ver destruir do Samorim potente:  
Que tais o lhos terá coa noua gente.

Ecanta como la se embarcaria  
Em Bellem o remedio deste dano,  
Sem saber o que em si ao mar traria  
O gram Pucheco, Achilles Lusitano:  
O peso sentirão, quando entraria  
O curu lenho, & o feruido Oceano,  
Quando mais n'agoz os troncos, que gemerem  
Contra sua natureza se meterem.

Mas ja chegado aos fins Orientais,  
E deixado em ajuda do gentio  
Rey de Cochim, com poucos naturais,  
Nos braços do sa'gado & curuo rio,  
Desbarat'ará os Naires infernais  
No passo Camb ilão, tornando frio  
Despanto o ar lor i'nmenso do Oriente  
Que verá tanto obrar tam pouca gente.  
Chamará

Chamará o Samorim mais gente noua:  
 Virão Reis Bipur, & de Tãnor,  
 Das serras de Narsinga, que alta proua  
 Estaram prometendo a seu senhor:  
 Para que todo o Naire em fim se mui,  
 Que entre Calecã jaz, & Cananor,  
 Dambas as leis inimigas, pera a guerra,  
 Mouros por mar, Gentios pola terra,

E todos outra vez desbaratando,  
 Por terra & mar, o gram Pacheco ofusado,  
 A grande multidam que yrá matando,  
 A todo o Malabar terà admirado:  
 Cometerá outra vez nam dilatando  
 O Gentio os combates apressado,  
 Injurianlo os seus, fazendo votos  
 Em vão aos Deoses vãos, surdos & immotos

Ja nam defenderá samente os passos,  
 Mas queimarhe ha lugares, templos, casas,  
 Acefo de yra o Cão, nam vendo lassos  
 Aquelles que as cidades fazem rassa:  
 Fará que os seus de vida pouco eslassos  
 Cometão o Pacheco que tem asas  
 Por dous passos num tempo, mas voando  
Dhum noutro, tudo yra desbaratando.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Virá ali o Samorim, porque em pessoa  
 Veja a batalha & os seus esforce & anime,  
 Mas hum tiro, que com zoni lo voa,  
 De sangue o tingirá no andar sublime:  
 I nam vera remedio, ou manha boa,  
 Nem força, que o Pacheco muito estime,  
 Inuentara truções, & vãos venenos,  
 Mas sempre (o ceo querendo) fara menos.

Que tornará a vez septima cantava,  
 Pellejar co in ucto & forte Luso,  
 A quem n hum trabalho pesa & agrua,  
 Mas com tudo est fo o fara confuso:  
 Trara pera a batalha horrenda & braua,  
 Machins de madeiros fora de uso,  
 Pera lhe abalroar as Carauellas,  
 Que ate li vão lhe fora cometellas.

Pella agoa leu tr a serras de fogo  
 Pera abr sa lhe quanta armada tenba,  
 Mas a militar arte, & engenho, logo  
 Fará ser vaã a br ueza com que venba:  
 N hum claro barão no Martio jogo,  
 Que nas as is da fama se sostenba,  
 Chega a este, que a palma a todos toma,  
 E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma  
 Porque

Porque tantas batalhas sustentadas  
 Com muito pouco mais de cem soldados,  
 Com tantas manhas, & artes inuentadas  
 Tantos Cães nam imbelles profligados:  
 Cup ireceram fabulas fimbadas,  
 Ou que os celestes Coros muocados  
 Deceram a' ajudallo, & lhe darão  
 E' forço, força, artil & coraçãõ.

Aquelle que nos Campos Maratonios  
 O gram poder de Dario esirue & rende,  
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios  
 O passo de Termopilas defende,  
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,  
 Que com todo o poder Tusco contende  
 E' a' defesa da ponte, ou Quinto Fabio  
 Foy como este na guerra forte & sabio.

Mas neste passo a Nimpba o som canoro  
 Abaxando, fez ronco & entristecido,  
 Cantando em baxa voz enuolta em choro  
 O grande es'forço mal agradecido:  
 O Belisario, disse, que no coro  
 Das Musas seras sempre engrandecido,  
 Se em ti viste abatido o brauo Marte,  
 Aqui tens com quem podes consultar-te.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Aqui tens companheiro assi nos feitos  
Como no gal. r. lam injusto & duro,  
Em ti & nulle veremos altos peitos,  
Abixo stado vir humilde, & escuro:  
Morrer nos hosp. tais em pobres leitos,  
Os que ao Rey, & aa ley seruem de muro,  
Isto fazem os Reis, cuja vontade  
Manda m. is que a justiça & que a verdade.

Isto fazem os Reis, quando embebidos  
Nua apparencia brande que os contenta,  
Dão os premios de A. ue merecidos,  
Aa lingua vaã de Vlisses fraudulenta:  
Mas virgome que os bens mal repartidos  
Por quem so doces sombras apresenta,  
Senão os dam a sabios caualeiros,  
Dão os logo a auarentos lisongeiros.

Mas tu de quem ficou tam mal pagado  
Hum tal vassallo, o Rey so nisto inico,  
Se naves pera darlhe honroso estado,  
He elle pera darte hum reino rico:  
Em quanto for o mundo rodeado  
Dos Apolineos rayos, eu te fico  
Que elle seja entre a gente illustre & claro  
Et tu nisto culpado por auaro.

Mas



Mas eis outro, cantava, intitulado  
 Vem com nome real, & traz consigo  
 O filho, que no mar sera illustrado  
 Tanto como qualquer Romano antigo:  
 Ambos darão com braço forte, armado,  
 A Quiloa fertil aspero castigo,  
 Fazendo nella Rey leal & humano,  
 Deitado fora o perfilo Tirano.

Tambem faram Mombaça, que se arrea  
 De casas sumptuosas & edificios,  
 Co ferro & fogo seu, queimada & fea,  
 Em pago dos passados maleficios:  
 Depois na costa da India, andando chea  
 De lenhos inimigos, & arteficios,  
 Contra os Lusos: com vellas, & com remos  
 Omancebo Lourenço farà estremos.

Das grandes naos, do Samorim potente,  
 Que encheram todo o mar, coa ferrea pela  
 Que sae com trouão do cobre ardente,  
 Fara pedaços leme, masto, vela,  
 Depois lançando arpeos ousadamente  
 Na capitaina immiga: dentro nela  
 Saltando, a fura so com lança & espada  
 De quatro centos Mouros despejada.

Mas

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Mas de Deos a escondida prouidencia,  
Que ella so sabe o bem de que se ferue,  
O pora onde esforço, nem prudencia  
Podera auer que a vida lhê reserue:  
Em Chaul, onde em sangue & resistencia  
O mar todo com fogo & ferro ferue,  
Lhe faram que com vida se nam saya  
As armadas de Egipto & de Cambaya.

Ali o poder de muitos inimigos  
Que o grande esforço, so com fôrça rende  
Os ventos que saltaram & os perigos  
Do mar que sobejaram, tudo o offende.  
Aqui resurjam todos os antigos,  
A ver o nobre ardor que aqui se aprende,  
Outro Scena verão que espedaçado  
Nam sabe ser rendido nem domado.

Com toda hũa coxa fora que em pedaços  
Lhe leua hum cego ti o que passara,  
Se ferue inda dos animojos braços,  
E do gram coraçam que lhe fiçara:  
Ate que outro piluro quebra os laços,  
Com que co alma o corpo se liara,  
Ella solta voou da prisam fora,  
Onde subito se acha vencedora.

Vayte

Vayte alma em paz da guerra turbulenta,  
 Na qual tu mereceste paz serena,  
 Que o corpo que em pedaços se apresenta  
 Quem o gerou vingança ja lhe ordena:  
 Que eu ouço retumbar a gram tormenta,  
 Que ven ja dar a dura & eterna pena,  
 De E speras, Basilucos, & trabucos,  
 A Cambaicos crueis & a Mamelucos.

Eis vem o pay com animo estupendo,  
 Trazendo furia & magoa por antolhos  
 Com que o paterno amor lhe está mouendo  
 Fogo no coração, ago: nos olhos:  
 A nobre yra lhe vinha prometendo  
 Que o sangue fara dar pellos giolhos  
 Nas inimigas naos sentilo ha o Nilo,  
 Podêlo ha o Indo ver & o Gange ouuilo.

Qual o Turco cioso, que se ensaya  
 Pera a crua pelleja, os cornos tenta  
 No tronco dhum Carualho ou alta Faya  
 E o ar ferindo, as forças exprimenta:  
 Tal, antes que no seyo de Cambaya  
 Entre Francisco irado ni opulenta  
 Cidade de Dabul, a espada afia,  
 Abaxandolhe a tumita oujadia.

E logo

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

E logo entrando fero na enseada  
De Dio, illustre em cercos & batalhas,  
Fara espalhar a fraca & grande armada  
De Calecu, que remos tem por malhas:  
A de Melique Yaz acautelada,  
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,  
Fara yr ver o frio & fundo assento,  
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando  
A furia esperara dos vingadores,  
Verã braços & pernas yr nadando,  
Sem corpos, pello mar de seus senhores,  
Rayos de fogo yram representando,  
No cego ardor, os brauos domadores,  
Quanto ali sentiram olhos & ouvidos,  
E fumo, ferro, flamas & alaridos.

Mas ah, que desta prospera vitoria,  
Com que despois virã ao patrio Tejo  
Quasi lhe roubarã a famosa gloria  
Hum successo que triste & negro vejo  
O Cabo Tormentorio que a memoria  
Cos ossos guarlarã; nam tera pejo  
De tirar deste mundo aquelle esprito,  
Que nam tiraram toda a India & Egitto.

Ali Cafres seluagens poderam,  
 O que de stros inimigos nam poderam,  
 Erudos paos tsta los sos faram,  
 O que arcos & peluros nam fizeram,  
 Occultos os juizos de Deos sam,  
 As gentes vaãs que nam nos entenderam,  
 Chamãolbe fado mau, fortuna escura,  
 Sendo so providencia de Deos pura.

Mas õ que luz tamanha, que abrir sinto,  
 Dizia a Ninfa, & a voz alevantaua,  
 La no mar de Melinde em sangue tinto  
 Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:  
 Pelio Cunba tambem, que nunca extinto  
 Sera seu nome, em todo o mar que laua  
 As ilhas do Austro, & praias, q̄ se chamãõ  
 De sam Loureço, & è todo o Sul se afamãõ.

Esta luz he do fogo, & das luzentes  
 Armas, com q̄ o Albuquerque yra amãsindo  
 De Or-nuzos Parseos, por seu mal valentes,  
 Que refusam o jugo honroso & brando:  
 Ali verãõ as setas estri-lentes  
 Reciprocarse, a ponta no ar virando,  
 Contra quem as tirou, que Deos peleja  
 Por quem estende a fe da madre Igreja.

Ali

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Ali do salos montes nam defendem  
De corrupçam os corpos no combate,  
Que mortos poll: praya, & mar se estendem  
De Gerum, de Mazcate & Calayate:  
Ate que a força so de traço apren:lem  
A abaxar a ceruiz, on te se lhe ate  
Obrigaçam de dar o reyno unico  
Das perlas de Barem tributo rico.

Que gloriosas palmas tecer vejo,  
Com que victoria a fronte lhe ceiroa,  
Quando sem sombra vã de medo, ou pejo  
Toma a ilha illustrissima de Goa:  
De spois, obedecendo ao duro enfejo  
A deixa, & occasiam esp:ra boa,  
Com q̃ a torne a tomar, que e forço & arte  
Venceram a fortuna, & o proprio Marte.

Eis ja sobrell: torna & vây rompendo  
Por muros, fogo, lanças & pilatros,  
Abrindo com a espada o spisso, & herendo  
Esquadram de Gentis, & de Mouros:  
Iram soldados inclitos fazendo  
Mais que Lioes famelicos. & Touros,  
Na luz que sempre celebra & dma  
Sera da Egipcia sancta Caterina

Nem

Nem tu menos fugir poderas deste,  
 Posto que rica, & posto que assentada  
 La no gremio da Aurora onde nasceste,  
 Opulenta Malaca nomeada:  
 As setas venenosas que fizeste,  
 Os Crises com que ja te vejo armada,  
 Mil uos n' amorados, laos valentes.  
 Todos faras ao Luso obedentes.

Mai estanças cantará esta Syrena  
 Em louuor d' illustre Sino Albuquerque,  
 Mas alembrote hũa yra que o condena  
 Posto que a fama suã o mundo cerque:  
 O grande capitam, que o fido ordena  
 Que com trabalhos gloria eterna merque,  
 Mais ha de ser hum brando companheiro  
 Pera os seus, que juiz cruel & inteiro.

Mas em tempo que fomes, & asperezas  
 Doenças, febas, & trouões ardentes,  
 A saçam & o lugar fazem crupezas  
 Nos soldados a tolo obelientes:  
 Parece de selaticas brutezas,  
 De peitos inhumanos & insolentes,  
 Dar extremo suplicio pella culpa  
 Que a fraca humanidade & Amor des' u'pa.  
 Não

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Nam serà a culpa abominoso incesto,  
Nem violento estupro em virgem pura,  
Nem menos adulterio desonesto,  
Mas cūa escrava vil lasciuva & escura:  
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,  
Ou de usado a crueza fera & dura,  
Cos seus hūa ira infama nam refrea,  
Poēna fama alua noda negra & fea.

Vio Alexandre Apeles namorado

Da sua Campaspe, & deulha alegremente  
Nam sendo seu soldado esperimentado,  
Nem vendose num cerco duro & urgente:  
Sentio Ciro que andaua ja abrasado  
Araçpas, de Pantea em fogo ardente,  
Que elle tomara em guarda, & promessa  
Que nenhum mao desejo o venceria.

Mas vendo o Illustre Persa, que vencido  
Fora de amor, que em fim não tem defesa,  
Leuemente o perdoa, & foy seruido  
Delle num coiso grande em recompensa:  
Per força de ludita foy marido  
O ferrão Baldouino, mas dispensa  
Carlos pay della, posto em cousas grandes,  
Que viua, & pouoador seja de Frandes.

Mas



Mas proseguindo a Nimpha o longo canto,  
 De Soarez cantaua, que as bandeiras  
 Faria tremolar & por espanto  
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:  
 Midina abominabil teme tanto,  
 Quanto Meca, & Gidá, coas derradeiras  
 Prayas de Abasia: Barborá se teme,  
 Do mal de que o Emporio Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Taprobana,  
 La pello nome antigo tam famosa,  
 Quanto agora soberba & soberana,  
 Pella Cortiça calida, cheirosa,  
 Della dara tributo aa Lusitana  
 Bandeira, quando excelsa & gloriosa  
 Vencendo se erguera na torre erguida,  
 Em Columbo, dos proprios tam temida.

Tambem Sequeira as ondas Eritreas.  
 Diuidindo abria nouo caminho,  
 Pera ti grande imperio que te arreas  
 De seres de Candace & Sobá ninho:  
 Maçua com Cisternas de agoa cheas  
 Vera, & o porto Arquico ali vizinho  
 E fara descobrir remotas ilhas,  
 Que dam ao mundo nouas maravilhas.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Vira despois Meneses, cujo ferro  
Mais na Africa que cá tera pronado:  
Castigara de Ormuz Soberba o erro,  
Com lhe fazer tributo dar dobrado:  
Tambem tu Gama, em pago do desferro  
Em que estas & seras inda tornado,  
Cos titolos de Conde & d'honras nobres,  
Viras mandar a terra que descobres.

Mas aquella fatal necessidade,  
De' quem ninguem se exime dos humanos,  
Illustrado coa Regia dignidade,  
Te tirara do mundo & seus enganos:  
Outro Meneses logo, cuja ydade  
He mayor na prudencia que nos anos,  
Gouernarà & fara o ditoso Henrique,  
Que perpetua memoria delle fique.

Não vencera somente os Malabares,  
Destruindo Panane, com Coulete,  
Cometendo as Bombardas, que nos ares  
Se vingão so do peito que as comete:  
Mas com virtudes certo singulares,  
Vence os inimigos dalma todos sete  
De cubica triumpho & i continencia,  
Que em talidade he suma de excellencia.

Mas

Mas despois que as estrellas o chamarem,  
 Socederas ô forte Mazcarenhas,  
 E se injustos o mando te tomarem,  
 Prometote que fama eterna tenhas:  
 Pera teus inimigos confessarem  
 Teu valor alto, o fado quer que venhas  
 A mandar, mais de palmas cetroado,  
 Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintam, que tantos danos  
 Tera a Malaca muito tempo feitos,  
 Num so dia as injurias de milanos  
 Vingaras, co valor de illustres peitos,  
 Trabalhos & perigos inhumanos,  
 Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,  
 Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,  
 Tudo fico que rompas & sometas.

Mas na India cubica & ambicam,  
 Que claramente poem aberto o rosto  
 Contra Deos, & Iustica te faram  
 Vituperio nenhum, mas so desgosto:  
 Quem faz injuria vil, & sem rezam  
 Com forças & poder, em que esta posto,  
 Nam vence, que a vitoria verdadeira,  
 He saber ter justica nua & inteira.

Mas com tudo nam nego que Sampayo  
 Sera no esforço illustre & asinalado  
 Mostrando se no mar hum fero rayo,  
 Que de inimigos mil vera qualhado:  
 Em Bacanor fara cruel ensayo  
 No Malabar, pera que amedrontado  
 Despois a ser vencido delle venha  
 Cutiãle, com quanta armada tenha.

Enão menos de Dio a fera frota  
 Que Chaul temerã de grande & onçada,  
 Fara coa vista so perdida & rota,  
 Por Heitor da Silueira & destrocada:  
 Por Heitor Portugues de quem se nota,  
 Que na Costa Cambaica sempre armada,  
 Sera aos Guzarates tanto dano,  
 Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz socederã  
 Cunha, que longo tempo tem o leme  
 De Chale as torres altas erguerã  
 Em quanto Dio illustre delle treme,  
 O forte Baçaim se lhe darã,  
 Nam sem sangue porem que nelle geme  
 Melique, porque a força so de espada  
 A tranqueira soberba ve tomada.

Tras

Tras este vem Noronha, cujo auspicio  
 De Dio os Rumes feros afugenta,  
 Dio que o peito & bellico exercicio  
 De Antonio da silueira bem sustenta:  
 Fara em Noronha a morte o vsado officio,  
 Quando hum teu ramo, o Gama, se esprimeta  
 No gouerno do Imperio, cujo zelo  
 Com medo o roxo mar fara amarelo.

Das mãos do teu Esteuão vem tomar  
 As redeas hum, que ja sera illustrado  
 No Brasil, com vencer & castigar  
 O Pirata Frances ao mar vsado.  
 De spois Capitão mor do Indico mar,  
 O muro de Damão soberbo & armado,  
 Escala, & primeiro entra a porta aberta  
 Que fogo & frechas mil teram cuberta.

A este o Rey Cambaico soberbissimo  
 Fortaleza dara na rica Dio,  
 Porque contra o Mogor poderosissimo  
 Lhe ajude a defender o senhorio:  
 Despois yra com peito esforçadissimo  
 A tolher que nam passe o Rey Gentio  
 De Calecu, que asß. com quantos veyo  
 O fara retirar de sangue cheyo.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Destroira a cidade Repelim,  
Pondo o seu Rey com muitos em fugida:  
E despois junto ao cabo Comorim  
Hũa façanha faz esclarecida,  
A frota principal do Samorim,  
Que de stroir o mundo nam duuida,  
Vencerá co furor do ferro & fogo,  
Em si vera Beadala o Marcio jogo.

Tendo assi limpa a India dos immigos,  
Vira despois com cetro a governata,  
Sem que ache resistencia nem perigos,  
Que todos tremem delle & nenhum fala:  
So quis prouar os asperos castigos.  
Baticalá, que virá ja de Beadala,  
De sangue & corpos mortos ficou cheia  
E de fogo & trouões desfrida & fea.

Este sera Martinho, que de Marte  
O nome tem coas obras diriuado,  
Tanto em armas illustre em toda parte,  
Quanto em conselho sabio & bem cuidado:  
Socederlhe ha ali Castro, que o estandarte  
Portugues tera sempre leuantado,  
Conforme successor ao succedido  
Que hũ ergue Dio, outro o defende erguido:

Persas

Persas feroces, Abassis & Rumes  
 Que trazido de Roma o nome tem,  
 Varios de gestos, varios de costumes  
 Que mil nações ao cerco feras vem  
 Faram dos ceos ao mundo vãos queixumes  
 Por que hũs poucos a terra lhe detem,  
 Em sangue Portugues juram descritos  
 De banhar os bigodes retorcidos.

Basiliscos medonhos & Liões,  
 Trabucos feros, minas encubertas,  
 Sustenta Mazcarenhas cos barões,  
 Que tam ledos as mortes tem por certas:  
 Ate que nas mayores oppressões  
 Castro libertador, fazendo offertas  
 Das vilas de seus filhos, quer que fiquem  
 Com fama eterna, & a Deos se sacrificuem.

Fernando hum delles, ramo da alta pranta,  
 Onde o violento fogo com ruido,  
 Em pedaços os muros no ar leuanta,  
 Sera ali arrebatado, & ao cõsibido:  
 Alvaro quando o inuerno o mundo espanta,  
 E tem o caminho humido impedido,  
 Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,  
 Os ventos, & despois os inimigos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eis vem despois, o pay, que as ondas corta  
Com restante da gente Lusitana  
E com força & saber, que mais importa,  
Batalha dá felice & soberana:  
Hús paredes subindo escusam porta  
Outros a abrem, na fera esquadra insana  
Feitos faram tam dinos de memoria,  
Que nam caibam em verso, ou larga historia.

Este despois em campo se apresenta  
Vencedor forte & intrepido ao possante  
Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta  
Da fera multidão pradrupedante:  
Não menos suas terras mal sustenta  
O Hydaltham do braço triumphante  
Que castigando vay Dábul na costa  
Nem lhe escapou Pondã no sertão posta.

Estes & outros Barões por varias partes  
Dinos todos de fama & maravilha,  
Fazendo se na terra brauos Martes,  
Viram lograr os gostos desta Ilha:  
Varrendo triumphantes estandardes  
Pellas ondas, que corta a aguda quilha  
E acharão estas Nymphas & estas mesas,  
Que glorias & hōras sam de arduas empresas  
Assi



Assim cantava a Nympha & as outras todas  
 Com sonoro aplauso vozes dauam,  
 Com que festejão as alegres vodas,  
 Que com tanto prazer se celebravam:  
 Por mais que da Fortuna andem as rodas  
 Nũa consona voz todas soauam,  
 Nam vos hão de faltar, gente famosa,  
 Honra, valor, & fama gloriosa.

Depois que a corporal necessidade  
 Se satisfez do mantimento nobre,  
 E na armonia & doce suauidade,  
 Virão os altos feitos, que descobre  
 Thetis de graça ornada, & gravidade,  
 Pera que com mais alta gloria dobre,  
 As festas deste alegre & claro dia  
 Pera o felice Gama assim dizia.

Faz te merce barão a Sapiencia  
 Suprema, de cos olhos corporais  
 Veres, o que nam pode a vã ciencia  
 Dos errados & miseros mortais:  
 Sigueme firme & forte com prudencia  
 Por este monte espesso, tu cos mais:  
 Assim lhe diz, & o guia por hum mato  
 Arduo, difficil, duro a humano trato.

Não

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Nam andão muito que no erguido cume  
Se acharão, onde hum campo se esmaltava,  
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume  
A vista, que diuino chão pisava:  
Aqui hum globo vem no ar; que o lume  
Clarissimo por elle penetraua,  
De modo que o seu centro esta euidente,  
Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja nam se enxerga,  
Mas enxergasse bem que está composto  
De varios orbes, que a diuina verga  
Compos, & hum centro a todos so tem posto:  
Voluendo, ora se abaxe, agora se erga,  
Nunca sergue, ou se abaxa, & hū mesmo rosto  
Por toda a parte tem, & em toda a parte  
Começa & acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em si sustido,  
Qual em fim o Archetipo, que o criou:  
Vendo o Gama este globo, comouido  
De espanto & de desejo alificou,  
Dizlhe a Deosa, O irasunto reduzido  
Em pequeno volume aqui te dou  
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas  
Por onde vas, & iras, & o que deijas.

Ves

Ves aqui a grande machina do mundo,  
 Eterea, & elemental, que fabricada  
 Assim foy do saber alto, & profundo,  
 Que he sem principio, & meta limitada,  
 Quem cerca em derredor este rotundo  
 Globo, & sua superficie tam limada,  
 He Deos, mas o q̄ he Deos ninguẽ o entende,  
 Que a tanto o engenho humano não se estẽde.

Este orbe que primeiro vay cercando  
 Os outros mais pequenos, que em si tem,  
 Que està com luz tão clara radiando,  
 Que a vista cega, & a mente vil tambem  
 Empireo se nomea, onde logrando  
 Puras almas estão de aquelle bem,  
 Taminho, que elle so se entende & alcança,  
 De quem não ha no mundo semelhança.

Aqui so verdadeiros gloriosos  
 Diuos estão, porque eu, Saturno & Iano  
 Iupiter, Iuno, fomos fabulosos  
 Fingidos de mortal & cego engano:  
 So pera fazer versos deleitosos  
 Seruimos, & se mais o trato humano  
 Nos pode dar, he so que o nome nosso  
 Nestas estrellas pos o engenho vasso.

Etãobẽ

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

E tambem porque a santa prouidencia,  
Que em Iupiter aqui se representa,  
Por espiritos mil, que tem prudencia,  
Gouerna o mundo todo, que sustenta:  
Insinalo a prophetica sciencia,  
Em muitos dos exemplos, que apresenta,  
Os que sam bõs, guiando fauorecem,  
Os maos, em quanto podeu nos empecem.

Quer logo aqui a pintura que varia,  
Agora deleitando, ora insinando,  
Dar-lhe nomes, que a antiga Poesia  
A seus Deoses ja dera, fabulando:  
Que os Anjos de celeste companhia  
Deoses o sacro verso está chamando,  
Nem nega que esse nome preminente,  
Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

Em fim que o sumo Deos, que por segundas  
Causas obra no mundo, tudo manda;  
E tornando a contarte das profundas  
Obras da mão diuina veneranda,  
Debaxo deste circulo onde as mundas  
Almas diuinas gozão, que nam anda,  
Outro corre tam leue & tam ligeiro,  
Que não se enxerga, he o Mobile primeiro.

Com

Com este raptó & grande mouimento,  
 Vão todos os que dentro têm no seyo  
 Por obra deste, o Sol andando a tento  
 O dia & noite faz, com curso alheyo:  
 Debaxo deste leue anda outro lento,  
 Tam lento, & sojugado a duro freyo,  
 Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso  
 Dozentos cursos faz, da elle hum passo.

Olha estoutro debaxo, que esmaltado  
 De corpos lisos anda, & radiantes,  
 Que tambem nelle tem curso ordenado,  
 E nos seus axes correm scintilantes:  
 Bem ves como se veste & faz ornado  
 Co largo cinto douro, que estrellantes  
 Animais doze traz afigurados,  
 Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,  
 Que as estrellas fulgentes não fazendo.  
 Olha a carreta, atenta a Cinosura,  
 Andromeda, & seu pay & o drago horrêdo:  
 Vê de Cassiopea a fermosura,  
 E do Oriente o gesto turbulento,  
 Olha o Cisne morrendo que sóspira,  
 A Lebre, os Cães, a Nao, & a doce Lira.

Debaxo

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Debaxo deste grande firmamento,  
Ves o ceo de Saturno Deos antigo,  
Iupiter logo faz o mouimento,  
E Marte abaxo bellico inimigo,  
O claro olho do ceo no quarto assento,  
E Venus, que os amores traz configo,  
Mercurio de eloquencia soberana,  
Com tres rostos debaixo vay Diana.

Em todos estes orbes, diferente  
Curso veras, nũs graue, & noutros leue;  
Ora fogem do centro longamente,  
Ora da terra estam caminbo breue,  
Bem como quis o padre omnipotente  
Que o fogo fez, & o ar, o vento & neuẽ,  
Os quaes veras que jazem mais a dentro,  
E tem co mar a terra por seu centro.

Neste centro pouxada dos humanos,  
Que nam somente ousados se contentam  
De soffrerem da terra firme os danos  
Mas inda o mar instabile esperimentam,  
Veras as varias partes, que os insanos  
Mares diuidem, oude se apouentam  
Varias nações, que mandão varios Reis,  
Varios costumes seus, & varias leis.

Ves

Ves Europa Christãã mais alta & clara  
 Que as outras em policia & fortaleza:  
 Ves Africa dos bens do mundo auara  
 Inculta, & toda chea de bruteza,  
 Co Cabo que ate qui se vos negara,  
 Que assentou per a o Austro a natureza:  
 Olha essa terra toda, que se habita.  
 Dessa gente sem ley, quasi infinita.

Vê do Benotapa o grande imperio,  
 De seluatã gente, negra & nua:  
 Onde Gonçalo morte & vituperio,  
 Padecerã, polla se sancta sua:  
 Nace por aste incognito Hemisperio,  
 O metal, porque mais a gente sua,  
 Ve que do lago, donde se derrama:  
 O Nilo, tambem vindo estã Cuama.

Olha as casas dos negros, como estam  
 Sem portas, confiados em seus ninhos  
 Na justiça real, & defensam,  
 E na fidelidade dos vizinhos:  
 Olha delles a bruta multidam  
 Qual bãdo espesso & negro de Estorninhos  
 Combaterã em Sofa a a fortaleza,  
 Que defendera Nhaya com destreza,  
 Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha la as alagoas, donde o Nilo  
Nace, que nam souberam os antigos  
Velo rega, gerando o Crocodilo,  
Os pouos Abassis de Christo amigos,  
Olha como sem muros (novo estulo)  
Se defendem melhor dos inimigos,  
Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama  
Que ora dos naturais Nobá se chama.

Nesta remota terra, hum filho teu  
Nas armas contra os Turcos sera claro,  
Ha de ser dom. Christouam o nome seu,  
Mas contra o fim fatal nam ha reparo:  
Ve ca a costa do mar, onde te deu  
Melinde hospicio gasalhofo & caro  
O Rapto rio nota, que o romance  
Da terra chama Obi, entra em Quilmanee:

O cabô ve ja Aromatâ chamado,  
E agora Goardafu dos moradores,  
Onde começa a boca do afamado  
Mar roxo, que do fundo toma as cores  
Este como limite esta lançado  
Que diuide Asia de Africa & as milhores  
Pouoações, que parte Africa tem  
Maçua sam, Arquico, & Suamquem.



Ves o extremo Suez, que antigamente  
 Dizem que foy dos Heroas a cidade,  
 Outros dizem que Arsinoe, & ao presente  
 Tem das frotas do Egipto a potestade:  
 Olha as agoas, nas quaes abriu patente  
 Estrada o gram Mousés na antiga ydade  
 Asia começa aqui, que se apresenta  
 Em terras grande, em reinos opulenta:

Olha o monte Sinay, que se ennobrece  
 Co sepulchro de sancta Caterina,  
 Olha Toro & Gida, que lhe falece  
 Agoa das fontes doce, & cristalina:  
 Olha as portas do estreito, que fenece  
 No reyno da seca Adem, que confina  
 Com a serra Darzira, pedra vna,  
 Onde chuua dos Ceos se não derina.

Olha as Arabias tres, que tanta terra  
 Tomão, todas da gente vaga & baça,  
 Donde vem os caualos pera a guerra  
 Ligeiros & feroces, de alta raça:  
 Olha a costa que corre ate que cerra  
 Outro estreito de Persia, & faz a traça  
 O Cabo, que co nome se apellida,  
 Da cidade Fartaque ali sabida.

Z Olha

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Olha Dofar insigne, porque manda  
O mais cheiroso encenço pera as aras:  
Mas atenta ja ca destoutra banda  
De Rocalgate & prayas sempre auaras,  
Começa o reino Ormuz, que todo se anda  
Pellas ribeiras queinda seram claras  
Quando as gales do Turco & fera armado  
Vuem de Castel branco nua a espada.

Olha o Cabo Asaboro, que chamado  
Agora he Moçandão dos nauegantes.  
Por aqui entra o lago, que he fechado  
De Arabia, & Persias terras abundantes.  
Atenta a ilha Borem, que o fundo ornado  
Tem das suas perlasricas & imitantes  
Aa cor da Aurora: & ve na agoa salgada  
Ter o Tigris & Eufrates hũa entrada.

Olha da grande Persia o imperio nobre  
Sempre posto no campo, & nos cavalos,  
Que se injuria de vsar fundido cobre,  
E de nam ter das armas sempre os calos:  
Mas ve a ilha Gerum, como descobre  
O que fazem do tempo os interualos,  
Que da cidade Armuzza, que ali esteue  
Ella o nome despois, & a gloria teue.

Aqui

Aqui de dom Felipe de Meneses

Se mostrará a virtude em armas clara,  
 Quando com muito poucos Portuguezes  
 Os muitos Parseos vencerá de Lara:  
 Virão prouar os golpes & reueses  
 De dom Pedro de Sousa, que prouara  
 Ia seu braço em Ampaza, que deixada  
 Terá por terra a força jo de espada.

Mas deixemos o estreito & o conhecido

Cabo de lasque dito ja Carpella,  
 Com todo o seu terreno mal querido  
 Da natura, & dos dões vsados della,  
 Carmania teue ja por apelido:  
 Mas ves o fermoso lndo, que daquella  
 Altura nace junto aa qual tambem  
 Doutra altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Vlconde fertilissima,

E de laquete a intima enseada,  
 Do mar a enchente subita grandissima,  
 E a vazante que foge apressurada:  
 A terra de Cambaya ve riquissima,  
 Onde do mar o seo faz entrada,  
 Cidades outras mil, que vou passando,  
 A vos outros aqui se estam guardando.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ves corre a costa cèlebre Indiana  
Perao Sul, ate o cabo Comori  
La chamado Cori, que T aprobana  
(Que ora he Ceilão.) defronte tem de si.  
Por este mar a gente Lusitana  
Qua com armas virá despois de ti,  
Terá vitorias terras, & cidades  
Nas quaes ham de viuer muitas ydades,

As prouincias, que entre hum & o outro rio  
Ves com varias nações, sam infinitas:  
Hum reyno Mahometa, outro Gentio,  
A quem tem o Demonio leis escriptas.  
Olha que de Narsinga o senhorio  
Tem as reliquias sanctas & benditas,  
Do corpo de Thome, barão sagrado,  
Que a Iesu Christo teue a mão no lado

Aqui a cidade foy, que se chamaua  
Meliapor, fermosa, grande & rica:  
Os Idolos antigos adoraua:  
Como inda agora faz a gente inica:  
Loñge do mar naquelle tempo estaua:  
Quando a fe, que no mundo se pubrica,  
Thome vinha prégando, & ja passara  
Prouincias mil do mundo, que insinara

Chegado

Chegado aqui prégando e junto dando  
 A doentes saúde, a mortos vida  
 A caso traz hum dia o mar vagando,  
 Hum lenho de grandeza desmedida:  
 Deseja o Rey, que andava edificando,  
 Fazer delle madeira, e nam duvida  
 Poder tiralo a terra com possantes  
 Forças dhomês, de engenhos de Aliphantes.

Era tam grande o peso do madeiro  
 Que so pera abalar se, nada abasta,  
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro,  
 Menos trabalho em tal negocio gasta:  
 Ata o cordão que traz por derradeiro  
 No tronco, e facilmente o leua e arrasta  
 Pera onde faça hum sumptuoso templo,  
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se com se formoda  
 Mandar a hum monte surdo, que se moua,  
 Que obedecer à logo aa voz sagrada,  
 Que a selho insinou Christo, e elle o proua:  
 A gente ficou disto aluorocada,  
 Os Bramenes o tem por cousa noua,  
 Vendo os milagres, vendo a santidade,  
 Hão medo de perder autoridade.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Sam estes sacerdotes dos Gentios,  
Em quem mais penetrado tinha enveja,  
Buscão maneiras mil, buscam de juios  
Com que Thome nam se ouça, ou morto seja:  
O principal, que ao peito traz os fios,  
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,  
Que inimiga não ha tam dura, & fera,  
Como a virtude falsa dá sincera.

Hum filho proprio mata, logo acusa  
De homicidio Thome, que era innocente  
Dá falsas testemunhas, como se usa  
Condenarã no a morte breuemente:  
O Santo que nam vê milhor escusa,  
Que apellar pera o Padre omnipotente,  
Quer diante do Rey, & dos senhores,  
Que se faça hum milagre dos mayores.

O corpo morto man la ser trazido  
Que refucite, & seja perguntado,  
Quem foy seu matador, & sera crido:  
Por testemunho o seu mais aprouado:  
Viram todo, o moço viuo erguido  
Em nome de Iesu crucificado,  
Da graças a Thome, que lhe deu vida  
E descobre seu pay ser homociã.

Este

Este milagre fez tamanbo espanto,  
 Que o Rey se banha logo na agoa santa,  
 E muitos apos elle, hum beya o manto.  
 Outro louuor do Deos de Thome canta:  
 Os Bramenes se encheram de odio tanto,  
 Com seu veneno os mardo enueja tanta,  
 Que persuadindo a isso o pouo rudo,  
 Determinão matalo em fim de tudo.

Hum dia que piégando ao pouo estaua,  
 Fingirão entre a gente hum arido,  
 Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,  
 Que padecendo fosse ao Ceo subido:  
 A multição das pedras, que voaua,  
 No Santo dá ja a tudo offerecido,  
 Hum dos maos por fartar se mai de pressa  
 Com crua lança o pesto lhe atrauessa

Chorarão te Thome, o Gange & o Indo,  
 Choroute toda a terra que pisaste,  
 Mais te choram as almas, que vestindo  
 Se yão da sancta Fe que lhe insinaste:  
 Mas os Anjos do ceo cantando & rindo,  
 Te recebem na gloria que ganbaste,  
 Pedimos te, que a Deus ajuda peças,  
 Com que os teus Lusitanos faureças.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

E vos outros que os nomes vsurpais  
De mandados de Deos, como Thome,  
Dizey se sois mandados, como estais  
Sem yrdes a prèzar a sancta fe?  
Olhay que se sois Sal, & vos danais  
na patria, onde Propheta ninguem he,  
Com que se filgarão em nossos dias:  
(Infiéis deixo) tantas Heresias?

Mas passo esta materia perigosa,  
E tornemos aa costa debuxada,  
Ia com esta cidade tam famosa,  
Se faz curua a Gangetica enseada,  
Corre Narsingarica, & poderosa,  
Corre Orixá de roupas abustada,  
No fundo da enseada o illustre rio  
Ganges vem ao salgado senborio.

Ganges, no qual os seus habitadores  
Mórrem banhados, tendo por certeza,  
Que inda que sejam grandes peccadores:  
Esta agoa sancta os lava, & dá pureza:  
Ve Cathigão cidade das milhores  
De Bengala prouincia, que se preza:  
De abundante, mas olha que está posta:  
Pera o Austro daqui virada a costa.

Olha:



Olha o reyno Arracão, olha o assento  
 De Pegu, que ja môstros pouoaram,  
 Môstros filhos do feo ajuntamento  
 Dhãa molher & hũcão, que sos se acharam:  
 Aqui foante arame no instrumento  
 Da geraçam costumão, o que vsaram  
 Por manha da Raynha, que inuentando  
 Tal vso, deitou fora o error nefando.

Olha Tauay cidade, onde começa  
 De Sião largo o imperio tam comprido,  
 Tenassari, Quedá, que he so cabeça  
 Das que Pimenta ali tem produzido:  
 Mais auante fareis que se conheça  
 Malaca, por Emperio ennobrecido,  
 Onde toda a prouincia do mar grande,  
 Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que desta terra coas possantes  
 Ondas o mar entrando diuidio,  
 A nobre Ilha Samatra, que ja dantes  
 Iuntas ambas a gente antiga vio:  
 Chersoneso foy dita, & das prestantes  
 Veas douro, que a terra produzio,  
 Aurea por epitheto lhe ajuntaram,  
 Alguns que fosse Ophir ymaginaram.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Mas na ponta da terra Cingapura

Veras, onde o caminho aas naos se estreita,

Diqui tornando a costa aa Cynosura

Se encurua, & pera a Aurora se endereita:

Ves Pam, Patane, reinos & a longura

De Syão que estes & outros mais fugiús

Olha o rio Menão, que se derrama

Do grande lago que Chiamay se chama:

Ves neste gram terreno os diferentes

Nomes de mil nações nunca sabidas,

Os Laos em terra & numero potentes,

Auás, Bramas, por serras tam compridas:

Ve nos remotos ventos outras gentes

Que Gueos se chamão de seluages vidias,

Humana carne comem, mas a sua

Pintão com ferro ardente, vsança crua.

Ves passa por Camboja Mecom Rio,

Que capitão das agoas se interpreta,

Tantas recebe doutro so no estio,

Que alaga os campos largos, & inquieta,

Tem as enchentes quares o Nilo frio,

A gente delle crê como indiscreta,

Que pena & gloria tem despois de morte

Os brutos animais de toda sorte.

Este

Este receberá placido & brando,  
 Não seu regaço os Cantos, que molhados  
 Vem do naufragio triste, & miserando,  
 Dos procel-sos baxos escapados:  
 Das fomes, dos perigos grandes, quando  
 Será o injusto mando executado  
 Naquelle, cuja Lira sonora,  
 Sera mais affamada que ditosa.

Ves corre a costa que Champà se chama,  
 Cuja mata he do pro cheiroso ornada,  
 Ves Cauchichina está de escura fama,  
 E de Ainão ve a incognita enseada,  
 Aqui o soberbo imperio, que se afama  
 Com terras & riqueza nam cuidada,  
 Da China corre, & occupa o senhorio  
 Desde Tropico ardente ao Cinto frio:

Olha o muro, & edificio nunca crido,  
 Que entre hum imperio & o outro se edifica  
 Certissimo sinal, & conhecido,  
 Da potencia real, soberba & rica:  
 Estes o Rey que tem não foy nacido  
 Principe, nem dos pais aos filhos fica  
 Mas elegem aquelle que he famoso  
 Por caualeiro sabio & virtuoso.

Inda

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Inda outra muita terra se te esconde,  
Ate que venha o tempo de mostrarse,  
Mas nam deixes no mar as Ilhas, onde  
A natureza quis mais affamar-se:  
Esta mea escondida que responde  
De longe aa China donde vem buscar-se,  
He lapão, onde nace a prata fina,  
Que illustrada sera coa Ley divina.

Olha ca pellos mares do Oriente  
As infinitas Ilhas espalhadas  
Ve Tidore, & Tarnate, co feruente  
Cume, que lança as flamas ondeadas  
As aruores verás do Crauo ardente,  
Co sangue Portugues inda compradas,  
Aqui ha as aureas aues, que nam decem  
Nunca a terra, & so mortas aparecem.

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam  
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,  
As aues variadas, que ali saltam,  
Da verde Noz tomando seu tributo:  
Olha tambem Borneo, onde nam faltam  
Lagrimas, no licor qualhado & enxuto,  
Das aruores, que Canfora he chamado,  
Com que da Ilha o nome he celebrado.

CANTO DECIMO. 1183.

Ali tambem Timor, que o lenho manda  
 Sândalo salutifero & cheiroso,  
 Olha a Sunda tam larga, que hũa banda  
 Esconde pera o Sul difficultoso:  
 Agente do Sertão, que as terras anda,  
 Hum rio diz que tem miraculoso,  
 Que por onde elle so sem outro vae,  
 Conuerte em pedra o pao que nelle cae.

Ve naquella que o tempo tornou Ilha,  
 Que tambem flamas tremulas vapora,  
 A fonte que oleo mana, & a marauilha  
 Do cheiroso licor, que o tronco chora,  
 Cheiroso mais que quanto estila a filha  
 De Cyniras, na Arabia onde ella mora,  
 E ve que tendo quanto as outras tem,  
 Branda feda & fino ouro dà tambem.

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta  
 Tanto, que as nuuês passa, ou a vista engana  
 Os naturaes o tem por cousa sancta,  
 Polla pedra onde está a pégada humana:  
 Nas ilhas de Maldiu nasce a pranta  
 No profundo das agoas soberana,  
 Cujos pomo contra o veneno vrgente  
 He tido por Antidoto excelente.

Veras

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Veras de fronte estar do roxo estreito  
Socotora co amaro Aloe famosa,  
Outras ilhas no mar tambem sogeito  
A vos, na costa de Affrica arenosa,  
Onde sae do cheiro mais perfeito  
A massa ao mundo occulta e preci sa,  
De Sam Lourenço de a Ilha afamada,  
Que Madagascar he dalguis chamada.

Eis aqui as novas partes do Oriente,  
Que vos outros agora ao mundo dais,  
Abrindo a porta ao vasto mar patente  
Que com tam forte peito nauegais:  
Mas he tambem razao, que no Ponente  
Dhum Lusitano hum feito inda vejais,  
Que de seu Rey mostrandose agrauado  
Caminho ha de fazer nunca cuidada.

Vedes a grande terra que continua  
Vay de Calisto ao seu contrario polo,  
Que soberba a farã a luzente mina  
Do metal, que a cor tem do louro Apolo  
Castella vossa amiga sera dina  
De linca: lhe o colar ao rudo colo,  
Varias provincias tem de varias gentes  
Em ritos e costumes diferentes.

Mas

Mas caõnde mais se alarga, ali tereis  
 Parte tambem co pao vermelho nota,  
 De Sancta Cruz o nome lbe poreis,  
 Descubri-la ha a primeira vossa frota:  
 Ao longo desta costa que tereis  
 Irá buscando a parte mais remota  
 O Magalhães, no feito com verdade  
 Portugues, porem não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,  
 Que ao Ant artico polo vay da linha,  
 Dhuã estatúra quasi Gigantea  
 Homês vera, dá terra ali vizinha:  
 E mais auante o estreito, que se arrea  
 Conome delle agora, o qual caminha  
 Pera outro mar & terra que fica onde  
 Com suas frias asas o Austro a esconde.

Ate qui, Portugueses concedido  
 Vos he saberdes os futuros feitos,  
 Que pello mar, que ja deixais sabido,  
 Viram fazer barões de fortes peitos:  
 Agora, pois que tendes apreendido  
 Trabalhos, que vos façam ser aceitos  
 As eternas esposas, & fermosas,  
 Que coroas vos tecem gloriosas.

Podéis

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Podeis vos embarcar, que tendes vento  
E mar tranquilo pera a patria amada;  
Assi lhe disse, & logo mouimento  
Fazem da Ilha alegre & namorada:  
Leuão refresco, & nobre mantimento,  
Leuão a companhia desejada,  
Das Nymphas que ham de ter eternamente,  
Por mais tempo que o Solo mundo aquente.

Assi foram cortando o mar sereno,  
Com vento sempre manso, & nunca yrado,  
Ate que ouueram vista do terreno  
Em que naceram, sempre desejado:  
Entrarão pella foz do Tejo ameno,  
E a sua patria, & Rey temido & amado,  
O premio & gloria dão, porque mandou  
E com titolos novos se illustrou.

No mais Musa, no mais, que a Lira tenho  
Destemperada, & a voz enrouquecida  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda, & endurecida:  
O fauor com que mais se acende o engenho  
Não no dá a patria não, que está metida  
No gosto da cubica, & na rudeza  
Dhũa austera, apagada, & vil tristeza.  
Enão



E não sey por que influxo de destino  
 Não tem hum ledo orgulho, & geral gosto,  
 Que os animos leuanta de contino,  
 A ter pera trabalhos ledo o rosto:  
 Por isso vos ò Rey, que por diuino  
 Conselho estais no regio solio posto,  
 Olhay que sois (& vede as outras gentes)  
 Senhor so de vassallos excellentes.

Olhay que ledos vão, por varias vias,  
 Quaes rompentes liões, & brauos tourós,  
 Dando os corpos a fomes, & vigias,  
 A ferro, a fogo, a setas & pilouros:  
 A quentes regiões, a plagas frias  
 A golpes de Idolatras & de Mourós,  
 A perigos incognitos do mundo,  
 A naufragios, a pexes, ao profundo.

Por vos seruir a tudo aparelhados  
 De vos tam longe sempre obedientes,  
 A quaesquer vossos asperos mandados,  
 Sem dar reposta promptos & contentes,  
 So com saber que sam de vos olhados  
 Demonios infernais, negros & ardentes  
 Cometerão conuusco & nam duuido  
 Que vencedor vos fação, nam vencido.  
 Fauoreceyos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Fauoreceyos logo, & alegrayos  
Com a presença, & leda humanidade,  
De rigurosas leis desaliuayos,  
Que assi se abre o caminho aa sanctidade:  
Os mais esperimentados leuantayos,  
Se com a experiencia tem bondade,  
Pera vosso conselho, pois que sabem  
O como, o quando, & onde as cousas cabem,

Todos fauorecei em seus officios,  
Segundo tem das vidas o talento,  
Tenhão Religiosos exercicios  
De rogarem por vosso regimento,  
Com jejuns, disciplina, pellos vicios  
Comuns, toda ambição teram por vento,  
Que o bom Religioso verdadeiro,  
Gloria vãã não pretende nem dinbeiro.

Os Caualeiros tende em muita estima,  
Pois com seu sangue intrepido & feruente,  
Estendem não somente a ley de cõma,  
Mas inda vosso imperio preeminentes:  
Pois aquelles que a tam remoto clima  
Vos vão seruir com passo diligente,  
Dous inimigos vencem, hñs os viuos,  
(E o que he mais) os trabalhos excessiuos.

Fuzy

Fazez senhor que nunca os admirados  
Alemães, Galos, Italos, & Inglofes  
Põssam dizer que sam pera mandados,  
Mais que pera mandar os Portugueses:  
Tomay conselbo so desprimentados,  
Que virão largos anos, largos meses,  
Que posto que em cientes muito cabe,  
Mais em particular o experto sabe.

De Phormião Philosopho elegante  
Vereis co'no Anibal escarnecia,  
Quando das artes bellicas diante  
Delle com larga voz trataua & lia:  
A discip'ina militar prestante  
Nam se aprende senhor na fantasia  
Sonhando, imaginando, ou estudando,  
Se não vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo & rudo  
Devos não conhecido, nem sonbado?  
Da boca dos pequenos sey com tudo,  
Que o louvor se as vezes acabado,  
Nem me falta na vida honesto estudo  
Com longa esperiencia misturado,  
Nem engenho, que aqui vereis presente,  
Cousas que juntas se achão raramente.

Pera

OS LUSIADAS DE L. DE CA!

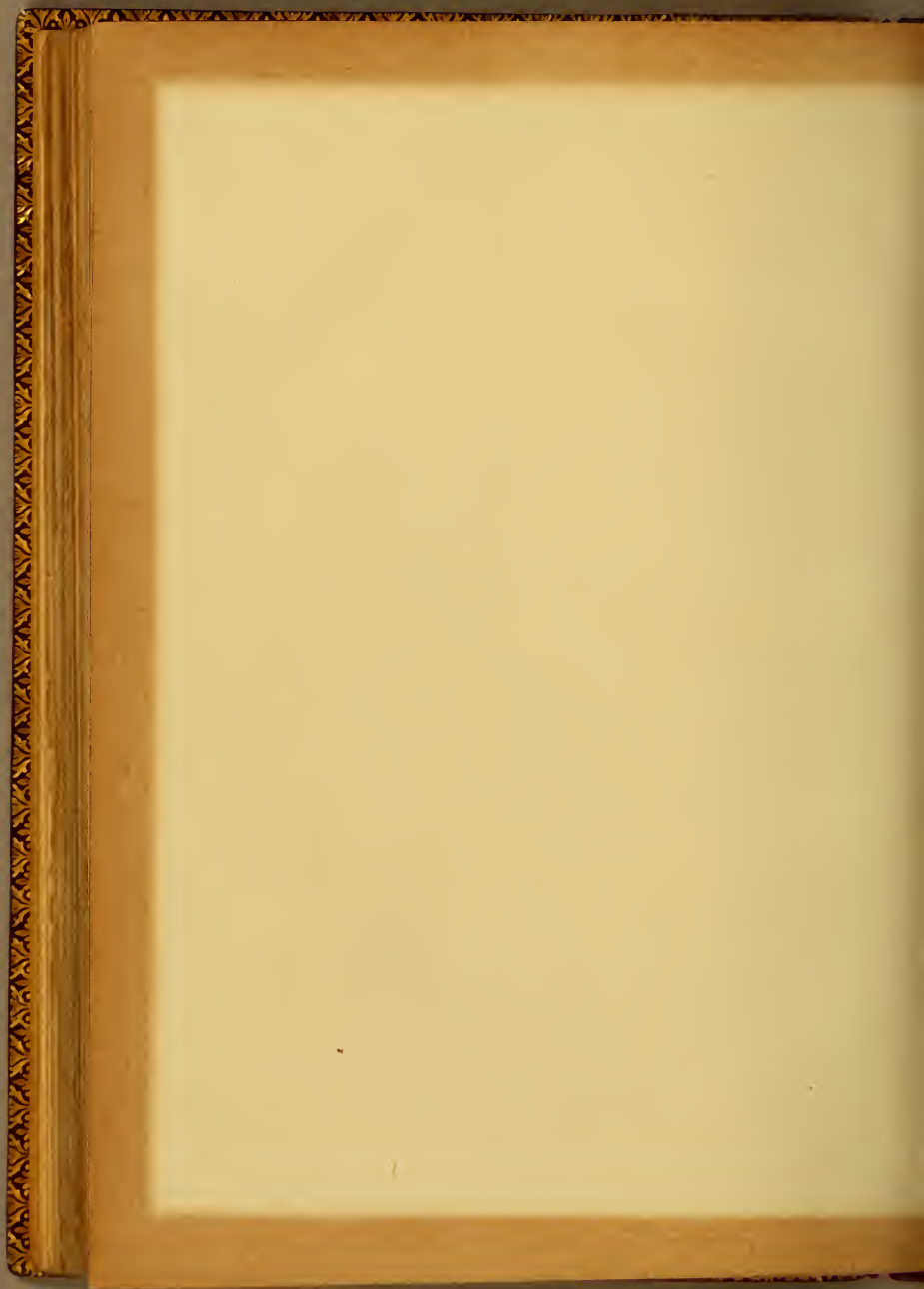
68-511  
De Nobre agent  
Cottet sole  
5-21-68

Pera seruiruos braço aas armas feito,  
Pera cantaruos mente aas Musas dada,  
So me falece ser a vos aceito  
De quem virtude deue ser prezada:  
Se me isto o ceo concede & o vosso peito  
Dina empresa tomar de ser cantada  
Como a presaga mente vaticina,  
Olhando a vossa inclinação diuina.

Ou fazendo que mais que a de Medusa  
A vista vossa tema o monte Atlante,  
Ou rompendo nos campos de Ampelusa  
Os mouros de Marrocos & Trudante,  
A minha ja estimada & leda musa,  
Fico, que em todo o mundo de vos cante  
De sorte que Alexandro em vos se veja,  
Sem aa dita de Achiles ter enueja.

F I M.





C572  
C1850e

